Escarlate III

Guerra Entre Irmãos

Cárlisson Galdino

Episódio 01: Dois Dias Depois

O Sol nasce na pequena cidade de Froik. Algumas casas ainda destruídas. Alguns mortos, os vivos felizes mas com certo desconforto.

A alegria das pessoas se deve ao fato de um estranho monstro ter sido finalmente expulso dali; e ao fato de um causador de problemas ter sido assassinado. O desconforto se deve ao fato de a filha do barão ter começado a agir de um outro modo.

Depois de combater arduamente contra um estranho, ela simplesmente se entregou a ele dizendo ser outra pessoa. Ninguém mais sabe no que acreditar. Afinal, trata-se de uma garota que já fez muito mal a tanta gente, que fez seus pais morrerem de tristeza sem deixarem qualquer herdeiro (a não ser a própria).

Próximo à única praça de Froik, na casa mais nobre da cidade, a casa da família Wetoar, aquela jovem problemática desperta com uma agradável música. Espreguiça-se na cama de casal, entre os lençois e se levanta para olhar a varanda.

Lá está o homem que é estranho a essas terras, que há dois dias lutava com uma jovem chamada Rubi e é essa mesma mulher que se levanta da sua cama, mas hoje atende pelo nome de Eve.

- Zand? - Eve se aproxima, enquanto ele se volta para ela. Na rua há pouco movimento. Basicamente pessoas se afastando para cuidar das terras, que é o que fazem dos seus dias.

- Bom dia, Eve...

- Você anda tão aéreo!

- Como assim?

- Anda estranho.

- Estranho como?

- Não sei. - Ela se senta na varanda, com o olhar perdido no horizonte. - Acho que sinto falta daquele tempo em que tínhamos um elo psíquico. Sinto como se não tivéssemos mais tanta intimidade quanto antes.

- Tínhamos mais intimidade do que temos hoje?

- Tínhamos. - Ela responde pouco antes de saltar para o térreo.

- Ei!

Zand suspira e vai em direção às escadas. Ainda não está totalmente recuperado daquela luta toda, por isso manca.

Na pequena hospedaria Zand chega, mancando, e encontra Eve sentada a uma mesa, esperando pelo café da manhã. Ele se aproxima e se senta também.

- Desculpa, Zand... Estou estressada. - Ela fala, deslizando a mão pela barba do bardo.

- Entendo. Toda essa confusão foi muito recente.

- Não só isso. Ainda não me acostumei com todas essas mudanças. Nós dois, esse corpo... Ele tem uma boa musculatura, mas uma musculatura de ladina, pra velocidade e não pra força. Vou ter que trabalhar melhor isso.

- Eve. - Ele a beija sutilmente.

- E ainda temos muito o que fazer. Estamos perdidos num fim de mundo e ninguém mais sabe que os Raxx foram derrotados.

- Isso é verdade.

- Quando você acha que estará bem de novo?

- Não sei. Talvez daqui a um mês ou dois.

- Hmmm...

Ele volta a tocar uma música calma com sua lira de pedras preciosas.

- Você ainda não esqueceu, não é?

- O quê?

- O dragão...

Zand não responde, apenas fecha os olhos enquanto prossegue com a música suave. Então, decide comentar.

- Eve, você acabou de falar que não havia se acostumado ainda com todas essas mudanças. Pois bem, eu também não. Se eu esqueci ou não o dragão, que importância isso teria agora? Tudo o que vivemos deixa lembranças, sejam boas ou ruins. Se eu lembro ou esqueço, isso não significa necessariamente nada.

- Tudo bem, desculpa perguntar.

Os dois esperam os pratos serem servidos por aquela adolescente magrinha de sempre.

- Aqui está, prima.

- Já disse que não sou sua prima! - Eve responde com autoridade.

- Tá, desculpa.

Zand arqueia as sobrancelhas e sorri.

- É, eles também não se acostumaram...

Eles comem em silêncio. Não há hóspedes hoje e os donos da hospedaria se alegram por terem para quem cozinhar.

- Sabe de uma coisa? Ela também não tinha te esquecido.

- Quem?

- Rubi.

- ...

- Foi por ela que eles deixaram você vivo lá na Serra do Fogo. Tinha horas que queria ter você por perto, tinha horas que queria te matar.

- Mas isso importa agora? - Zand pergunta, enquanto a abraça.

- É, talvez não...

“Zand, Zand... Como é que isso vai dar certo? Você tem dois fantasmas e eu ainda fico pensando o que sentiria por mim se eu estivesse no meu próprio corpo.”

Episódio 02: A Carta de Eve

O Sol nasce na pequena cidade de Froik. Zand desperta e olha ao redor: está só. Veste aquela roupa vinho e se lembra que é a última muda e que logo precisará arrumar outras.

Caminha mancando até a varanda e respira o ar tranquilo desta cidade tão calma. Dá vontade de tocar uma canção.

Zand entra novamente para buscar a lira de Knova, mas...

- Um bilhete?

“Bom dia, Zand. Estou partindo. Preciso de um tempo pra rever a minha vida. Achei que tinha uma posição bem definida depois de tantos anos parada, mas a prática é diferente da teoria.

“Não me pergunte o que isso significa em relação a nós dois, pois eu não sei.”

“Sei nem o que significa exatamente 'nós dois'!”

“Estou levando minha espada e o sabre, que penso ter esse direito. Peguei algum dinheiro emprestado e o Tornado está comigo. Não se preocupe, é só até chegar à próxima cidade. Sei muito bem que ele sabe voltar até seu dono e, em outra cidade, eu posso me virar sozinha.”

“Favor não levar a mal, 'Zandinho'.”

“Fique bom logo. A gente se vê.”

Zand se senta na cama pensativo.

“De novo... Outra carta...”

“Bom, fazer o que então? Não posso prendê-la aqui contra sua própria vontade.”

“O jeito que tem é esperar. Que escolha? Esperar o Tornado voltar e ver o que faço.”

Ele se levanta e sai até a hospedaria para tomar o café.

Já é noite e a praça é preenchida pelo som de uma lira. Não apenas o som de uma lira, mas pessoas também.

Praticamente todos os moradores de Froik estão ali, sentados, admirados vendo Zand tocar e aplaudindo a cada canção.

Zand está lá desde cedo da tarde. Sua intenção era aproveitar a brisa, mas com tanta gente a brisa reluta em se aproximar.

E assim o tempo passou, o dia terminou e veio a noite. Alguns moradores lhe trouxeram comida cordialmente e Zand, com educação, aceitou e agradeceu.

E tal é que ainda está lá, tocando. As crianças que ainda estão ali bocejam de sono, mas a população não se afasta. Não é sempre que há um espetáculo tão agradável aos ouvidos em Froik.

Para interromper a apresentação, num galope surge Tornado, de volta para seu dono.

- Tornado! Você está bem! - Zand se levanta e vai receber o velho amigo, com uns tapinhas no pescoço. Depois se vira para os cidadãos. - Perdão, meus amigos. J'á estou bem cansado por hoje e preciso dormir.

Lamentos gerais se ouve e alguém ainda pergunta:

- Amanhã a gente vem ouvir você de novo?

- Não, meus amigos, penso que não. Precisarei partir, ainda amanhã.

- Ah, que pena...

Ele se levanta e caminha em direção à sua casa provisória.

O Sol nasce na pequena cidade de Froik.. Se ontem foi o dia de Eve partir, é chegado o de Zand.

Já de pé, ele junta sua bagagem. Duas mudas limpas de roupa, as sujas ficam. Eve levou as espadas, mas

felizmente ele encontrou, ainda no primeiro dia depois do confronto com Rubi, a Roph-Raph.

Como suspeitava, estava ali, perto dela. Estava escondida sob a cama.

“Não quero ficar por aqui sozinho esses dias de que preciso para me recuperar. Vou aproveitar esse tempo para rever meu mestre Willen. Ele precisa saber das novidades, saber que triunfei e que voltei à música.”

Uma última olhada no quarto para assegurar que não esqueceu nada. Ao pegar a Roph-Raph, um som metálico lhe faz lembrar que ainda usa o anel da rainha Kreez; Eve está com o colar. Sorri ao especular se isso por acaso significaria alguma coisa, boa ou ruim.

Finalmente vai à escada e desce ao térreo. Abre a porta da rua e se surpreende.

- Bom dia, senhor...

- Zand.

- Senhor Zand!

São nove dos moradores, trazendo um pacote.

- Viemos nos despedir e desejar uma boa viagem! - uma adolescente fala com olhos vivos..

- E trouxemos esse pacote de provisões pra que tenha uma viagem sossegada. - A mulher mais velha lhe entrega o pacote, com comidas diversas.

Episódio 03: Vale de Oncial

O Vale do Oncial fica na região sudoeste do reino de Surdi, bem próximo da Floresta Noaknezt, uma floresta que se estende de Surdi até Noak.

O vale é uma área extensa protegida por relevos do terreno. No centro, uma cidade se abriga à proteção do que quer haja fora, uma cidade chamada também de Oncial.

Os habitantes de Oncial vivem principalmente da criação de animais para abate e da mineração.

Hoje, em plena tarde, um viajante se aproxima a cavalo. Um viajante feminino que já nos é conhecido.

Ao chegar no topo de um dos montes, Eve avista a cidade e respira o ar agradável do campo. Já esteve aqui algumas vezes, mas foi há quinhentos anos.

Ela vê que Oncial continua mais ou menos do mesmo tamanho, mas a cidade andou. Certamente casas foram sendo erguidas enquanto outras caiam (ou sabe-se lá que catástrofe natural motivou tais mudanças). Ela desce do Tornado.

- Bem, meu amigo, agora você deve voltar para o seu amo. Daqui por diante é por minha conta. - Dá um tapa leve em seu lombo. - Vai!

Tornado galopa para longe dali por cerca de um minuto. Desacelera e olha para trás, talvez para confirmar que não está sendo chamado de volta. Então prossegue em trote, a caminho de Froik.

- Ei, mocinha!

Eve se vira para a origem da voz e vê dois homens. Um traz um punhal, o outro duas adagas.

- Hmmm... Ela é bem gostosinha, né? Acho que a gente podia se divertir um pouquinho antes de deixá-la mais leve dos pertences.

- Tem razão.

- Hahahaha! - Eve gargalha e os dois estremecem por um momento. Então encara os dois, já com a mão direita no cabo do sabre, prestes a sacá-lo. - Que sorte a minha! Faz tempo que não pratico a espada, estou um tanto enferrujada. Poderiam fazer o favor de virem os dois ao mesmo tempo?

Eve caminha pela cidade com atenção, sob olhares variados. Seus olhos procuram uma hospedaria, enfim encontram.

- Boa tarde, moça!

- Boa tarde. Pode me dizer onde consigo um bom cavalo?

- Olha, moça... Por aqui está meio difícil. Vai para onde?

- Noak.

- Bem, se basta entrar em Noak, pode procurar o Bwao. Ele sempre viaja para lá uma vez por semana para levar metais e comprar suprimentos para o armazem de seu irmão.

- Deve servir. Pode dizer onde o encontro?

- Vá lá no armazém! Basta seguir nessa rua e pegar a terceira à esquerda.

- Obrigado. Ah, a propósito: você algum quarto livre?

- Claro que sim, moça! Pra uma moça bonita assim, até se não tivesse eu dava um jeito de desocupar um.

- ... Obrigada.

"É muito estranho ter esse corpo. Todo mundo me olha como se eu fosse um pedaço de bife!"

Chega ao tal armazém, que não tem qualquer indicação de que é um ponto comercial, a não ser por estar aberto e cheio de produtos.

- Boa tarde.

- Ho! Ho! Boa tarde, moça!

- Preciso chegar a Froik. Disseram-me que seu irmão costuma ir para lá.

- O Bwao! Claro, claro. Ele vai sim! Ele deve chegar amanhã.

- E quando parte de novo?

- Daqui a quatro dias.

- Tudo bem. Amanhã, onde o encontro?

Na pousada, Eve descansa da viagem.

“Sinto muito por ter que deixá-lo, Zand, mas o perigo ainda não terminou. Pena ter que deixá-lo assim, ainda ferido, mas seu quadro é estável e sei que vai ficar bem.”

“Essa droga de cidade não tem cavalos, é uma pena. Ou melhor, talvez esse Bwao esteja disposto a me vender algum amanhã. Tenho que chegar a Beufu antes deles.”

“De outro modo vai ser um saco ter que ancorar aqui por quatro dias inteiros. Se pelo menos houver um modo de eu praticar com a espada... Com aqueles dois meliantes lá atrás nem deu pra esquentar.”

Episódio 04: Reunião no Templo

Beniw, capital do reino de Noak. Um homem se aproxima do templo que é cuidado pelo monge Oacos. Um homem encapuzado a cavalo se aproxima. Ele para diante do pequeno templo, desmonta e caminha calmamente em direção à entrada.

- Boa tarde, meu amigo! - É como é recebido o visitante pelo monge.

O visitante tira o capus, mostrando seus cabelos loiros e seu rosto conhecido. É descendente de uma linhagem de bardos de Noak conhecida em todo o continente. Herdeiro dos talentos dos Woate. Dos talentos e da flauta Janliet.

- Boa tarde, Oacos! Como vai?

- Vou bem, na medida do possível. Vamos, entre! Não fique parado aqui na entrada que não convém.

- Tenho certeza que não, ainda mais com o clima na cidade.

O monge o conduz até uma sala no fundo do prédio, onde está Uglu limpando vasos.

- Viex? - Ele olha com estranheza.

- Boa tarde, meu amigo. Sinto muito pelo seu irmão e queria aproveitar o momento para me desculpar. Não agi bem com você naquele dia.

- Eu entendo. Queria botar as mãos nos Raxx. Aqueles... - Ele abaixa um pouco a cabeça, mas logo se recompõe. - O que o traz aqui?

- As notícias me conduzem. - Viex olha ao redor. - Onde está Breig?

- Ele saiu para fazer compras e aproveitar pra caminhar um pouco.

- Os dois tem me ajudado muito esses dias. - Oacos revela, enquanto se senta à mesa.

- É, vejo que sim! - Viex olha para Uglu com expressão de estranhamento.

É engraçado ver um sujeito que era tão irracional e feroz em um outro momento, agora concentrado limpando vasos.

- Na verdade – Uglu deixa os vasos de lado por um momento. - estamos prestes a ir embora. Já estamos bem e com saudades do mar.

- Oh... Mas vão tão cedo? Sabem que o templo é pequeno, mas que são bem-vindos aqui. Se quiserem ficar...

- Não, Oacos. Agradeço muito, muito mesmo! Quem é do mar não esquece o mar, é como dizem. Temos que procurar a DiaboM e voltar a fazer parte da tripulação. Mas a gente não vai agora fugindo: vamos daqui a uma semana ou duas.

Viex olha para os dois por um momento. Oacos e Uglu percebem a seriedade do assunto que virá. Então, ele começa.

- Vocês sabem que Beniw tem poucos aventureiros...

- Claro – Oacos responde -, depois do golpe e da perseguição feita pelos Raxx, quem não foi assassinado fugiu para longe.

- Exato. Acontece que as coisas hoje não são bem assim.

- O que quer dizer?

- As pessoas ainda não perceberam, mas a cidade está infestada de aventureiros.

- Como é possível? Quando foi que...

- Faz muito pouco tempo. Eles estão escondidos por aí, nas sombras.

- E quem são eles?

- Assassinos, mercenários, ladrões...

- Não estou entendendo.

- O castelo foi retomado.

- Os Raxx...?

- Talvez, mas desta vez penso que tenha ligação com a guilda Dessurdi.

- De Surdi?! - Oacos exclama.

- Não, Oacos. - Uglu responde por Viex, com ar sério. - Os Dessurdi realmente surgiram em Surdi, mas são hoje a maior guilda de bandidos da terra. Sempre há pequenos grupos em todas as principais cidades.

- Como eu nunca ouvi falar disso?

- Ora, meu amigo – Viex fala, com tom irônico -, você é um abençoado! Vive no seu templo e pouco conhece do mundo exterior, especialmente do que ocorre às escondidas por aí.

- Mas é normal haver bandidos desse tipo nas cidades. O que leva você a crer que eles tomaram o castelo?

- Não há uma rua aqui em Beniw que não tenha um grupo deles. Eu vim com Janliet, mas notei que ela estava atraindo muito a atenção dessa turma. Tive que sair da cidade e entrar pelo outro lado para evitar um confronto.

Uglu sorri abafado.

- Não sei quanta experiência você tem como aventureiro, meu amigo Uglu, mas se tem algo que não se deve subestimar é uma cidade nas mãos de uma guilda poderosa. Não se sabe quantos são, mas são inúmeros. E se escondem bem.

- Nós lutamos com soldados lá no castelo...

- Com soldados. Não lutamos contra uma cidade.

- Mas...

- Além do mais, no pouco tempo em que ouvi seus pensamentos, entendi parte dos seus planos: estão vigiando em busca de aventureiros para garantir que todos os aventureiros que existam na cidade sirvam a eles. Você e Breig correm perigo aqui, como eu também corro.

- O que você vai fazer?

- Não há como enfrentá-los assim como estamos. Precisamos partir daqui, nós três. Sugiro que nos reunamos em Dri Gnat, por ser próxima.

- Céus! Façam isso mesmo! - Oacos se espanta – Se o que diz é fato, vocês correm grande perigo!

- Vamos esperar Breig. - Uglu decide. - Quando ele chegar, nós partimos. Só tem uma coisa.

- O quê?

- Pode ser que Breig pense diferente, mas por mim a gente sai da cidade junto, mas ao invés de Dri Gnat a gente parte pra costa pra procurar a DiaboM. Tou com saudades daquele povo doido.

Episódio 05: Um para Dois

- Como assim nós dois num cavalo!? - Breig se espanta, conversando com Uglu e Viex. O sacerdote Oacos acompanha a cena sem intervir.

- É necessário.

- Necessário é o escambau! A gente vai ali na feira e compra cavalos.

- Você acha que eles não estão controlando isso?

- Mas que ideia! Negócio sem futuro isso! Você, Uglu, não diz nada!?

Uglu dá de ombros e continua em silêncio.

- Se serve de consolo, ele teve uma reação parecida com a sua. - Viex fala, pacientemente. -, mas entendeu que é necessário. Muito pior vai ser para mim, que vou a pé.

- Mas isso é loucura! A gente vai fugir da cidade por conta de uma paranóia sua?

- Bom, meu caro pseudomago, é muito mais prático para mim simplesmente deixar vocês dois aqui e me mandar a cavalo: estou dando uma oportunidade de fuga, me sacrificando por isso, em consideração a vocês.

- Ele tem razão, Breig. Além do mais, não é nada demais isso. Quantas vezes eu e Dli tivemos que dividir...

- É diferente, tá? Vocês eram irmãos!

- Olha, vamos lá! Deixa de frescura que temos pouco tempo – Viex intervém. - Estou partindo agora e preciso saber se vocês vão querer vir comigo ou não.

- Tudo bem, nós vamos.

Calmamente, Viex caminha pelas ruas de Beniw. Distraído, mas com instintos atentos a qualquer movimento.

“Pena que eu não possa acionar Janliet. Hoje em dia não sou nada sem ela, é o que vejo.”

A tensão é grande e ele percebe olhares vindo de lugares diversos.

É o telhado da pousada, são os velhos conversando na praça, são olhos dentro de uma janela de uma casa supostamente abandonada... Muitos olhos a Dessurdi tem.

Viex prossegue na mesma estratégia. Já pensa em como será um combate, caso seja descoberto. As chances são poucas. Canções de encantamento podem ser úteis

contra homens comuns, mas têm sua eficácia muito reduzida quando usadas contra mentes mais astutas.

“Mais uma esquina e até agora nada. Isso é bom. Talvez tenha sido mesmo uma boa ideia ter vindo a pé.”

“Alguns me viram a cavalo e podem ter me descrito e espalhado informações por aí a meu respeito. Indo desmontado, eu tenho uma chance de despistá-los. Breig e Uglu vindo como pobres viajantes também podem enganá-los, e ainda trarão minha montaria até mim. De quebra, ainda os convenço a vir comigo a Dri Gnat e começarmos a planejar uma reação.”

As ruas vão passando e Viex pouco a pouco vai deixando a cidade. Eis que finalmente ele se vê do lado de fora. Continua caminhando até perder a cidade de vista e encontrar uma árvore à beira da estrada. Uma árvore alta e de folhas alaranjadas nessa época do ano. Senta-se lá e espera a dupla vir também.

Galopes, de repente. Viex têm ímpeto de se levantar em prontidão, mas ao invés disso espera: podem ser meros viajantes apressados.

Ele olha e percebe: são os dois! Estão fugindo de um grupo também a cavalo.

“Droga! O plano não funcionou tão bem assim!”

Viex se levanta e olha para a cena com uma curiosidade de camponês. Ao se aproximar o quarto e último dos perseguidores, porém, ele salta já golpeando com Janliet. A lâmina arranha um pouco as costas do cavaleiro, que se esquivara ao perceber o perigo. A esquiva o salvou de um corte mortal, mas ao preço de desequilibrá-lo. Por pouco ele não leva ao chão mais um dos seus.

- O que...

Antes que os três ajam, Viex sorri ao se perceber longe da cidade e golpeia o ar com fúria, fazendo o ar passar pelos furos de sua flauta Janliet, produzindo uma melodia simples, mas encorajadora.

Do outro lado, Breig gesticula confiante. Assim os três perseguidores de antes se veem encurralados: de um lado Viex; do outro, o que parece ser um mago.

Um dos três faz seu cavalo saltar a cerca do terreno ao lado mas cai.

Um objeto brilhante voa rapidamente em direção a Viex, que se esquiva. A esquiva abre justamente o caminho que aqueles homens queriam e os dois partem em disparada.

- Vocês estão bem?

- Uglu foi ferido no braço. Fora isso, estamos sim.

- Agora temos dois cavalos a mais. Vamos indo! Temos que chegar em Dri Gnat em poucas horas. - Viex aponta em direção à cidade de Beniw, enquanto se aproxima de um dos cavalos – Eles vão chamar reforços e depois disso vão patrulhar as estradas ao redor daqui, por isso temos que ir o quanto antes.

- Não vamos a Dri Gnat.

- Vocês tem certeza?

- Agradeço o convite, mas o mar me chama.

- Que seja. Vamos logo! Temos que galopar para longe daqui.

Viex anida se assegura da morte dos dois antigos amos daqueles dois cavalos. Então os três amigos partem, cada um em sua própria montaria. Viex vai para Dri Gnat, enquanto Uglu e Breig seguem rumo ao litoral.

Episódio 06: Encontro em Gurian

Começa a anoitecer quando os amigos Uglu e Breig chegam a Gurian. Uglu ainda sério, por toda a viagem. Também pudera: há tão pouco tempo perdeu seu irmão. Breig olha a cena pensativo à medida em que entram na cidade.

- Faz menos de dois meses... - Breig deixa escapar.

- O quê?

- Que estivemos aqui nesta cidade. E os Raxx conseguiram fugir.

- Onde será que estão todos? Tzarend, os Raxx...

- Zand... É, o nome verdadeiro dele era Zand, não te falei?

- Falou, eu acho.

- Não imagino. Se o castelo foi retomado, os Raxx não devem estar muito longe.

- Fico pensando se não devíamos ter ido a Dri Gnat ajudar Viex nessa guerra.

- Não, meu amigo. Você já perdeu o irmão em batalha. Você queria deixar Beniw, lembra? E procurar a DiaboM, que é nosso lugar. Pois é o que vamos fazer.

- ...

- Além do mais, a guerra está muito grande, muito maior do que nós. Já temos sorte de estarmos vivos.

- Eu não me sinto bem um herói me afastando de lá.

- Uglu, nosso caminho é no mar e não na terra.

- Parecia que estava tudo melhor, não é? De repente...

- É verdade. Agora parece que a guerra está só começando, e vai ser uma grande guerra, pode apostar. Por isso mesmo é melhor estarmos longe. Não se preocupe que ainda teremos oportunidade de participar dela no futuro. Ela não vai acabar tão cedo.

Os dois seguem em direção à hospedaria onde Breig esteve na outra visita, quando vinha justamente com Viex, e com Zand e Plórius.

De repente, Breig para com enorme espanto, olhando em uma certa direção.

- Ei! - Uglu franze a testa. - O que houve?

Breig não responde. Ao invés disso, ele grita “Rá!” e faz com que seu cavalo galope naquela direção. Uglu vai logo em seguida, sem entender o que está havendo.

- Espera! - o pedido de Uglu é inútil.

Breig para na encruzilhada para olhar ao redor. Então, dispara pela rua à esquerda.

- Você aí! Pare! - Breig grita ao finalmente acompanhar aquele cavalo que cortava a cidade.

O cavalo para e gira um pouco para que olhares possam encarar os dois.

- Rubi!

- É ela?! - Uglu chega a seu lado.

Eve sorri de Breig.

- Bom revê-los. Já encontraram a DiaboM?

- Do que está falando, maldita?!

- Não sou Rubi, se é que não percebeu. Sou Eve.

- A espada!?

- É, "a espada". - Ela olha para fora da cidade impaciente, então volta a olhar para os dois. - Preciso armar uma emboscada em Beufu e...

- Quer parar de tentar enrolar a gente? - Breig grita, já com um punhal de prata na mão.

Uglu também saca sua faca. Eve apenas sorri, um sorriso rápido e de quem não tem muito tempo.

- Querem uma prova? Vamos ver... Essa faca de prata. Eu sei como você ganhou. Era do Been e você ganhou numa aposta.

- Como?

- Ora, eu tava lá quando você perguntou ao Zand se ele estava usando uma armadura de dragão. - antes que os dois terminem de processar as informações, ela já completa. - Os navios vão chegar em pouco tempo, se é que já não chegaram. Temos que preparar uma emboscada.

- Como você pode ser a Eve se...

- Olha, não temos muito tempo. Pra resumir, Zand encontrou Rubi e houve um acidente com magia que terminou me colocando no corpo dela. Agora, pelos meus cálculos os navios devem estar chegando por esses dias.

- Que navios?

- Os de Noak. O golpe vai ser refeito e o poder da aliança vai ser restabelecido.

- Que aliança? Tá falando dos Raxx?

- A dos clãs.

- Então já era.

- O que quer dizer?

- Beniw está tomada pelos Dessurdi. Tivemos que partir de lá e...

- Droga! Cheguei tarde demais!

O cavalo de Eve se vira para a direção de onde ela vinha há pouco.

- Ei ei ei! Aonde é que você vai?

- Vou a Beniw. Tenho que resolver isso.

- Espera lá! Te falei que a cidade está tomada! Você vai se matar desse jeito.

Eve sorri e se vira novamente para os dois.

- Vocês têm alguma ideia melhor?

- Hmmm...

- Você podia procurar Viex. - Uglu comenta. - Ele está em Dri Gnat e quer atacar Beniw quando juntar gente bastante.

- Ótimo!

Eve galopa da frente dos dois, dirigindo-se à entrada da cidade por onde veio.

- Uglu... - Breig se vira para o amigo. - Por que você falou de Viex?

- Ué, me pareceu sensato.

- Sensato!? E se for a Rubi disfarçada?

- Você não aceitou que ela era a Eve?

- Não, cara! Eu a estava testando!

- E agora?

- Agora dane-se! Vamos procurar a hospedaria e amanhã a gente continua pra Beufu. Cansei dessa loucura toda. Se ela é Rubi, se é Eve, não me importa agora. Já participei o suficiente da História do Mundo. Preciso da minha vida de volta.

Episódio 07: Nova Viagem

Dri Gnat, pequena cidade de Noak, final da manhã. Viex vem em seu cavalo pelas ruas transparecendo calma, escondendo o turbilhão que passa em seu coração naquelas horas.

“Maldição!”

Olha para os lados discretamente.

Chegou à cidade ontem à noite, mas só agora percebeu que Dri Gnat também está tomada pelos bandidos da Dessurdi.

“Não vai demorar para vir um grupo aqui à minha procura. Na verdade, não imagino o porque de não estarem em alvoroço ainda!”

A percepção de que seu plano não foi tão bom assim é clara. Não contava com o avanço tão rápido do clã. Vários olhos cidade afora. Guardadas as proporções, do mesmo jeito que na capital.

Temendo que sua própria cabeça esteja a prêmio ele segue rumo à saída norte da cidade. Poderia ir a Fyox ou Wicor, que são a segunda e a terceira cidades mais próximas de Beniw, mas se a primeira já foi tomada... Viex

teme que as outras duas, que são pouco mais distantes que Dri Gnat e triangulam a capital de Noak, já estejam sob poder dos Raxx.

Assim, Viex pretende seguir rumo ao norte, calmamente para não levantar suspeitas. Seu objetivo é desviar à metade do caminho a Fyulet, acompanhando o Rio Cretoa até a cidade de Evy. Pelos seus cálculos, chegará lá já durante a noite.

Ainda no centro de Dri Gnat, porém, alguém o chama, mas não pelo nome.

- Ei, você!

“Me descobriram!”

A voz era de mulher, não que isso importasse no momento a Viex. Ele vira lentamente o cavalo. Ainda sob capuz, ele se prepara para um eventual confronto, caso um confronto seja inevitável e não haja possibilidade de fuga.

Numa olhada rápida, percebe que não há outros a acompanhando, ao menos não de perto.

- Quem é você? - Ele pergunta, com certo receio. - E o que quer comigo?

- Uma pergunta complexa e outra nem tanto. - Ela se aproxima e continua, dessa vez falando mais baixo. - ...Viex. Estou indo a Beniw destronar a aliança.

- Aliança?! Os Raxx conseguiram uma aliança?

- Uns amigos me disseram que estaria aqui.

Em sua cabeça passam, em flashback, as cenas na saída de Beniw.

- Amigos?

Sua tensão aumenta.

- Sim. Dois marinheiros.

Viex suspira por um instante. Não que tenha eliminado inteiramente suas suspeitas a respeito daquela bonita jovem.

- Aqui não é seguro. Se me acompanhar conversamos melhor sobre isso. - Fala, gesticulando para que ela o acompanhe em seu caminho.

Ela se aproxima um pouco mais e fala, em voz baixa.

- Não, bardo. Meu destino é na outra direção.

- Quantos vocês são?

- Estou só.

- Nem que você fosse um dragão vermelho teria chances de derrotá-los sozinha hoje. Venha comigo que estou em projeto de montar uma equipe para retomar Noak às linhas naturais de sangue dos Fuzeddine restituir a ordem.

Ela para pensativa por um momento. Então o segue.

Estão a duas horas de Dri Gnat e ainda não encontraram o rio. É quando Viex saca lentamente a flauta e começa a soprar as primeiras notas. Antes da quarta nota, a mulher fala:

- Eu sou Eve.

- Como!?

Viex para e se vira para ela surpreso, afastando Janliet um pouco, pronto para acionar sua lâmina.

- Foi o que ouviu, bardo. Não precisa usar esses truques em mim.

Por sua cabeça passa que um nome não significa muito: quantas Eves deve haver no continente. O tom de voz com que ela dissera “ser Eve”, porém, foi firme e pareceu querer dizer “sou aquela Eve”.

Ele pensa na intenção que ela trazia de enfrentar o clã Dessurdi sozinha e fica ainda mais ansioso por uma explicação. Não demora, ela vem.

- Primeiro, que os Raxx foram derrotados. Zand matou Halkond e, depois, Rubi. Eu fui libertada. - Ela fala, seguindo lentamente com seu cavalo, forçando Viex a sair de seu estado de imobilidade para acompanhá-la.

- Como aconteceu?

- Na verdade, este corpo que você vê não é meu corpo original. Eu fui libertada durante a luta com a quimera.

- Entendo... Como está Zand?

- Está bem, o que quero dizer que está vivo e que vai estar plenamente recuperado em algumas semanas.

- Como posso confiar que você é mesmo Eve?

- Terá que confiar. De qualquer forma, estou com E-60.

- E a E-64?

- Não sei. Nem me interessa.

Os dois seguem até a estrada que ladeia o Rio Cretoa. Ao avistarem o rio, eles seguem já em direção a Evy por meia hora, quando param para se alimentar.

Cada um com suas próprias provisões, enquanto os cavalos descansam e bebem água.

- É muito bonito aqui. - Eve fala contemplando a paisagem verde. Muitas gramas nas margens do rio, que corre suavemente em direção ao mar, que está tão longe.

Viex apenas olha admirado a bela jovem em pé, sem saber o que dizer. Ela completa:

- A vida aprisionada em um objeto muda a forma de ver o mundo. Não havia me dado conta, mas sentia falta de muitas coisas simples, até de ver paisagens assim...

Episódio 08: Na Casa de Tila

Belos sons preenchem o ar numa melodia suave. Perto de Efrea, na casa do antigo mestre Willen, Zand toca, sentado no chão e encostado no Tornado.

Desde que chegou, é assim que tem passado os dias: melancólico.

Willen já foi devidamente inteirado dos fatos mais recentes relacionados aos Raxx. Nessa manhã ensolarada ele simplesmente foi na cidade. Chamou Zand, mas como esse não quis ir, foi só.

Sentada à porta do quintal, olhando Zand tocar, está uma jovem moça de cabelos loiros e olhos verdes. Parecendo uma criança, com o queixo delicado descansando sobre as duas mãos.

Ela olha ao redor, suspira fundo e decide se levantar. Caminha em direção a Zand, que continua com suas canções.

- Fico feliz de te ver assim... Zand.

Ele retribui com um sorriso simpático e continua.

- Quando você veio aqui da outra vez você estava tão... Estranho! Não que eu conhecesse você pra saber qual é o

seu normal, mas você estava muito sério, assustador. Agora eu vejo que você não é assim. Você é uma pessoa ótima, talentosa e...

Ela para por um instante para olhar novamente ao redor. Volta a olhar Zand e o vê distante, tocando sua canção pensativo.

- Você... Você quer alguma coisa? Eu fiz bolo hoje de manhã...

Zand sorri discretamente e responde que não com a cabeça.

- Eu... Eu posso me sentar aqui perto de você?

Zand responde que sim com a cabeça.

- E ele? Não vai me estranhar não é? - Ela aponta para Tornado, que está relaxado com a música e feliz de ser usado como encosto.

Ela se senta rapidamente, encostada também no Tornado e fica olhando Zand.

Zand continua tocando e fecha os olhos, com o pensamento perdido por caminhos misteriosos.

- Você toca muito bem. Devia deixar esse negócio de luta pra fazer só música.

Ela olha em volta nervosa e volta a fitar Zand.

- Eu gosto muito de você estar por aqui, sabia? É... Você podia ficar aqui de vez. Acho que o pai não ia se importar... Eu não me importo! Quer dizer, eu me importo porque eu queria muito que você ficasse mesmo.

- Tila...

Quando Zand para de tocar por uns instantes e pronuncia seu nome, ela o olha ansiosa.

- Você é um doce, mas eu não sei se me acostumaria com a vida aqui em Efrea. Minha mente está inquieta há muitos dias e se eu toco muito com a lira é justamente para tentar me acalmar.

- Se você precisar de ajuda...

- Obrigado, mas as sombras que me acompanham são muitas. Eu ainda tenho muitas pendências no mundo antes de ancorar em um só lugar.

Tila fica pensando nas palavras de Zand enquanto ele próprio volta a tocar suas canções.

A empolgação que aqueles olhos verdes traziam pouco a pouco vai embora.

Enfim ela se levanta e volta para cozinha, desta vez determinada a concluir mais cedo o almoço do três.

- Zand!? Ainda está aí? - É Willen quem chega da cidade e vai até o quintal. Zand para um pouco de tocar.

- Conseguiu resolver suas pendências?

- Sim sim! Não era nada muito complicado. Vamos! A Tila já preparou o almoço.

- Willen?

- Pois não.

Zand se levanta e se aproxima de seu antigo mestre.

- Hoje à tarde partirei.

- Aonde vai tão cedo? Ainda não está totalmente recuperado da luta. Devia esperar mais uns dias, que lhe fariam muito bem!

- Há lugares e pessoas que nunca mais vi e sinto que é hora de revê-los.

- De que falas exatamente?

- Vou voltar para a cidade onde nasci. Faz anos que não ponho os pés lá.

- Bem, não é má ideia. Vamos, vamos almoçar. Você pode ir lá, depois você volta pra contar as novidades, não é?

Zand sorri e os dois entram para fazerem a refeição.

Episódio 09: Codebar

- Tudo bem, estamos chegando em Beufu. Qual é mesmo o plano, Breig?

Breig e Uglu estão a cavalo ainda nas imediações da cidade litorânea de Beufu. Breig olha ao redor e diz:

- O que você acha?

- Eu acho que a chance de a DiaboM estar por aqui é mínima.

- Claro que não estão, mas não há muito o que possamos fazer. Temos que sair daqui logo, de preferência para Wimow.

- Você acha que eles estão lá?

- Diria que é o mais provável. Por isso, meu plano é procurarmos uma embarcação que nos tire daqui.

- Mais ou menos fazendo o caminho de volta.

- É, mais ou menos.

- Ei, Breig! Você já viu a Rubi antes?

- Não.

- E como você a reconheceu?

- Não vi, mas já me falaram muito dela nessas últimas semanas.

- Tem razão. Você acha que era mesmo ela?

- Não sei, Uglu, não sei! Já disse que cansei dessa confusão toda. Vamos nos preocupar com nossas próprias vidas. Hmmm... Codebar...

Breig desce do cavalo e o amarra em uma das colunas daquele prédio engraçado. Uglu o acompanha. Codebar é o nome esculpido em madeira que se vê sobre a porta.

Breig e Uglu entram e vão confirmando gradualmente a informação de que ali tem mesmo comida.

- Bom dia, gostaríamos de almoçar aqui. - Breig fala com o velho do balcão.

- Não são dessas terras, hã?

- Hã, não.

- E que peguem seus pratos ali e se sirvam. É uma peça o almoço.

Breig sorri e vai fazer seu prato. Ele se lembra de quando deixou a DiaboM com Zand. Bem que ele falara que o sotaque o denunciaria.

Tanto faz, de qualquer forma. Eles vão até uma das sete mesas – todas vazias – fazer sua refeição.

- Duas peças.

- Sim, aqui estão.

- Grato em ser útil.

- Olha, senhor... Como bem notaste não somos daqui. Precisamos voltar para nossas terras.

Uglu sai do lugar para verificar os cavalos enquanto Breig conversa com o velho.

- Estão bem longe, posso ver.

- É, estamos. Precisamos ir a Wimow. Sabe onde podemos procurar um barco que nos leve lá?

- Wimow? Ihhhh... Vocês podem tentar arrumar um barco! Mas é difícil arrumar um barco. Aqui em Beufu não temos barcos muito grandes, só os da marinha, mas nunca mais os vimos.

- Bom, é justamente de um barco que precisamos. Sabe onde podemos encontrar um?

- Ihhhh... - O velho se encosta na cadeira e coça o queixo barbudo. - Você vai até a praia e procura os pescadores. E que eles talvez saibam de algum, mas acho difícil ter.

- Onde eles ficam?

- No mar... - Os olhos do velho vão longe em pensamentos, enquanto Breig espera uma resposta. De repente, o homem se dá conta da incompletude da resposta. - Eles deixam os barcos fora da cidade: é que é a lei! Tente no caminho pra Beufy, por ali! Talvez tenham sorte.

- Ah, muito obrigado senhor.

- Vão ao caminho do Sol.

Breig para por um instante. “A caminho do Sol? Não é na direção que ele apontou...” De repente ele se lembra de quando esteve por ali há uns dois meses. Sorri.

- Do Sol vamos!

O velho acena enquanto eles se afastam da Codebar.

- Vamos sair de Beufu.

- Como é que é, Breig!? Está doido! Acabamos de chegar!

- O velho da Codebar disse que os pescadores é que devem saber onde há barcos grandes, que nos levem até Wimow.

- Pescador não gosta de aventureiros!

- É o que podemos fazer.

- Poderíamos simplesmente tomar um barco deles emprestado, não é?

Breig olha para Uglu por um instante tentando identificar o grau de seriedade e de humor da sua ideia.

- Não... - Diz, por fim, sem chegar a uma conclusão.

- Tá, e a gente tá indo pra onde?

- Pra fora de Beufu, já disse.

- Hmmm! Que bom! Pro norte! Na pior das hipóteses a gente chega a Wimow a pé mesmo!

- Também não é pra tanto. Vamos caminhar bem pouco, eu espero. Só até as casas dos pescadores.

- Pescadores... Não gosto dessa gente!

- Acho que a gente nem chega a Beuf-V.

- Onde?

- Hahahaha! Estamos saindo de Beufu em direção a Beufy, o que pode haver no caminho?

- Ainda não entendi.

- Ah, deixa pra lá...

Episódio 10: Num Quarto em Evy

Num quatro de uma pequena pousada em Evy, reino de Noak, uma mulher de nome assemelhado ao da cidade se exercita em flexões, quando alguém entra.

- Bom... Bom dia, Eve! - É Viex quem chega e olha para o chão espantado. - Trouxe comida.

Eve se senta na cama e enxuga o rosto com uma toalha.

- Bom dia. E como está a formação do grupo?

- Estou tentando... Está difícil encontrar pessoas de confiança. A maioria deve ter fugido para Wimow ou Surdi.

- Então?

- Sempre há alguns mercenários bêbados, mas é perigoso envolver esse tipo de gente em tramas secretas.

- Certamente não convém.

Viex deixa o prato e talheres na escrivaninha do quarto e se senta próximo.

- Sabe uma coisa que não entendo? Como é que o Zand deixou você ir embora assim e não quis ir junto.

Eve se levanta e passa por ele até a escrivaninha. Começa a comer.

- É, porque não é todo dia que se encontra uma mulher assim, tão repleta de qualidades. Desde...

- Já faz uma semana.

- O quê?

- Que estamos aqui! - Ela para o almoço e se vira para encarar Viex. - E tudo o que você traz são notícias de bêbados! Durante toda essa semana é a mesma coisa. Quando vamos ter o grupo? O tempo passa e cada dia perdido traz um prejuízo irreversível.

- Estou tentando, Eve! Estou tentando! Não é tão fácil. O que espera que eu faça?

- Eu não sei! Usar sua flauta talvez? Ler mentes pelas ruas em busca de possíveis aliados!

- Na verdade, há algumas pessoas e estou me aproximando aos poucos.

- Explique-se.

- São oito até agora que têm perfil de aventureiros e parecem sempre indignados com o golpe em Noak.

- E por que não os contactou?

- Porque dez ainda é um número muito pequeno e nenhum deles parece ser de alto nível. Não vale a pena revelar segredos conspiratórios cedo demais.

- Que ótimo... Quando teremos gente suficiente?

- Não sei. Temos que juntar mais alguns e aí marcamos uma reunião já pra agirmos. Eu rastreei todos eles e sei precisamente onde encontrá-los quando chegar o momento.

- Quando?

- Daqui a umas duas semanas no máximo.

- Duas semanas!?

- Precisamos de tempo para juntar gente em momentos assim. Já mandei mensagens para amigos de Fyulet e Kreuk. Também espero resposta deles.

- Que ótimo... - Eve balança a cabeça e volta a comer.

Viex se levanta e coloca as mãos suavemente em seus ombros, falando com mansidão.

- Não precisa se preocupar, Eve. O tempo não está a nosso favor, mas uma ação prematura pode sepultar de vez nossas chances. Precisamos juntar uma força mínima antes de investirmos.

Eve continua seu almoço, alheia a Viex. Ele então se levanta e caminha em direção à porta.

Antes que a abra para deixar o quarto, porém, Eve intervém.

- Viex.

- Diga, minha bela.

- Fique juntando seu bando por quinze dias sozinho. Amanhã cedo eu parto para Beniw.

- O quê?! Você não pode estar falando sério.

Eve ergue o olhar para Viex e o encara com frieza e determinação.

- Estou.

- É uma missão suicida! O que pode uma mulher sozinha fazer lá no meio daquele bando de...

- Mais do que aqui.

- Não, olha! Vamos fazer o seguinte: amanhã a gente fala com essa turma que eu te disse e daqui a gente pode ir pra fyulet recrutar mais gente por lá e seguimos de cidade em cidade juntando gente até...

- Boa sorte. Não te falei isso pra pedir sua opinião. Estou comunicando o que decidi.

- Não faz isso. O que você quer que eu faça pra você não ir?

- Nada que faça ou deixe de fazer me fará mudar meus planos. Eu cansei de esperar em vão.

- Então vá! Se prefere se matar em Beniw a esperar só duas semanas até termos força suficiente, vá em frente! Boa sorte pra você também!

Viex deixa o quarto batendo a porta, Eve continua sua refeição e sorri.

Tem se sentido inútil e enferrujada nessa cidade parada enquanto forças se alinham e aumentam longe de seus olhos. Talvez seja melhor ir a Beniw ainda hoje...

Episódio 11: De Volta às Origens

Já é metade da manhã quando Zand chega à pequena cidade de Uah. Seus olhos contemplam aqueles terrenos, aquelas plantações, e trazem de volta momentos da infância. Sim, ele já trabalhou aqui. Ele já viveu aqui, há muito tempo.

Plantações diversas, mas poucas comparando com outros lugares. Um povo simples, que vive do que planta e da pesca. O excedente que não vire impostos é o que garante utensílios, móveis e construções, quando são necessárias.

Cães começam a latir quando Zand se aproxima de uma casa de barro. Logo, um rapaz forte e de jeito simples aparece à porta.

- Bom dia!

- Bom dia.

- Pode me dizer se o senhor e senhora Fangyat se encontram?

- Ah, eles não moram aqui não, moram mais ali pra frente.

- Então se mudaram... - Zand comenta, pensativo.

- Não que eu saiba, mas vá lá que não tem erro não. É só seguir ali direto.

Zand agradece e segue vendo a paisagem. Seu caminho o leva por uma pequena elevação, de onde ele pode ver o mar.

“Como está tudo diferente... E aquele pequeno castelo ali? As coisas estão mesmo diferentes.”

- Bom dia?

- Oi.

Para decepção de Zand, quem o recebe na casa é uma menina de dez anos.

- Aqui é a casa dos Fangyat?

- É sim.

- Gostaria de vê-los.

- Quem é o senhor?

Zand fecha os olhos e suspira. A menina desiste da resposta e corre pra dentro de casa chamando “mãe”.

Uma mulher aparece desconfiada. Jovem, ao menos tanto quanto ele próprio.

- É a senhora Fangyat?

- Sim, e você quem é?

- Não pode ser... Qual seu nome?

- Sou Xepyana. O que você quer afinal?

- Xepyana... Xepyana...

Zand tenta se lembrar desse nome, mas nada lhe vem à mente.

- O que é isso aí? - Ela pergunta.

- É uma lira.

- Hmmm... Qual o seu nome?

- Bom, eu acho que errei de endereço. Me chamo Zand.

- Zand Fangyat.

- Isso mesmo. Como sabe?

- Globru me falou de você. De como tinha saído pelo mundo em busca de aventura. Vamos, entre!

Zand puxa da memória e finalmente recorda. Claro! O primo que morava perto da praia! Era dois anos mais velho e muito mais interessado em trabalhar e juntar dinheiro do que qualquer outra coisa.

Zand deixa a montaria e eles entram e se sentam num jogo de sofás.

- Ora, Globru falou de mim?

- Sim, claro! Vez ou outra ainda se lembra e comenta “como estará meu primo, Xepyana? Nunca mais tivemos notícias.”

- Que bom! Mas lembro que ele nunca se interessou por aventuras, que achava meus sonhos fantasia demais para um adulto.

- Que nada! Ele te admira muito! Vai ficar muito feliz em vê-lo! Ei, Fran, venha cá! Esse é seu primo Zand!

A menina que o atendeu vem correndo e o cumprimenta desconfiada. E vai para perto da mãe.

- Quer alguma coisa? Café, água, bebida...

- Aceito água, obrigado.

- Pega lá pro primo, Fran!

- Então você e Globru é que são o senhor e senhora Fangyat...

Xepyana o encara pensativa por um tempo. Abaixa a cabeça e coça a nuca, antes de olhar de novo para ele.

- Acho que estou entendendo. Você esteve fora muito tempo, não é? Deve ter vindo à procura dos conhecidos, dos parentes. - Faz uma pausa, como se estivesse escolhendo a melhor forma de falar. - Bem, é que lamento dizer. Eles se foram.

- Como? - Zand pergunta, surpreso.

- É sim. Os seus pais, tios do Globru, faleceram faz já alguns anos... Sinto muito.

Zand mergulha em pensamentos, quando a Fran volta com um copo de água. Zand bebe.

- Bom, estou preparando o almoço. É claro que você vai ficar pra almoçar com a gente! Não faria uma desfeita dessas com seu primo, não é?

- Claro. - Zand sorri, meio sem graça.

- Bem, então vou lá preparar o almoço. Se quiser se deitar um pouco pra descansar da viagem, o quarto é ali e pode ficar à vontade. O que precisar pode pedir pra Fran, tá?

- Tá... - Zand responde, triste, e Xepyana vai à cozinha. Ainda quase tropeça em um dos cachorros da casa antes de chegar lá.

“Então aconteceu mesmo. Terminei ficando tanto tempo fora que nem pude falar com meus pais antes que eles se fossem.”

- Primo?

Zand olha pra Fran, ainda sentada no sofá onde estava com a mãe agora há pouco.

- É de música isso?

- É sim!

- Que legal! Toca um pouquinho, vai!

Ele pega a lira de Knova e começa a dedilhar, com um sorriso sutil no rosto. De qualquer forma, a música é sempre um bom bálsamo.

Episódio 12: O Primo Globru

Finalmente chega o dono da casa. A porta da frente se abre e ouve-se um grito “Oi! Cheguei!”. Fran sai correndo para receber seu pai Globru.

- Pai! Vem ver! O primo tá aqui!

- Ô, minha gracinha! Primo? Que primo?

- O primo do senhor!

Ela o puxa e ele chega à sala, parando espantado. Logo ali nos sofás está Zand de pé, ajeitando a lira próximo à moxila de viagem, a lança deitada no chão.

- Zand!?

A visão um do outro fatalmente traz as memórias daquele tempo distante a cada um dos dois. Zand sorri e vai abraçar Globru.

- Zand! Por onde tem andado? Quanto tempo esteve longe, não é? Ora!

- Muito tempo, realmente.

- Que surpresa boa! Olha, Fran! É o primo Zand!

Fran franze a testa e responde:

- Eu conheço o primo Zand. Olha, pai, ele faz música!

- É, vejo que sim! Já conheceu Xepyana?

- Já sim.

- Nossa! Sente aí! Vai almoçar conosco, não é? Está de passagem? Se precisar de um lugar pra passar a noite, minha casa está à sua disposição!

- Ah, obrigado. Na verdade, eu vinha na esperança de encontrar...

- Já sei. O tio e a tia faleceram há mais de dois ano. Os dois morreram de velhice, penso eu. Apesar de dizerem por aí que o tio morreu foi de tristeza. Ele morreu menos de um ano depois da tia.

Zand abaixa lentamente a cabeça, em confirmação.

- Me desculpe falar desses assuntos assim. Deve ser muito chato. Mas diga: o que tem feito? Andado pelo mundo? Ouvi falar de um Zand que tinha derrotado o dragão e ficava pensando comigo mesmo: só pode ter sido meu primo Zand!

- Dragão!? Não fala besteira, pai! Ele toca música! Toca uma, primo!

- Menina, respeite seu pai! - Globru olha sério para a filha, voltando-se em seguida para a visita. - Desculpa isso,

Zand. Ela está assim ultimamente, respondona. Deve ser coisa da idade.

- Não, tudo bem.

- De qualquer forma, depois gostaria sim de ouvir você tocar alguma coisa. - Globru fala, empolgado, colocando a filha no colo. Logo depois se inclina em direção à cozinha para gritar. - Xepyana! Cadê a comida?

Um almoço agitado é o que acontece naquela casa. É durante o almoço que Zand fala sobre o golpe em Noak e sobre como foi lá e conseguiu derrotar os criminosos. Oculta, porém, a dolorosa parte que envolve Knova.

Também é nesse almoço que Zand ouve as novidades de Uah. E até que há algumas novidades, a despeito da pequenez da cidade. Zand descobre, por exemplo, sobre o castelo. Na verdade é uma mansão com ares de castelo, que foi erguida pelo prefeito de Uah. De onde viera tanto dinheiro para se erguer uma mansão em pouco tempo? O povo não sabe. Uns falam de negócios ilegais, outros de prêmio por parte do rei de Wimow.

Ao fim do almoço, os quatro se reunem na varanda. Zand toca algumas canções para eles, dedilhando com maestria a bela Lira de Knova.

- Toca muito bem, primo!

- Obrigado!

- Fica aqui conosco uns tempos!

- Hmmm... Não sei.

- Ora, precisa repousar uns dias!

- É verdade. - Xepyana, abraçada ao marido, opina também. - Bem se vê que ainda não está curado por completo.

- Se ficar andando pra cima e pra baixo por aí pode acabar piorando, primo!

- Tudo bem. - Zand se dá por vencido. - Vocês tem razão. Tenho que repousar. Vou ficar por aqui uns dias.

- Êêêêêêê! - Fran comemora com os braços pra cima.

- Mas queria que fizesse uma coisa por mim.

- Claro, primo! Manda!

- Gostaria de ver onde meus pais foram enterrados.

- Claro... Vamos lá. Posso te levar ainda hoje se quiser.

- E o trabalho, amor? - Xepyana olha preocupada.

- Ah, mulher... - Globru responde, se sacudindo um pouco. - Hoje é um dia especial. Não é sempre que recebemos uma visita tão ilustre e querida! Vamos quando quiser, primo!

- Obrigado.

É estranho para Zand ver as lápides ali, com os nomes de seus pais. Já era próximo o fim da tarde quando ele foi visitar o cemitério, levado por Globru.

Ao voltarem, como não poderia deixar de ser, Globru aproveitou para apresentar o primo a todos pelo caminho. Alguns – os mais velhos – se lembravam daquele menino que atraia os aventureiros e sonhava com missões perigosas. Por fim, chegam ao Bar de Uah.

Mais alguns param para ver aquele aventureiro importante, que é conterrâneo desse povo. A festa para com a chegada de um grupo de viajantes afobados.

- Vimos de Awra. Chegaram navios recentemente e a coisa por lá não está boa.

- Navios? Que navios?

- Navios de Noak.

Zand congela frente à notícia. Parte com Globru de volta para casa o quanto antes e, lá chegando, sem esperar, vai até a Lira de Knova.

Após uma melodia que seu primo e família acham estranha, Zand para surpreso e apenas fala.

- Eve... Tenho que partir para Beniw.

Episódio 13: Conspiremos

Evy, cidade de Noak, 4 horas da tarde. Num templo de adoração um grupo de 19 pessoas se reúne em torno de Viex. Todos estão trajando roupas mundanas, mas têm o típico tipo físico de diversos aventureiros. Bárbaros, guerreiros, arqueiros...

- Então nós temos que chegar no coração do país, certo? - É um sujeito estranho quem fala, um loiro de olhos inquietos. Loiro como dezessete dos presentes.

- Certo. - Viex responde, sentado em uma cadeira diante de uma fileira de bancos, onde estão todos os outros.

- Como foi da outra vez? Você disse que chegou lá antes...

- Era outra realidade. - Viex por algum tempo olha para uma das janelas pensativo. Então completa. - O mesmo método não vai funcionar uma segunda vez.

- Ok... Podíamos ir numa carroça, disfarçados de mercadoria.

- Arriscado demais. Estou certo de que eles achariam suspeito.

- Por que a gente não chega lá e pronto? - O mais forte dos presentes é quem pergunta. Um loiro a quem

chamam de Krid - Poderíamos seguir pela entrada principal ou em uma das alternativas, a galope. Eles não conseguiriam reagir rápido o suficiente.

- Talvez. - Viex fala, olhando em sua direção. - O mais provável, porém, é que consigam nos atrasar na entrada do castelo e que seja justamente ali que todos os soldados que nos viram passar e nos perseguiam finalmente nos encurrale.

Todos se entreolham preocupados. Um jovem afastado do grupo finalmente se pronuncia.

- Perdão, senhores, mas vejo um jeito.

Todos o olham na expectativa de uma resposta de Epowi, o sacerdote que zela pelo templo onde agora estão.

- Podemos nos separar em duplas ou trios e montar disfarces distintos. Uma equipe vai como marceneiros, outra como comerciantes, outra ainda como mendigos.

- Não levantaríamos suspeitas do mesmo jeito? - A única mulher do grupo, em um vestido esverdeado e de cabelos curtos loiros, pergunta.

- Não, não. - Epowi prossegue. - Os grupos iriam separados também. Entrariam por locais diferentes da cidade e também em momentos diferentes. Então os grupos se reuniriam numa hora combinada em um local

apropriado, mas já próximo o suficiente para uma ação mais rápida e direta.

- Fico me perguntando que ação seria essa... - Um sujeito comenta, do lado da mulher. Ele, com um aspecto forte e de ar arrogante, mas de cabelos escuros. Poilt é seu nome.

Os olhos de Viex saltam para outra das janelas do templo e a vigiam por um instante. Só então ele responde.

- Em um jogo de Xadrez o que interessa é derrubar o Rei. Nosso objetivo será descobrir quem está coordenando essas forças de Dessurdi e dar um jeito nisso.

- Então você pensa que os Dessurdi é que estão por trás de tudo? - Poilt pergunta, coçando o queixo.

- Não tenho dúvidas.

- Hmmm... Certo... Podemos sair daqui amanhã cedo.

- Vamos começar ainda hoje. - Retruca Viex - Epowi, você poderia nos conseguir os disfarces?

- Vou ver o que posso fazer.

- Ok, nós nos encontramos aqui daqui a uma hora? - Poilt pergunta.

- Não. - Viex responde secamente. Não devemos levantar suspeitas.

- Peraí! Não podemos sair assim do nada, sem preparativos! - O alvoroço é comum, mas a voz que se sobressai é a da mulher.

- Sinto muito, mas somos muita gente para que possamos arriscar que a informação da viagem vaze. Além do mais, não podemos levar armas, estragaria nosso disfarce.

- Como não? - Poilt protesta. - Creio que todos aqui temos pequenos objetos e armas que podem ser úteis nessa jornada!

- Quando marquei esta reunião, eu insisti que não trouxéssemos nada chamativo, por isso viemos assim, como simples camponeses. Creio que todos os que tinham pequenos objetos e armas que pudessem ocultar já estejam equipados agora, não?

- O que quer dizer?

- Eu vi suas adagas e estrelas de ferro.

Poilt sorri meio sem graça, enquanto Viex olha ao redor tenso. Repentinamente, Viex salta de lado, desviando de um dardo. Alguns do grupo caem. Enquanto as portas se abrem para a entrada de homens armados, Epowi se abaixa e se aproxima de Viex.

- Uma cilada?

- Acho que sim.

- Que está havendo afinal!? - É um rapaz baixo que se aproxima rápido do grupo. Viex já tinha a mão em Janliet, mas para sua ação. O rapaz, como Poilt, tem cabelos escuros, mas não é Poilt.

- Temos que sair daqui.

- Conheço um caminho. - Epowi sorri e os conduz por um dos corredores do templo. Eles terminam diante de uma janela, que todos percebem que seria facilmente quebrada. Logo abaixo, algo os anima.

- Cavalos!?

- Sim, sempre notei que esses negociantes de animais vem aqui perto. Podemos saltar e...

- Corram. - É o gigante Krid quem se aproxima, apontando para dentro do templo. Ele próprio salta sobre a janela e os outros três o seguem.

Tomando cavalos à força, eles escapam. Os criminosos ainda chegam à janela e disparam dardos contra o grupo. O cavalo de Krid é atingido.

O veneno age após alguns minutos e eles mudam a formação: vão Epowi e o baixo Tierby dividindo uma

mesma montaria para que Krid possa galopar só. Com todo esforço, eles conseguem escapar de Evy, mas para onde?

Episódio 14: Ajuda dos Pescadores

Na praia ao norte de Beufu, dois sujeitos caminham mais uma vez à procura de uma embarcação que os leve de volta para casa (e sua casa é móvel).

Os dois param e apreciam a vista: vários barcos encostados, alguns ainda chegando. É final de tarde e eles estão entrando na vila dos pescadores de Beufu. De novo.

Breig e Uglu se olham e então partem para continuar a pesquisa.

- Boa noite, senhor!

- Boa noite.

- Sabe dizer onde conseguimos transporte para ir a Wimow?

- Não.

O homem de chapéu se volta para o barco que puxava para a terra com ajuda de dois rapazes, provavelmente filhos ou parentes de outro grau. Uglu e Breig os deixam e seguem adiante.

- Breig... Estou começando a achar que foi uma péssima ideia essa de a gente sair daqui de barco.

- Parece, né?

- Um barco pequeno não resolve e barcos grandes não tem mais, já deu pra perceber. Não seria melhor a gente sair a cavalo mesmo?

- Talvez.

- Lembro que o Tzarend queria vir pra cá por navio porque as fronteiras estavam sendo vigiadas pelo exército, não é? Agora que a guerra acabou...

- Agora que você tocou no assunto... Não sabemos como estão as fronteiras. Quando saímos de Beniw, foi por percebermos que a guerra não tinha exatamente acabado. No máximo, estão criando outra.

- Mas é muito recente. As fronteiras devem estar tranquilas ainda.

- Talvez, mas sabe quantos dias de viagem levaríamos pra chegar na fronteira, mesmo a cavalo?

- É verdade.

- Já que estamos aqui, vamos continuar tentando. Se não der jeito, a gente muda a estratégia.

- Quando?

- Quando a gente se encher dessa gente. Em uns três dias, acredito eu.

- Tudo bem, vamos lá.

- Por aqui. - Breig chama Uglu para uma cabana, na qual notou alguma movimentação. - Olá? Tem alguém aqui?

- Olá. - Uma mulher responde, de dentro da cabana, e vem até a porta recebê-los. - O que querem?

- Boa noite. Somos estrangeiros e estamos procurando uma forma de voltar para casa. A senhora conhece algum barco ou navio que vá para Wimow?

- Não. - Ela responde secamente e volta para dentro da cabana cuidar de seus afazeres.

Breig e Uglu se afastam de lá, seguindo pela praia.

- Estou começando a suspeitar que esse povo tem algum ressentimento com quem é de Wimow... - Uglu comenta.

- Será?

- Sei lá... Talvez tenha a ver com a guerra, com a intervenção do povo de lá. Não sei. Estranho.

- Vamos ali! - Breig fala e acelera o passo, sendo seguido por Uglu.

O que vira foram cinco pescadores conversando e sorrindo encostados em seus barcos. O que Breig pensou, obviamente, foi que seria ao menos mais agradável procurar informações entre pessoas que estão de bom humor (coisa rara hoje em dia).

- Olá, senhores! Boa noite!

- Boa. - Eles ainda mantêm o sorriso, mas adquirem uma expressão desconfiada.

- Desculpe incomodá-los. Nós não somos daqui e estamos procurando um barco para ir pra Wimow.

- Bora! - Um rapaz que estava sentado se levanta, indo em direção ao mar, sob gargalhadas gerais. Após poucos passos ele volta.

- Que é isso, hein?! Vou mostrar a vocês o que é engraçado! - Uglu já ia se aproximando, mas é interrompido por Breig.

- Perdão, mas é sério. Sei que um barco desses não é adequado para uma viagem até Wimow, mas vocês são do mar, ora, devem conhecem barcos maiores da redondeza, sejam de pesca ou não. Foi somente isso que nós pensamos ao procurá-los.

- E vocês vem com esse desrespeito! - Uglu cospe no chão, de lado.

- Tá, tá, desculpe então ter tomado tempo de vocês.

- Espere. - Um dos cinco, de bigode cheio, se desencosta do barco onde estava. - Ebyublar, não tinha um navio de Wimow que estava vindo de Kreuk mais cedo?

- Sim, é verdade. Deve estar ainda lá. - Um homem de chapéu sem camisa responde.

- Isso! É exatamente disso que nós precisamos.

- Que bom. Deve estar ainda lá, estava navegando longe da costa. - O mesmo bigodudo complementa. Agora é só vocês chegarem lá.

- Vocês não poderiam nos levar?

- O que ganhamos?

- Hmmm... Podem ficar com nossos cavalos, mesmo porque não vamos precisar deles.

- Cavalos, cavalos... - o de bigode pensa um instante. - Bora. Pega os animais que eu levo vocês.

Finalmente os dois conseguem um barco. Um barco menor que os leve a um adequado. No meio do caminho, uma percepção os perturba.

- O que é aquilo? São pedras? - O pescador aponta para longe.

Breig e Uglu observam atentamente e se olham preocupados.

- Volte! Mudamos de ideia.

“É a frota de Noak...”

Episódio 15: À Beira do Rio Cretoa

Quatro cavaleiros em três cavalos no meio da estrada param.

- E agora? O que vamos fazer? Está tudo perdido. - Tierby, um homem baixo e de cabelos escuros, lamenta, de seu cavalo que divide com Epowi.

- Ainda não. - Viex responde prontamente.

- Agora é que temos que agir. Isso ou nunca mais conseguirei voltar para o meu templo. - É o sacerdote Epowi quem fala.

- Então vamos pra Beniw resolver logo isso. - Krid opina.

- Não faz o menor sentido, Krid. Não tínhamos força suficiente para uma investida dessas lá no templo, o que dizer agora que somos somente quatro? O que temos que fazer é escolher uma outra cidade e montar uma nova base de operações. Sorte termos conseguido escapar.

- Pra onde então, Viex?

- Deixa eu pensar...

Viex olha o horizonte pensativo. Antes que uma resposta venha, nota a rápida aproximação de alguém.

- Rápido, vocês são viajantes e eu um artista tocando por uns trocados.

- Como!?

Antes que os outros três entendam com mais clareza o plano, Viex puxa a Janliet e começa a tocar uma música suave. Enquanto tenta ouvir pensamentos, pensa em qual será o próximo passo.

“Talvez o mais prudente seja voltarmos e nos aproximarmos da Floresta Noaknezt. Poderíamos ir para Cyiat, mas os únicos caminhos diretos a partir daqui passam por Evy ou Beniw e isso certamente não é prudente. Só se cruzarmos o rio e voltarmos pelo outro lado. O caminho que vai de Fyulet a Flovecrai passa suficientemente longe de Evy e nos deixa tão perto da entrada da floresta quanto Cyiat.”

“Não acho que estaremos em condições de entrar nessa guerra em menos de um ano. A guerra será longa e teremos que manter uma base de operações. Mais sensato talvez seja nem mesmo ir a Cretoa, mas acampar na floresta...”

E eis que o aventureiro se aproxima o suficiente para que Viex abandone seus pensamentos e até mesmo a composição que executava com Janliet.

O vulto avermelhado se aproxima a cavalo, com uma lança presa às costas e uma lira suspensa por uma tira de couro.

- Zand?!

Os três desfazem sua cara de “apreciadores da cultura popular” - ou o que eles acreditavam serem caras de apreciadores – e assumem uma expressão de espanto e alívio.

- Você o conhece?

E eis que Zand reduz sua velocidade e se aproxima do grupo após avistar Viex.

- Ora quem encontro aqui no meio da estrada!

- Prazer revê-lo também. A que devemos a honra da visita?

- Estou indo em missão de resgate e não tenho tempo a perder.

- Resgate?

- Sim. Estou indo a Beniw.

Enquanto Epowi e Tierby quase caem do cavalo, Krid não pode evitar um pequeno riso.

- Eve?

Zand o encara esperando que Viex prossiga.

- Ela esteve aqui há alguns dias. Estávamos tentando montar um grupo, mas ela desistiu e foi sozinha a Beniw antes da hora.

- E você deixou que ela fosse sozinha?

- Foi uma ação totalmente precipitada. Não tínhamos ainda gente suficiente para confrontar a Dessurdi.

Zand simplesmente gira o tornado e se volta para continuar no caminho que seguia. Os três aliados de Viex apenas olham, ainda mais espantados, aquele guerreiro com uma armadura de escamas de dragão se preparando para ir embora.

- O que você está fazendo?

- Eu vou resgatá-la.

- Você está maluco?! Os Dessurdi tomaram Beniw! Dri Gnat e até mesmo Evy já foram tomadas também. Estamos deixando Evy agora logo depois de o clã nos encontrar e atacar a base!

- Você já foi mais corajoso.

- Não é falta de coragem: é prudência! Da outra vez estávamos lidando com guerreiros e não com ladinos,

além do que a tropa de Noak estava na fronteira. Era o momento mais apropriado.

- E quando será o momento mais apropriado dessa vez? - Zand o encara por um tempo, mas Viex não tem resposta.

- Está bem, está bem. Eu sei que vou me arrepender disso, mas você vai precisar de ajuda. Vamos a Fyulet e partimos amanhã cedo, ok?

Zand respira fundo antes de dar uma resposta. Em sua mente vem as palavras de Eve sobre Tornado em outra ocasião.

“Ele estaria reclamando que está sendo forçado a caminhar mais de dezesseis horas por dia quase sem parar. Você quer perder o animal também?”

Então pensa em como isso pode ser um truque para ganhar tempo, para tentar convencê-lo a uma abordagem mais lenta. Então se decide.

- Não. Vou agora mesmo. Se quiserem me acompanhar, venham, senão eu vou sozinho.

- Cara, como vocês são mesmo parecidos! Está bem! Está bem! Eu vou. E vocês?

Krid já se movimenta com um sorriso. Afinal, uma abordagem direta era tudo o que queria desde o começo.

- Já tivemos ação demais para um dia, não acham? - Epowi fala timidamente. Sabe que não vai conseguir convencer aquele guerreiro a mudar de ideia. Tenta só por tentar. - Está bem, mas vamos conversando sobre um plano. Não podemos chegar assim sem nada na cabeça.

- E você, Tierby?

- Vamos nessa.

Episódio 16: Dueto e Estrada

“Maldito Zand precipitado! E Eve precipitada! Esse povo de Wimow parece que nasceu de sete meses!”

Os cinco seguem em direção à capital de Noak, a maioria deles a contragosto. São Krid, Epowi e Tierby, três aliados de Viex, e Zand.

“Isso não faz o menor sentido, mas quem sabe repetimos a sorte que tivemos da outra vez... Não fosse exatamente o Zand... Um outro bardo, mas com ótimo treinamento de guerreiro, com uma armadura de escamas de dragão, uma lira divina feita pelo amor desse mesmo dragão e uma lança tão famosa. São ingredientes demais para uma batalha no mínimo inesquecível.”

- Viex?

- Fala, Zand.

- Consegue distrair os ladinos com Janliet?

- Não acho que eles caiam fácil nesses truques.

- E se eu ajudasse?

- Como?

- Tocando lira para preencher mais sua canção.

- Talvez funcione. Podemos tentar.

- Comece.

Tierby e Epowi se olham e dão de ombros, enquanto Viex toma sua flauta Janliet e começa a tocar uma melodia suave.

Zand dedilha a lira, fazendo um dueto com Viex. Uma lira e uma flauta.

Os três outros aventureiros se admiram da beleza do som. O som vai diminuindo, enquanto eles se olham, até que...

- Onde estão os dois!?

- Não acredito que nos deixaram aqui. -Krid protesta. - Eu queria ir também!

- O que você acha que aconteceu?

- Eles devem ter se teletransportado.

Os três param. Antes que a discussão prossiga, eles ouvem duas gargalhadas mais adiante. Olham e veem que são os dois bardos.

- Pelo menos sabemos que isso funciona.

- O que vocês fizeram? - Epowi pergunta intrigado.

- É uma canção, uma canção de bardos – Viex responde. - Ela afeta a mente de quem está por perto e faz com que não nos vejam.

- E nós?

- Podemos fazer com que o tema da canção alcance vocês também.

- Mas não podemos perder a concentração. - Zand completa. - Vocês adotarão um papel fundamental nessa empresa: não temos certeza de quantos ladinos serão afetados por esta canção, então vocês vão ter que ficar de olho e a postos para nos dar cobertura.

- De fato uma boa ideia. - Viex fala. - Assim, se virem alguém fora do efeito da canção, vocês dão cabo deles, mas lembrem-se que não podem se afastar muito de nós ou sairão do tema.

- Tudo bem.

Tudo devidamente planejado, o grupo segue apreensivo, quando Zand começa a tocar a Canção do Repouso. Todos notam facilmente seu efeito, que tranquiliza a mente e revigora o corpo, numa baixa intensidade.

Os planos terminam mudando um pouco: Krid arranca uma roda de carroça logo que entram na cidade. Seu objetivo é usá-la como escudo contra possíveis projetos. E

que pena os outros dois não terem força suficiente para fazerem o mesmo.

Eles caminham por uma rua quase deserta. Já é quase noite. Não é difícil ver pessoas caminhando sob o abrigo da escuridão, dentro de prédios, nos telhados, becos... E triste é pensar que esta é apenas uma fração do pessoal da Dessurdi, que tomou a cidade.

Um dardo acerta Krid de repente, vindo de uma das casas. Ainda não chegaram ao castelo de Beniw e Krid pende do cavalo..

- Nos notaram. Acho que ele foi envenenado. - Tierby murmura enquanto Epowi se aproxima do caído companheiro e coloca a mão sobre sua cabeça.

Ele ora para os deuses por sua saúde e os deuses lhe atendem. Krid está bem novamente e a canção não para. Zand faz, com a cabeça, sinal para prosseguirem, enquanto Viex gesticula em uma direção. Os três voltam seus olhos para lá.

Um casal jovem encapuzado – cujos rostos não se consegue ver com clareza passa em uma rua transversal, a dois metros dos cavalos de Zand e Viex, que vão à frente.

O casal não os nota, mas pelo porte e pela forma como andam, não há que lhes negar a natureza de assassinos.

A entrada em Beniw continua e com ela vem a preocupação: não há mais interrupções. Alguém certamente os vira e tentara derrubá-los com dardo – ou era apenas um teste – e nenhuma ocorrência mais houve. A preocupação pode ser resumida em uma pergunta: por quê?

Depois de percorrer mais ruas da cidade, finalmente eles se encontram diante da escadaria que serve de entrada para o castelo. Também encontram a resposta para aquela pergunta.

O ladino que os vira certamente veio e anunciou sua chegada ao casal que comanda Noak agora e que está no topo da escadaria, rodeado por uma guarda de bandidos.

Um sujeito elegantemente vestido em manto colorido que não é estranho aos olhos de Zand. A seu lado está...

- Eve?

Episódio 17: Resgate?

- Ora, olha quem temos aqui! - O sujeito magro comenta apoiado no cajado. Suas roupas elegantes e seu ar que mistura arrogância com ingenuidade não nega sua natureza.

- Azkelph!?

- Também é um prazer revê-lo, Zand. A que devemos a honra dessa visita?

Azkelph encara “Rubi”, que desfaz a expressão de espanto. Ele sorri com sua surpresa.

Do outro lado, os cinco estão cercados e, agora, à mostra de todos. Zand não encontra palavras para confrontar o mago.

“Ele está vivo!? Não tinha sido assassinado pelos Raxx e substituído por Protages?”

- Zand, olha lá! Poderia pedir ao seu coleguinha bardo para parar de tocar flauta? Não estou com paciência para música e hoje também não tou afim de pagar cover artístico.

Viex para e olha pra Zand, que lê uma mensagem em seu olhar. Uma mensagem difícil de decifrar. Como quem está no controle da situação.

- Boa noite, Azkelph e Rubi. - É Viex quem toma a dianteira. - Sou daqui de Noak mesmo, como bem podes ver, e estou aqui com meus amigos para questionar o porque de a sua guarda interromper um culto religioso. Estávamos em um culto de adoração quando homens, creio que seus, atacaram o lugar, sem mais nem menos. Revolvemos correr até aqui para perguntar qual a razão disso. Por acaso, no novo reino de Noak que vocês vão construir está proibida a religião?

Azkelph olha por um tempo, como se estivesse procurando uma resposta, e termina soltando uma gargalhada.

- Vocês bardos me divertem, sabiam?

Sem uma resposta em palavras, ele gesticula algo para os outros. É nesse instante que o grupo se arma instantaneamente. Viex aciona sua Janliet para nublar a visão dos inimigos, dificultando que dardos os atinjam. Zand salta contra dois dos tais “soltados de Azkelph”, golpeando-os com sua Roph-Raph. Os outros três se posicionam para entrar também na briga.

Zand, já desmontado, luta de maneira praticamente automática, com medo de pensar em quem seria aquela mulher ao lado de Azkelph. Sim, Azkelph está vivo e este é um mistério, mas isso não tem qualquer importância para ele perto do mistério da identidade daquela mulher.

Ela veste uma roupa de couro, ressaltando suas curvas. Nas mãos, duas luvas brancas, as mesmas que usava quando Zand a encontrou em Froik. Em apenas uma das luvas, a direita, há uma pedra inserida, que muda de cor a depender do ângulo em que é vista. Suas mãos se movimentam lentamente, sem que ninguém perceba e alcançam um pequeno bastão escrito “E-60”.

- O quê?! - Azkelph grita espantado quando vê seu cajado voar de sua mão para longe e nota o corte em seu braço. Antes que a guarda possa fazer alguma coisa a respeito, aquela mulher já está descendo a escada em velocidade, indo em direção ao grupo.

- Zand, vamos! É Eve. - Viex fala, por medo de um desentendimento terminar numa tragédia. Zand a vê chegar. A lâmina azulada da E-60 corta dois meliantes e ela salta, montando Tornado.

- Me sigam. - Ela diz simplesmente, enquanto segue em uma direção.

A lâmina da E-60 oscila e falha por uns instantes, como se estivesse perdendo seu efeito. Eve prepara um golpe contra três brutamontes que bloqueavam o caminho. Por uma fração de segundo e exatamente no momento do golpe, a lâmina se expande num impacto violento, arremessando os três para longe, já inconscientes. Depois disso, a lâmina é desativada e guardada.

- Vamos! - Ela olha rapidamente para o grupo, em especial para Zand, já que está com sua montaria. Então segue rápido até alguns cavalos parados e muito pouco precisa esperar pelo grupo.

Guiados por Eve através de um estranho trajeto, entrando em ruas apertadas, finalmente eles saem de Beniw.

A saída é pela estrada que leva a Dri Gnat, mas Eve os guia por um caminho alternativo, uma estrada de pouco uso que leva a uma cidade que não mais existe, e que é usada nos dias de hoje por quem quer ir a Jaq Lanol ou Fyulet com mais sossego.

Só depois de muito adentrar na escuridão por essa estrada, quando estão longe o suficiente da capital de Beniw, é que Eve reduz a velocidade de sua montaria e conversa com os cinco.

- O que vocês pensam que estão fazendo?!

- Viemos te resgatar, Eve. - Zand responde, com naturalidade.

- Me resgatar!? Vocês estão malucos! Vocês iam morrer!

- Mas a gente conseguiu, não foi? - Krid fala alegre.

Nenhum sinal de alegria vem ao rosto de Eve.

- Não! Quase todas as ruas estão tomadas. Vocês iriam ser mortos facilmente ali sem ajuda de alguém que presenciou discussão dos últimos planos de preenchimento da cidade.

- Ah, é? Agora acredita quando eu digo que não temos condições de enfrentar aquele pessoal? - Viex pergunta e Eve o ignora. Ela respira fundo e conclui

- O que está feito está feito. Enquanto me passei por Rubi, tive acesso a informações ainda mais preocupantes. Não estamos em um bom lugar para conversar a respeito, entretanto. Vamos nos apressar para chegar a Rhidewar o quanto antes. Lá conversamos.

- Você sabia que essa cidade não existe mais? - Viex provoca.

Eve responde com um olhar de desprezo e galopa em seguida. Zand vai logo atrás, seguido pelos outros quatro.

Episódio 18: Em Rhidewar

Uma cidade abandonada, uma cidade fantasma. Era uma cidade relativamente grande, ao que se nota. A maioria das casas que ainda estão de pé estão sem o telhado ou parte dele. Eve os conduz até um casarão, onde eles entram com seus cavalos. Lá fora, ruídos de criaturas da noite.

- Então... - Zand deixa escapar, mas não continua, quando estão todos reunidos em um quarto com areia e sem móveis.

- Então a grande Eve teve a chance de acabar com tudo e deixou passar! Tudo o que fez foi um corte no braço daquele mago, não foi?

Eve respira fundo e encara Zand.

- Lembra quando chegávamos a Noak? Lembra que a frota de Noak se afastava do continente?

- Lembro sim.

- Parece que todos por aqui esqueceram, mas no meu tempo havia uma lenda que falava de outros reinos além do mar. A lenda dizia que, por castigo, os deuses separaram esses reinos por água e bloqueios mágicos.

Pois bem, descobriram um novo continente ao Sul do nosso. Pelo que entendi, o contato foi através de magia há alguns anos e eles se denominam Klavorini e nos chamam de Klavorini Norte.

- E como são esses povos? - Epowi pergunta, curioso.

- São um povo rude, pelo que pude entender. Eles não conheciam a Magia, mas talvez justamente por isso desenvolveram armas de guerra pesadas.

- Eles adoram algum deus?

- Eu não sei, sacerdote. Não sei. O que sei é que os Raxx fizeram uma aliança com eles.

- Que aliança?

- Os Raxx? Estão mortos! - Zand protesta.

- Nem todos. - Eve retruca. - Halkond tinha um irmão, que foi justamente aquele que iniciou essa aliança.

- Um irmão!?

- Kokond, general do mar de Noak. Ele levou a frota lá para ajudá-los em uma guerra interna, especialmente com magia. Em troca, a turma lá do sul mandaria armamento e alguns soldados para a guerra dele.

- Que seria? - Viex pergunta preocupado.

- A turma lá do sul está concluindo um golpe no poder atuante e pretende criar o Reino Unificado de Jex. Eles querem unificar os reinos daqui também, criando o Reino Unificado de Raxx.

- Caramba...

- Os planos eram chegar esta semana aqui, mas Azkelph veio antes dos outros para ir preparando tudo. Depois de ver que o poder foi desfeito em Beniw, ele conseguiu resposta do clã Dessurdi, que era a aliança que faltava aqui no norte, e começou a retomar tudo.

- Espere um pouco. Nesta semana!?

- Sim, eles já devem ter chegado.

Os outros param pensativos. Não há muito o que dizerem a respeito de tais revelações. É tudo muito maior do que qualquer um deles tivesse pensado.

- Isso é... Terrível! - Viex fala por fim. - Seria loucura, não fossem essas alianças novas. Agora, tudo está no plano do realizável! Temos que pedir ajuda.

- Sim. - Eve responde, tranquila – É o que precisamos fazer. Estamos no meio de uma guerra de proporções colossais e isso está muito além de nós. Por isso mesmo devemos marcar uma reunião para daqui a duas

semanas, uma reunião entre as autoridades máximas de Klavorini Norte.

- Haha! Já adotou mesmo o nome que eles nos deram, né? - É Krid quem se diverte um pouco, tentando quebrar o clima de tensão.

- Por isso – Eve continua, o ignorando – amanhã pela manhã devemos nos dividir. Minha sugestão é que Zand procure o rei de Wimow em Ey Vudeon, já que o conhece; Viex procure o rei de Surdi em Phyuge; enquanto eu irei a Cyad Woe em busca do rei de Wiogee.

- E como será essa reunião? - Viex questiona – Onde...

- Ofy. É uma cidade de Surdi que fica no estreito entre Wimow e Wiogee, equidistante dos dois. Creio que seja a melhor cidade para isso.

- Mas não contatamos ainda ninguém de lá? - Viex protesta. - Onde exatamente será?

- Esta questão é urgente, bardo. Não precisamos complicar. A reunião será na casa do gestor da cidade, do conde. Mesmo que ele seja pego de surpresa, não haverá problemas se você tiver cumprido sua parte de trazer o rei de Surdi a essa reunião.

- E nós? - Krid pergunta.

- Vocês... Não sei, só os conheci hoje. Façam o que acharem melhor. Por ora, devemos todos descansar para partirmos amanhã cedo. - Ela se vira então para Zand. - Zand? Precisamos conversar.

- Tudo bem.

- E quanto a vocês, descansem.

Ela sai puxando Zand para um quarto ao lado, enquanto os outros da sala se olham sorrindo em silêncio.

Mal entram no outro quarto, destruído e cheio de poeira, de móveis se desfazendo ao mínimo toque, os dois se dão um abraço demorado.

Episódio 19: Os Reis de Klavorini Norte

Uma mesa na sala reúne as principais autoridades de toda Klavorini Norte, com seus próprios conselheiros.

Gyo I trouxe seus generais do mar e da terra, além de sua esposa Phiana e do jovem Aux Fuzeddin, e está a um lado. Ele próprio rei de Wimow, com Aux Fuzeddin sob seus cuidados, este o rei de direito de Noak, o reino ainda tomado pelo golpe dos Raxx.

Do lado esquerdo deles, pode-se ver um casal de pele extremamente pálida e cabelos quase brancos. São os reis de Wiogee. O rei Elbva Astri, que além da rainha Tuwi do seu lado direito tem, do lado esquerdo, uma estranha figura feminina de traços suaves e olhar distante. Uma rara representante do povo das fadas. Ao lado da rainha, a princesa Cyel olha a tudo impressionada.

Outro lado da mesa é ocupado por Obwir Saipu, rei de Surdi e, assim como Gyo I, ele trouxe dois homens de armas que esbanjam força. Diferente de Gyo, porém, não trouxe sua rainha. Ao invés disso, completa a lateral da mesa a presença do barão desta pequena cidade – Ofy -, anfitrião do evento.

No canto restante, três lugares, mas apenas um está ocupado. Ocupado por Eve.

A sala é muito pequena para uma reunião tão grande. Foi improvisada a recepção na sala de estar do próprio barão Kridol.

Os cômodos próximos estão ainda mais tumultuados. Não pela esposa do barão e seus filhos e funcionários, que estão todos na casa de sua sogra. Estão cheios sim de soldados, soldados dos três reinos.

- Boa tarde às autoridades aqui reunidas. - É Eve quem começa a reunião. - Creio que todos estejam informados dos últimos acontecimentos em Noak. De qualquer forma, para evitar que assuntos corram em círculo por falta de informação ou informação imprecisa obtida por algum dos presentes, deixe-me resumir os fatos.

Ela se levanta, de modo a prender melhor a atenção de todos. Então continua.

- Tudo começou quando Kokond Raxx, general do mar de Noak, descobriu por acidente a existência de uma outra extensão de terra ao Sul do nosso continente. Não se trata, porém, de uma ilha como Awra, menos ainda de uma gente inofensiva e pacata. Uma vez lá, ele tomou ciência da política e fez aliança com um grupo de revoltosos. Fez um pacto de ajuda mútuo e voltou, sem

relatar ao rei sobre suas descobertas. Ele precisava de magos e precisava se fortalecer por aqui. A partir deste ponto chamarei de Klavorini Sul a terra descoberta e Klavorini Norte a nossa própria terra, que é como se têm chamado.

Em uma pausa, ela vê a expressão de cada um dos presentes. Todos curiosos com a narrativa, apreensivos com a informação de uma nova terra.

- Kokond foi a Wimow procurar a Academia para Magos de Vli, onde conheceu e ganhou confiança de Azkelph, um dos mestres da instituição. Marcaram uma reunião para poucos dias depois. A reunião trouxe também representantes de clãs de assassinos e bandidos. Naquela ocasião, seu irmão Halkond, junto com Rubi e o próprio Azkelph apresentaram o que haviam retirado do covil do dragão vermelho que habitava ali próximo. Isso serviu como um sinal para viabilizar a participação dos clãs no golpe. Os clãs ficaram impressionados, mas pediram mais uma demonstração de poder: o grupo saquearia o dragão novamente e parte do recolhido serviria também como pré-pagamento. Halkond ficou com a missão e Kokond voltou a Noak para evitar que se criassem suspeitas sobre si.

Alguns começam a demonstrar impaciência e Eve para um pouco.

- Alguma pergunta?

- Sim, eu tenho. - Quem intervem é o general do mar de Wimow, Glouvry. - Com meu perdão, quem é a senhorita afinal?

- Eu pulei essa parte do assunto por conta de a resposta não ser tão simples. Peço apenas que confiem em mim. E podem me chamar de Eve.

- Mais uma vez perdão, senhorita, mas um nome apenas é muito pouco para que possamos confiar em você. De onde vem? Quem és? Quais seus laços políticos e sociais?

- Posso? - Um dos homens de confiança do rei Obwir levanta a mão.

- Pois não. - Eve lhe concede a palavra.

- Não faço ideia de quem seja Eve, mas posso garantir, pelo dom divino a mim concedido, que é uma pessoa confiável, de coração justo e nobre. Peço a todos que voltemos a esta questão só depois de tudo, caso haja tempo. O assunto me parece bastante urgente para que percamos tempo discutindo méritos.

- Obrigada, ...?

- Gloanloi.

- Senhor? - Ela pergunta educadamente ao general Glouvry.

- Tudo bem. De acordo.

- Com o cumprimento da missão de Halkond, o pacto foi fechado. Imediatamente Azkelph trouxe alunos e aliados; enquanto as guildas Ranamat e 20 Horas uniram forças ao golpe, planejando e executando o golpe de Noak do qual todos tivemos notícias. Uma vez instituído o novo poder, Kokond partiu com os clãs para Klavorini Sul, deixando o irmão Halkond com Rubi e um aliado de Azkelph, Protages, no comando de Beniw. Por ser uma guilda enorme, só recentemente os Dessurdi confirmaram apoio aos Raxx. ...Zand?

Zand e Viex entram na sala e se sentam perto de Eve.

- Desculpem-nos pelo atraso. Tivemos alguns contratempos.

- Espiões infiltrados. - Viex completa -, mas fiquem sossegados que já está tudo sob controle. Podemos prosseguir com a reunião.

Episódio 20: Os Reis de Klavorini Norte II

Os representantes de Wimow – principalmente o general Plórius – cumprimentam Zand e Viex, recém-chegados à reunião.

- Perdemos muito, Eve? - Zand pergunta discretamente.

- Não, Zand. Estava resumindo a história toda. - Ela responde e então volta a erguer a voz para que todos na sala a ouçam. - Continuando... Enquanto o plano tinha como foco central Klavorini Sul, Halkond, Rubi e Protages foram infelizes em suas decisões e terminaram sendo derrotados especialmente por este guerreiro e bardo que acabou de chegar na reunião.

- É verdade. Vi parte desta história! - O general Plórius fala orgulhoso.

- Ok, um problema a menos. E quanto ao irmão? - O rei Obwir pergunta, quase caindo da cadeira de curiosidade.

- Após a queda de Halkond e Rubi – Eve continua -, houve uma certa paz em Noak, até o momento em que Azkelph voltou a Beniw para finalizar o tratado com os Dessurdi. De lá pra cá, Beniw foi retomada e a esta altura a frota de Noak já deve ter retornado, muito provavelmente com os

reforços, fruto desse acordo com os habitantes de Klavorini Sul.

- Não vejo com o que devemos nos preocupar, ora! - Rei Obwir fala novamente. - Em que esse pessoal do além pode nos ameaçar, se eles precisaram de apoio daqui pra resolver o problema deles.

Eve olha por um momento, esperando pararem as conversas que já começavam a se iniciar na sala. Então responde.

- Eles são muito bons na fabricação de armas pesadas, que é o que costumam fazer. Sua fraqueza está no uso de magia. O povo de Klavorini Sul simplesmente desconhecia sua existência. O pacto de Kokond levaria justamente os magos para desequilibrar a guerra entre o poder lá instituído e o grupo de revoltosos a que se aliou.

- Vocês têm tido conhecimento do golpe de Noak por terceiros. Nós de Wimow estivemos diretamente envolvidos no caso. - O rei Gyo I fala, chamando facilmente a atenção de todos para si. - Apesar de não ter entendido como se deu o fim de Halkond e Rubi, creio que temos uma questão importante nas mãos. Uma questão que exige alguns encaminhamentos. De início – ele se vira para seu general Plórius – lembre-me Plórius de decretar

a proibição do funcionamento da Academia para Magos de Vli.

- Perdão, majestade, mas não seria punir inocentes pelo crime de poucos culpados? - Zand questiona.

- Os assuntos do meu reino resolvo eu e quero que sirvam de exemplo para todos os grupos que pensam em contrariar a ordem e a paz que a custo nós temos.

- Se me permitem voltar a pintar o quadro – Eve retoma a palavra -, o que estamos prestes a enfrentar é uma aliança formada pelo que era a frota de uma das quatro nações de nossas terras, a maior guilda de ladrões daqui, o mais conceituado clã de assassinos, a mais conhecida escola de magos, junto com povos estrangeiros bons em armas pesadas.

- Ainda não entendi o que quer dizer exatamente com “armas pesadas”. - O rei Gyo questiona.

Eve suspira um pouco e então conclui.

- Sinceramente ainda não descobri. Acredito que sejam armas de metal bem trabalhadas para confronto corpo a corpo.

- Em verdade pouco importa. - O rei Elbva, de Wiogee, se pronuncia – Já temos o suficiente para concluirmos que há um grande perigo. E, como Eve já nos adiantou, o que eles

pretendem é unificar Klavorini Norte, colocando essas terras sob uma única bandeira, uma bandeira dos Raxx.

- Que absurdo! - O rei Obwir se levanta, de sobressalto. - É uma calúnia uma coisa dessas!

- E eles estão se articulando para poderem conseguirem realizar seu intento.

De repente uma voz suave e quase inexpressiva toma o lugar. Todos olham para aquela estranha figura feminina, a fada.

- Há uns dias senti uma energia ruim pairando, como se algo terrível estivesse próximo de acontecer. Tudo faz sentido.

- Sim, certamente que faz. - Aquele homem de armas de Surdi que há pouco defendeu Eve e que se apresentou como Gloanloi fala, enquanto desvia o olhar para o vazio por uns instantes.

Suas palavras são as últimas por um longo tempo. Alguns minutos em que se faz silêncio, onde todos pensam no que podem fazer para impedir o grande mal que os espera.

- Talvez – Eve volta a trazer para si a atenção. - devamos fazer uma pausa. Proponho que paremos a reunião por meia hora para que vossas majestades possam discutir

em privacidade junto a seus homens de confiança, ao fim do qual nos reuniríamos novamente aqui para definirmos a melhor rota de ação. De acordo?

Todos concordam e logo se retiram da sala, cada grupo em busca de um aposento para uma reunião particular.

Episódio 21: Os Reis de Klavorini Norte III

Por fim o rei Obwir Saipu chega à sala de reunião com sua equipe. Todos os demais já estão presentes, à sua espera, depois do recesso de meia hora.

O silêncio se faz por uns instantes, até que finalmente é quebrado pelo rei Elbva.

- Creio que conversamos todos e analisamos a questão. Acredito também que esteja suficientemente clara a urgência do assunto. Por isso, devemos tomar algumas medidas. Proponho um ataque direto a Noak em caráter emergencial, antes que eles ganhem ainda mais força.

- Eles estão se expandindo. - Gyo I toma a palavra. -, isso é fato. Concordo que temos que atacá-los o quanto antes, porém não cabe ao reino mais distante esta decisão e sim aos reinos vizinhos do inimigo. Desse modo, de minha parte proponho o ataque completo. As tropas de Wimow partirão mais uma vez em direção às fronteiras de Noak. De outra vez conseguimos vencer, mas o contingente que encontramos era pequeno. Dessa vez será muito maior e nisso certamente precisamos de apoio.

- Respeitamos sua posição, rei de Wimow – Elbva responde -, mas não estamos aqui para medir forças

entre nós e sim para buscarmos uma solução definitiva. Peço não descaracterizar o apoio de Wiogee, pois neste momento delicado todo apoio fará diferença.

- Não foi intenção se o ofendi. Favor desconsiderar. Toda a ajuda de Wiogee será muito bem vinda. E de onde mais ela vier! Precisamos de homens para fortalecer as fronteiras e começar a investida. - o rei Gyo faz uma pausa esperando que Elbva volte à fala. Como isso não acontece, ele próprio questiona. - Poderia nos ajudar nisso?

- Achei prudente seguir seu conselho. Wiogee está distante de Noak e portanto também deve se posicionar por último. Esperemos ouvir o que Surdi tem a dizer a este respeito.

- Bom, é... - o rei Obwir é pego de surpresa, entre seus próprios pensamentos. - Sim, certamente que temos que invadir Noak! Agora é o seguinte: a fronteira de Noak com Wimow fica muito longe da capital, de onde as coisas realmente acontecem em Beniw. O certo seria irmos pelo mar.

Zand sorri discretamente em seu canto ao se lembrar de conclusão parecida no passado e troca olhares com Eve.

- Certo, pelo mar... - o rei Gyo pensa no assunto. - Bem, a frota de Noak é muito boa, talvez a melhor de todas as terras que conhecemos.

- Por outro lado – É Gloanloi quem intervem -, majestades, seria talvez uma forma sensata de atacarmos em áreas conhecidas. Não conhecemos que armas pesadas seriam essas. E temos pela frente bandidos da pior espécie, além de magos. Um ataque marítimo me parece uma forma de evitar o confronto com o desconhecido em um primeiro momento.

- Perdão, majestade? - O general Glouvy pede permissão ao seu rei para falar e o rei autoriza.

- Concordo com a ideia. Poderíamos organizar um ataque marítimo e cercá-los, com duas frentes. Wiogee e Wimow pelo norte, enquanto Surdi viria pelo Sul. O cerco enfraqueceria a frota e teria como efeito colateral a ruptura da comunicação de Noak com esse tal de Klavorini Sul. A partir desse ponto, poderíamos atacar com mais segurança.

- Perfeito! - O rei Gyo se empolga com a ideia. - Rei Elbva?

- Estou pensando... O plano é bom e necessário, porém como procederemos por terra? De minha parte, a frota de Wimow está à disposição, mas a terra é que me incomoda.

- Com razão, se me permite. - Gloanloi fala mais uma vez. - Ladinos não duelam como homens. Eles se escondem nas sombras e atacam sem serem vistos. Não há como

derrotá-los com facilidade, quando estão em número e são experientes. Pior ainda se estão aliados a magos poderosos. As batalhas em terra não serão fáceis e, mais do que isso, tomarão muito tempo e tendem a nos enfraquecer aos poucos.

- Eve? - O rei Elbva se vira para a heroína. - Nos dissesse que vocês três derrotaram o general Protages sozinhos, não foi?

- Afirmativo. Zand, quer falar a respeito?

- Nós fomos por mar como vocês pretendem – um grupo pequeno de homens – e conseguimos, talvez por sorte, chegar ao castelo sem nos depararmos com tropas e atrasos.

- Por sorte, com certeza. - Viex completa. - De qualquer forma, eram outros tempos e não havia ainda tantos bandidos! Uma aproximação deste tipo hoje diria ser impossível.

- E se a aproximação se desse... por cima?

O silêncio na sala é de admiração à ideia do rei de Wiogee.

- Mas como poderíamos? - Zand pergunta.

- Perto de Iosos, na Serra do Falcão, temos um criador de grifos que serve ao reino. Tão logo crescem, esses belos animais são colocados à nossa disposição.

- Então você nos cederia grifos para uma ação direta? - Eve pergunta admirada.

- Minha sugestão é a seguinte: mantemos o plano marítimo. Em terra, os exércitos atacarão nas fronteiras. O objetivo, entretanto, não seria vencer a guerra por esse caminho. Enquanto isso acontece, vocês três, com ajuda de Ubaen – ele aponta para a fada – voam até Beniw em grifos e fazem um ataque cirúrgico a Azkelph e Kokond, que deve ter chegado com a tropa de Noak. Parece plausível?

- Certamente que sim. - Eve responde, enquanto o grupo pensa. - Creio ser difícil chegarmos a uma resolução melhor. O ataque teria que ser deflagrado imediatamente. Em uma semana ou duas as forças de Noak estariam concentradas nas fronteiras e assim partiríamos.

- Perfeito! Gostaria de ir com vocês. - Gloanloi se oferece. Todos os presentes concordam com os planos e a reunião tem fim.

Episódio 22: Decolagem

Foram semanas árduas, apesar de longe da guerra. Longe de corpo, mas não de espírito. Conforme decidido, as tropas atacaram Noak e conseguiram avançar em algumas cidades, até a chegada do exército dos Raxx para confrontá-los.

- Zand... - Eve se aproxima naquela noite estrelada. Estão como “convidades” no castelo do rei Elbva. Zand sentado próximo à janela observa o céu. Faz um pouco de frio, mas não tanto para a capital de Wiogee. - Está pronto para partirmos?

- Creio que sim.

- Troquei os escudos.

- Como?

- Os escudos que pedi ao general há uma semana. Os que eu encomendei ficaram prontos. Ficaram muito bons! Pequenos e feitos de metal, mas com uma proteção extra de... Algum problema?

- Não, tudo bem. Só estava pensando.

- Ou estaria “recordando”? Talvez uma outra criatura voadora.

Zand não responde. Simplesmente continua olhando a cidade. Eve se aproxima e se senta diante dele.

- Me diga, meu bardo. O que está havendo? Você não é assim. Não conheci você antes de toda essa confusão do dragão, mas conheci o suficiente para entender quem você é e você não é assim. Algo o incomoda, e muito.

- O que há mesmo entre nós?

- Boa pergunta, Zand. - Eve suspira e olha também os céus por um momento. - Por vezes me faço a mesma pergunta, mas parece que não há o que eu acreditava haver. Você sempre está tão distante.

- Entenda, é muito difícil. É difícil olhar para você e não ver...

- Rubi.

- Estou confuso, só isso. Por que a gente não foca a missão e depois discutimos sobre nós dois. Entenda, gosto muito de você, mas tudo isso está muito estranho.

Eve faz sinal afirmativo com a cabeça e sai do quarto, deixando Zand só. Não precisa dizer que só tem uma hora antes da partida.

Ubaen com um vestido leve em tons de verde e azul, segurando um cajado estranho. Parece algo vivo e certamente é de madeira. Seu olhar distante e inexpressivo. Do seu lado, Gloanloi ostenta uma armadura de placas branca, com partes escurecidas. Um enorme escudo e uma espada presa na bainha, pronta para uso. Um cordão preso em seu punho esquerdo traz um símbolo estranho, talvez um símbolo religioso. Com eles, dois ajudantes das forças armadas de Wiogee. Os grifos também já estão ali.

Viex, Zand e Eve chegam, acompanhados do rei Elbva. De novidades, Viex veste umas peças de couro para melhor proteção. Zand e Eve agora levam pequenos escudos em seus braços esquerdos. Zand continua com a armadura de escamas de dragão, de Knova, além da lança Roph-Raph e da lira de Knova; enquanto Eve agora tem uma cota de malhas protegendo parte do seu corpo, mas nas mãos ainda traz as luvas brancas que eram de Rubi.

O rei vem em seu traje branco e púrpura, duas das três cores da bandeira de seu reinado. Logo estão os cinco reunidos.

- Temos notícias de que os reforços chegaram à guerra. Os Raxx já estavam tendo de lidar com os navios da nossa aliança e agora estão ocupados também com as fronteiras.

- Morderam a isca. - Gloanloi atalha. - Agora nos cabe puxar o anzol.

- Pode-se dizer que sim. O que preocupa é a possibilidade de Azkelph e Kokond não estarem lá, no que todo esse trabalho seria em vão.

- Não precisamos nos preocupar quanto a isso – Zand fala. - Eles estão lá.

Mesmo sem entenderem o porque de Zand ter deslizado discretamente os dedos na lira, a notícia os anima.

- Bem, é chegado o momento de irem. Desejo a todos muita sorte e que voltem vitoriosos.

Do castelo, da cortina de seu quarto, a princesa Cyel observa admirada quando os cinco bravos aventureiros levantam voo de Cyad Woe.

Os cinco voam alto e avistam com dificuldades a terra lá embaixo.

- Muito bem, agora como vamos fazer? - Eve pergunta, mas ninguém entende, então ela repete, falando mais alto. - Como vamos fazer? Pensei que fosse mais fácil ver a estrada de noite!

- Deixe comigo! - Gloanloi responde. - Já voei de noite antes!

Leões com cabeças de águia e asas de águia. Cabeças e asas de uma águia gigante, na proporção de tamalho do leão, talvez maiores. Essas criaturas especiais levam o grupo rumo a Beniw, da capital de um reino à capital de outro reino. Buscando a proteção contra olhos e flechas no manto escuro da noite.

Zand fecha os olhos em contemplação sentindo a Liberdade bater em seu rosto, enquanto pensa se é desse jeito que Knova se sentia quando voava.

Episódio 23: Desembarque

Início do dia, em Oncial, reino de Surdi. Eve cuida dos grifos enquanto os quatro outros aventureiros despertam. Finalizado o revezamento noturno, eles fazem a primeira refeição do dia na hospedaria já conhecida por Eve.

A noite transcorreu em paz. Muitos curiosos chegaram para ver os animais, como se fosse um circo. Os turnos de Zand e de Viex, em especial, foram mesmo circos. Eles tocaram melodias para entreter o público. A festa acabou quando veio Ubaen. Além de tarde da noite, ela não se mostrou tão receptiva quanto os dois.

- Então você é a Eve da lenda!? - Gloanloi pergunta, admirado com a revelação. - Que interessante! Quem diria!

- Vocês não percebem, não é? - Ubaen fala com sua voz inexpressiva.

- O quê?

- Que ela não está no corpo que lhe pertece. Isto é muito claro. Basta olhar...

Todos fazem silêncio e continuam suas refeições.

- Você é capaz de ver minha forma? - Eve finalmente pergunta a Ubaen.

- Sim, mas não claramente. Ela está mesclada à forma do corpo físico.

- Deve estar bem velha depois de tantos séculos. - Viex comenta, com um pequeno sorriso sarcástico.

- Está mais velha que no corpo atual, mas parece ter a mesma idade que todos vocês.

- Que bom que a Rubi terminou sendo útil para um bem maior, depois de tanto mal que causou.- Gloanloi fala antes de mais uma garfada. Então, tem um insight. - E a espada!? O que aconteceu com ela?

- Não me interessa. Você acha que depois de “tantos séculos”, como diz o bardo, presa àquele objeto eu vá querer saber dela?

- Talvez devesse se importar. - Ubaen comenta, de maneira quase tímida.

- Zand, Azkelph está em Beniw? - Eve corta o assunto.

- Está.

- Ótimo! Acho que está na hora de partirmos.

- Certo. - Gloanloi concorda. - Esta foi nossa última parada...

- Como é longe Cyad Woe de Beniw! - Viex comenta, interrompendo Gloanloi. - Se bem que a cavalo levaria quantos dias?

- Como ia dizendo, vamos descer em Beniw. Woate, você conhece bem o castelo. Quando nos aproximarmos, você toma a dianteira. Procure um local seguro para aterrissagem. Assim que chegarmos, Zand localiza Azkelph enquanto lhe damos cobertura.

- É um bom plano. - Eve se levanta e complementa. - Seria especialmente bom se nós pudéssemos evitar obstáculos. Viex poderia nos esconder com sua música.

- Tudo bem. - Viex concorda.

- Vamos então? - E eles partem.

Eles chegam por volta do meio-dia, mas não chegam sem serem notados.

O grifo de Viex mergulha e os outros o seguem em uma aterrissagem forçada. Os bardos caem ao chegarem no chão.

- Vocês estão bem? - Gloanloi logo está de pé perto dos dois.

- Acertaram meu grifo. - Viex lamenta, levantando-se. Dá alguns passos mancando. - Acho que bati a perna um pouco forte demais.

Gloanloi se abaixa e coloca as mãos sobre a perna machucada de Viex. Fecha os olhos, depois se levanta.

- Vamos! Hora do plano! - Ele reclama e corre sacando sua espada na direção de soldados que se aproximam.

Viex começa a tocar a melodia que nubla a visão de seus inimigos. Começa a caminhar e percebe que a perna não doi mais.

Do seu lado, Zand toca a lira na canção da localização. As melodias se misturam e logo os dois param e se encaram.

- É rápido? - Viex pergunta. Zand apenas responde com a cabeça e recomeça a tocar.

Viex aproveita e olha ao redor. Gloanloi já derrubou alguns soldados e parece estar acabando com os últimos que estavam vindo por aquele caminho. Eve está perto dos grifos, dando cobertura a Ubaen enquanto ela... Ela está curando os grifos que foram feridos! E as duas parecem discutir.

- Não pode ser! - Zand exclama enquanto para de tocar.

- O quê!?

- Ele não está mais aqui!

- Ei? - Alguém pergunta. Zand olha e vê que é Eve.

- Ele fugiu!

- Como assim fugiu!

- Está em Wiogee!

- Como...

Eve procura os outros aliados com os olhos. Lá atrás, onde acabara de deixar Ubaen sob os cuidados de Gloanloi, não consegue mais enxergar nenhum dos dois.

É neste momento que tudo adquire uma cor vermelha e o som se distorce. Eve escuta os gritos distorcidos, de aliados e rivais, como se em todo lugar só houvesse chamas. Como se o inferno fosse ali.

Episódio 24: Armadilha

As cores do dia aos poucos vão voltando ao normal. Eve se levanta e só então que percebe o quanto tudo ficou quente em um instante.

Numa olhada rápida, os grifos estão muito feridos. Há guardas caídos perto da entrada do prédio. Estavam vindo quando foram atingidos? Todos estão mortos?

- Zand!?

Ela se joga perto do bardo, que está caído no chão.

- Oi... - Ele fala com dificuldades e Eve sorri ao perceber que ainda está consciente.

- Calma, você vai ficar bem.

Zand aponta para o lado e Eve segue com o olhar naquela direção. Viex está caído também. Perto dele a Janliet ainda fumaçando. Sua roupa, exceto por algumas poucas partes, destruída. Rasgada ou desintegrada por fogo. Ao contrário de Zand, ele está inerte.

Eve se aproxima e percebe que tudo foi ainda pior. A pele do bardo de Noak está cheia de queimaduras profundas. Aproximando-se de seu rosto, Eve percebe que ele ainda respira, mesmo com dificuldades.

- Ele está bem? - Zand pergunta, sentando-se lentamente.

- Ei, calma aí! Não se mova, Zand! Ele está vivo, é só o que posso dizer.

- E os outros?

- Eu... Não sei.

Antes que Eve se levante para procurar pelos arredores, Zand pede que lhe traga a lira. Ela o atende.

“Uma armadilha. Uma bomba mágica. Nessa Azkelph se superou. Quem diria que ele seria capaz de algo assim? Um truque bélico tão planejado?”

Eve corre com E-60 em punho – o escudo simplesmente sumiu.

A cena que vê não é nada agradável. Há mais soldados espalhados pelos corredores. Caídos, todos aparentemente mortos. Nenhum sussurro ou lamento ela ouve enquanto procura por vida.

“Onde os dois foram se meter numa hora dessas? Zand!”

Ela para por um instante enquanto passava diante de uma porta para o pátio. Dali o vê sentando perto de Viex tocando lira.

“Que canção é esta? Ah, dane-se! Tenho que encontrar os dois! Podem ser a única salvação de Viex ou, mais provável, estar à beira da morte também.”

Ela encontra a escadaria e segue apressada rumo ao topo de uma torre. Sabe muito bem que lugar é este: aqui fica o quarto de Azkelph.

Sua entrada no quarto serve apenas para confirmar sua impressão e o que Zand dissera mais cedo: ele se foi.

“Que jogada de mestre! De alguma forma ele sabia que a gente viria pra cá e nos esperou. Deixou a armadilha preparada esperando o momento certo. E o que fez? Foi para Wiogee! Outro golpe de mestre! O reino mais distante e por isso mesmo o que menos espera por um ataque surpresa.”

Dali de cima observa a cidade. Tudo parado, silêncio e vazio. Qual seria o alcance exato desta bomba? E que poder Azkelph realmente tem?!

“Será que ele sabia que estávamos vindo para cá? Não havia como saber...”

“Que jogada, hein? Estamos realmente numa disputa de estratégia. Estamos mesmo em uma guerra.”

“Só queria que houvesse sobreviventes, principalmente alguém de Noak mesmo. Um soldado antigo. Teríamos

nele um bom aliado. Quem não fica puto com uma traição dessas de seu chefe?”

“Bardos, aguentem aí...”

- Droga! - Ela deixa soltar, frustrada, quando vê que a sala de cuidados médicos está destruída também, que todo o material que seria tão útil neste momento está inutilizável.

Pensa em quantos homens devem ter morrido – e estarão morrendo neste instante – nas batalhas marítimas e nas fronteiras. Tudo isso apenas para que se pudesse construir este momento, mas foi em vão.

“Agora está em Wiogee. Será que consegue subjugar o exército do Norte tão depressa assim? Eles viriam contra os de Surdi, pegando-os de surpresa pela retaguarda. O exército de Surdi então seria aniquilado, esmagado entre Noak e Wiogee. Que filho da mãe!”

“Espere!”

Aproveitando a proximidade do quarto de Rubi, ela entra. Dentro do guarda-roupas há algumas peças pouco danificadas. Especialmente as que estavam dobradas. Ela aproveita para trocar de roupa e levar algumas peças consigo.

Seu primeiro pensamento é fazer primeiros socorros, estancar o sangue, mas lembra que há pouco sangue para estancar. O maior problema são as queimaduras.

Ela volta por onde havia partido. Em uma nova roupa, em tons de amarelo e preto.

- Vocês!?

Seu espanto se mistura a alegria ao ver intactos seus aliados que haviam sumido. Ubaen olha para ela brevemente com frieza, logo voltando a se concentrar em Viex. Gloanloi acena. Zand continua tocando a mesma canção e ela sorri.

Episódio 25: Que Fazer?

- Onde vocês estavam? - Eve pergunta, aproximando-se do grupo.

- Ubaen pressentiu alguma coisa e me puxou pra outro mundo. - Gloanloi responde - Acho que nos projetou pro mundo das fadas ou qualquer coisa parecida. E quanto a você? Parece que não foi atingida!

- Não sei o que houve.

Ela se aproxima de Viex. Os últimos ferimentos vão se fechando sob a prece de Ubaen, mas ele continua parado.

- Ele vai sobreviver?

- Vai.

- Ora, Eve, trocou de roupa!

- Encontrei qualquer coisa. E Azkelph...

- Isso! Estou curioso para sabe como foi que tudo isso aconteceu. Olha só os grifos!

Eve olha rapidamente para a triste imagem daqueles animais estraçalhados por fogo mágico – ou seja lá o que foi aquilo.

- Isso não importa. Azkelph fugiu! Está em Wiogee.

- Como!? - Gloanloi muda instantaneamente sua expressão, enquanto Ubaen para o que estava fazendo para prestar também atenção às palavras de Eve. - Você quer dizer que ele partiu para lá, não é? Não está me dizendo que já chegou, está?

Eve vira lentamente o rosto na direção de Zand. Ele percebe a mensagem e muda a melodia para que possa localizar mais uma vez o perigoso mago. Então conclui.

- Sim, ele já está lá. Já chegou a Cyad Woe.

- Droga! - Gloanloi dá um salto e assobia.

- O que está fazendo?!

- Temos que chegar lá o quanto antes! Ele vai fazer um estrago no castelo!

- Eu sei, Gloanloi, mas não temos como chegar cedo o suficiente. Não há como chegarmos a tempo. A viagem de vinda durou mais de um dia!

- Não importa.

Ele fala, prendendo seu escudo às costas, enquanto um belo cavalo alado se aproxima do solo. Um cavalo que impõe respeito. Forte e de uma nobreza incomum em animais de qualquer espécie.

- Alguém tem que agir rápido! Cada minuto perdido pode significar uma vida perdida.

Ele monta em seu belo transporte e decola velozmente logo em seguida.

Eve se senta perto de Zand e abaixa a cabeça.

- Ele venceu.

- Não, Eve. Ele não venceu. - Zand responde serenamente. - Ele pensa que nos destruiu com essa... Essa armadilha. Ele pensa que nos destruiu e cá estamos nós: vivos.

- E em que isso importa agora?! Ele deve ter matado o rei a esta altura o rei Elbva já deve estar morto. Eles vão conseguir articular o golpe em Wiogee e atacar Surdi. Vão imprensar o exército de Surdi atacando com as forças de Wiogee e de Noak ao mesmo tempo. E dominando Surdi, o que restará então?

Zand para por um momento pensativo. Então volta a tocar sua lira por alguns instantes.

- Rei Elbva ainda está vivo. Está no castelo.

- De que isso adianta? Não há como impedirmos Azkelph agora!

- Calma, Eve. A guerra não acabou.

- Será que não!? E sabe do que mais? Por que estamos nessa guerra afinal?! A nossa briga era contra os Raxx e eles já se foram! No fim das contas em que essas mudanças de poder vão interferir em nossas vidas? A gente devia deixar isso pra lá.

- Não, Eve. Não acho. Você sabe tanto quanto eu que se eles conseguirem poder vão cobrir nossas terras com um manto de escuridão. O crime não será mais punido. Será incentivado, ao menos o crime dos seus aliados, que não são poucos. - Ele se levanta. - Além do mais, os Raxx não foram destruídos: ainda falta um.

- Sim, sua vingança, claro. Mas esse Raxx você nem conhecia.

- Não falo do Raxx “de sangue”. Falo do mago.

- Como odeio magos! E agora a gente...

Ubaen se levanta e entra na conversa.

- Seu ódio à magia é o que te protegeu, Eve.

- Como assim?

Ao invés de responder com mais detalhes, ela simplesmente olha ao redor e começa a caminhar.

- Aonde vai?

- O que houve hoje foi terrível, um crime contra a Vida. Preciso procurar sobreviventes.

Ela simplesmente sai. Eve e Zand se olham e sorriem, talvez por desespero.

- Que grupo nós arrumamos, não é, meu bardo?

- Ultimamente não tenho tido muita sorte para grupos...

Eve gargalha por perceber a que grupo Zand se refere.

- Ai, minha cabeça...

- Viex!

- O que aconteceu por aqui!? Por que eu estou... nesse estado...

- Uma armadilha, bardo. - Eve responde. - E agora neste momento Azkelph deve estar com o cajado no pescoço do rei de Wiogee.

- Como!? E onde estão... - Viex gira a cabeça para os lados procurando os outros membros do grupo.

- Estão bem. - Zand responde. - Se não levarmos em conta o juízo, eu acho... Gloanloi foi embora em seu cavalo voador; Ubaen está procurando sobreviventes.

- É, estão tentando fazer sua parte... - Viex responde à crítica. - E nós três? O que podemos fazer?

Episódio 26: Cinco Menos Dois

Os dois bardos e Eve estão sentados no pátio do castelo de Beniw. Zand já bastante refeito do acidente; Eve em roupa inapropriada para uma guerra, uma roupa de festas em amarelo e preto; Viex, descendente de Woate, no entanto, está com as roupas rasgadas e destruídas.

Já acariciando Janliet, como que grato por ela estar bem, Viex olha com tristeza ao seu redor.

- Se quiser roupas novas, tem algumas que eram da Rubi. - Eve aponta para o meio do caminho, onde largara as roupas que trazia há pouco.

Viex sorri com deboche e começa a tocar a flauta.

- Vamos analisar bem a questão. - Zand começa. - Azkelph partiu para Cyad Woe. Gloanloi partiu atrás, mas por mais que aquele cavalo voe não chegará em menos de um dia. Em menos de um dia provavelmente o estrago feito no castelo de Wiogee terá sido irreversível, talvez definitivo para a guerra.

- Pensando bem – Eve opina. - talvez possamos tentar surpreendê-lo de alguma forma quando ele vier com a tropa de Wiogee. Poderíamos alertar o rei de Surdi e preparar uma emboscada... Tá, esquece. Se

concentrarmos esforços nessa emboscada poderemos perder na frente contra Noak.

- E levaríamos muito tempo até isso. Sabe o que mais preocupa? Os reis confiaram em nós e nós falhamos. Por quanto tempo vão conseguir segurar a batalha antes de serem atingidos? Os clãs devem ter assassinos infiltrados, que podem muito bem estar agindo nos outros dois castelos.

- É verdade. 20 Horas está com ele. O clã de assassinos.

- A gente devia procurar cavalos e partir também para Wiogee.

- Talvez, mas adianta? Quanto tempo levaremos para chegar lá?

Zand olha para o alto pensativo e Eve completa.

- E, além disso, onde há cavalos agora? Os que havia na cidade devem estar mortos a essa altura.

- Ubaen é sacerdotisa, não é? - Viex pergunta, interrompendo o que estava tocando em Janliet.

- É sim.

- Ela não saberia de uma forma de nos levar até lá?

- Acredito que não.

- Mas sacerdotes também trabalham com forças mágicas!

- Se for por isso, nós também, não? Através das canções?

- Claro, claro, mas ela tem força dos deuses. Onde os homens falham, nos resta pedir ajuda aos deuses!

- Esqueçam Ubaen por enquanto. - Eve intervém. - Ela está mais preocupada agora com o equilíbrio do mundo. Está procurando sobreviventes e essa deve ser uma tarefa mais importante para ela no momento.

- Tá, mas e se ela souber de uma maneira? Ela poderia pedir aos deuses, nesse momento de desespero, que nos levasse lá! Se os deuses se importarem com o caos daqui da nossa terra, eles vão ajudar.

- Você confia demais nos deuses! - Eve se levanta. - Sabe de uma coisa? Temos que contar conosco. Os deuses não se importam com isso aqui. Quem vai ganhar se as coisas forem bem seremos nós! Quem vai sofrer se as coisas forem mal seremos nós! Os deuses não se importam.

Ela se vira e começa a se afastar do grupo.

- Aonde vai? - Zand pergunta.

- Não sei. Dar uma volta por aí. Talvez apareça alguma boa ideia, uma melhor do que chorar para “seres superiores”.

Os dois bardos se olham ligeiramente espantados enquanto ela se afasta.

- Bom, como eu ia dizendo, Ubaen é uma sacerdotisa...

- Ainda quer insistir nessa ideia?

- Claro! Temos que tentar qualquer coisa! Não temos muitas opções, temos?

- Tudo bem, Viex, tudo bem... - Zand se levanta. - Está em condições de andar?

- Espera. - Viex se levanta e para um pouco. - Estou um pouco tonto, mas pode ser. Agora vamos lá. Pra que lado a fada foi?

Zand fecha os olhos e dedilha sua lira.

- Ah, verdade. Tinha me esquecido que você pode encontrá-la assim.

Viex se espreguiça enquanto Zand tenta localizar Ubaen. Até que finalmente para.

- Vamos, eu a encontrei.

Episódio 27: Sonata do Desespero

- Lamento decepcioná-los. Não detenho conhecimento para saltos espaciais. - Ubaen fala calmamente depois de ouvir toda a explanação dos bardos.

- Mas você consegue ir para o plano dos espíritos! - Viex protesta.

- Isso é algo natural. É como atravessar uma porta que está sempre ao nosso alcance.

- E suas magias? - Zand pergunta.

- Não conheço magias. Eu conheço rezas. Nenhuma delas permite uma viagem assim.

- E não tem mesmo como fazer uma reza assim de improviso?

- Não é tão simples.

- Ubaen! Entenda! - Viex a encara, já nervoso. - Você tem andado por aqui à procura de sobreviventes e o que tem encontrado? Nada! Se demorarmos mais, Cyad Woe estará exatamente do mesmo jeito que isso aqui! Pense bem! Pense no que é importante para você: nas vidas todas! Não há mesmo nada que possamos fazer para evitar outra catástrofe?

- Não, não há. Tudo o que faço é transpor o véu da realidade.

- E quantos desses existem? - Zand pergunta calmamente.

- Depende do lugar e da ocasião.

- Então eles variam... Alguma vez algum desses... véus... já levou você para um lugar distante?

- Não para um lugar aqui neste plano. Há véus que levam a lugares que não existem em outros planos, mas são mais difíceis de acessar.

- E agora, o que faremos? - Viex pergunta a Zand.

- Bem, estava pensando... Não faço a menor ideia de como são esses véus, mas será que não daria para criarmos algum?

- Como assim, Zand?

- Se nós combinássemos canções, variando em torno do tema da Canção da Localização, talvez pudéssemos abrir um desses... véus!

- Zand, isso é loucura! Como a gente... - Viex então para um pouco e olha para a inexpressiva fada - Não temos muito mais o que fazer, não é? Vamos, como é mesmo essa canção?

Zand começa a tocar até que encontra Azkelph. Então para.

- Viu algo?

- Não. - Ubaen responde.

- Bem, vou tentar combinar minha Canção das Mentes com a sua. - Viex anuncia, antes de começar a tocar a flauta.

Mais uma vez Zand vaga por notas e tempos estranhos, dessa vez acompanhado por uma melodia suave de Viex. Então pára.

- Agora? Alguma coisa?

- Nada.

- Assim está difícil... - Viex coça a cabeça. - Bom, o problema é que essa canção serve apenas para localizar alguém. Depois que essa pessoa é localizada o que vem? É essa parte que você tem que tocar.

- Mas eu só toco até aqui.

- Até o momento você não precisou de muito mais do que a localização de quem procura. Dessa vez talvez a gente precise de uma canção que reproduza esse lugar.

- Uma descrição... Vamos tentar de novo.

Zand inicia mais uma vez. Em sua mente as imagens vão se formando enquanto as notas saem à procura de algo, à procura do tom. Ao fundo, a flauta suave de Viex sustenta a busca.

Aos poucos Zand vê Azkelph.

“O que diabos eles pensam que estão fazendo? Isso lá é hora pra fazer show?”

A voz mental de Eve interrompe todo o ritual. Os dois bardos param e suspiram.

- Eles estão tentando criar um canal com Cyad Woe. - Ubaen responde. - Tente não pensar em nada enquanto eles tocam.

Eve, ainda sem entender, se senta. Os bardos então recomeçam.

Zand vê que está em Cyad Woe. Vê que está no castelo. Aos poucos a sala toma forma ao redor do mago. Há sentimentos perversos ao seu redor. Sorrisos macabros. Diante dele, Zand vê.

- Não! - Ele para e abre os olhos.

- O que foi? - Viex também para preocupado.

- O rei Elbva está morto!

- Você tem certeza disso? Que mago maldito! - Eve se levanta de susto. - E não podemos fazer absolutamente nada!

- Tentem de novo. - Ubaen sugere. - E desta vez procurem pelo rei.

A princípio, Zand não o encontra. As notas sem sentido prosseguem por alguns minutos. Finalmente, Zand o vê. Curiosamente também é visto pelo rei, e o rei fala com ele.

- Nós falhamos, mas nem tudo está perdido.

A lira de Knova continua a produzir seus sons, enquanto uma localização diferente se mostra. Não um lugar no mundo dos vivos. Zand sente que não é um lugar onde ele próprio deveria – ou apreciaria – ir, mas ao mesmo tempo tem algo de conhecido.

“Vamos.”

É a voz mental de Ubaen o que eles três ouvem, pouco antes de sentirem um toque da fada em suas peles.

Episódio 28: De Volta ao Norte

Um lugar vermelho e distorcido. Azul e distorcido. De cores disformes e que mudam. Viex, Zand e Eve se olham.

“Eve?”

Não é o corpo de Rubi que está ali e os dois bardos podem ver uma outra mulher.

Sobrancelhas finas e olhar agressivo. Cabelos muito curtos. Um corpo musculoso, mas não a ponto de deixar de ser feminino.

Os bardos se olham surpresos. E notam que estão em outras roupas, sem suas armas e instrumentos musicais. Os cabelos de Zand estão de uma só cor, sem os resquícios das pinturas da época em que criou Nazavo. Eles tentam falar, mas não conseguem.

Ubaen está exatamente igual estava antes, e olha com calma. Ela sim consegue falar.

- Estamos em outro plano, que não é frequentado por vivos. Vocês não estão mortos: seus pertences não tem forma neste plano. Vejam.

Eles olham para aquele estranho cenário e percebem que estão no castelo de Wiogee, em Cyan Woe. Ninguém mais, a não ser...

- Vão. - O rei Elbva diz a Ubaen com calma.

Como se tivessem sido sugados por alguma força para dentro de si mesmos, eles aparecem no salão do castelo. Zand cai.

- Você está bem? - Eve pergunta. Zand confirma com a cabeça, enquanto se levanta.

Ali no chão estão muitos corpos, entre eles o do rei Elbva e da rainha Tuwi. Vários soldados caídos e sangue por todo o lugar.

Ao som baixo da lira, Ubaen se aproxima dos reis e lhes segura as mãos. Então baixa a cabeça e fecha os olhos do casal real que há poucos dias estava tão bem, em segurança.

- Não pode fazer nada por eles? - Eve pergunta.

- Não. - A resposta é curta, seca e quase um lamento.

- Ele está na biblioteca. - Zand fala, enquanto guarda a lira e pega a Roph-Raph.

“Ele... Ele... Zand agora só quer saber desse mago. E os assassinos da família real? Como ficam?”

- Esperem. - Ubaen os para, à porta do salão onde estavam. - Vamos enfrentar assassinos. É sensato termos precaução.

Ela começa a rezar quase em silêncio, diante de cada um dos outros três e de si própria.

- O que ela está fazendo?

- Não sei, mas deve ser algo útil.

- Pronto. - Ubaen fala – Assassinos abusam de venenos. Fiz uma proteção para nós todos, ou quase. - Encara Eve. - Não consegui proteger você.

Eve segue os bardos, ao lado de Ubaen.

“E como eu ”vou enfrentar assassinos com a E-60? Que falta que me faz um bom escudo!”

Quando os bardos entram, seguidos pela guerreira e pela fada, encontram um círculo de reunião se desfazendo.

- Eu não acredito nisso. - Azkelph se agita enquanto os membros da famosa guilda 20 Horas se afastam para encarar os recém-chegados, que param – Como vocês podem estar aqui agora?.

Ele olha para um dos assassinos, a seu lado, como quem questiona alguma coisa, ou critica. O assassino faz sinal de irrelevância.

- Tudo bem. A informação que tive deve ter sido falsa. No fim, não eram vocês lá em Beniw. Também estavam fora do castelo quando chegamos, pelo visto. Mas não importa. Deem um jeito neles!

Azkelph se afasta enquanto a luta começa.

Facas arremessadas voam através da sala. Eve mergulha de lado para se esquivar, Viex mergulha do outro. Zand ergue os braço para proteger o rosto. Ubaen sumiu.

As adagas batem na armadura de escamas de dragão, em vários pontos, e caem.

Viex se levanta e se prepara para acionar a Janliet, quando tem que se esquivar de novos projéteis.

Eve ativa a E-60, mas os inimigos que estavam perto dela não estão mais ali.

Eve corre rapidamente e salta, conseguindo alcançar aquele que ia para a janela. Os dois somem da vista de todos da sala.

“Droga. As facas deles não acabam?”

Por entre os braços levantados, Zand abre uma pequena brecha para enxergar. É o suficiente para ver um dos assassinos saltando em sua direção. Zand salta de lado,

tentando armar a Roph-Raph para recebê-lo, mas o tempo é insuficiente.

Abaixando a cabeça rapidamente, Zand evita o sabre que vinha procurando seu pescoço. Aproveitando o movimento, ele levanta a perna do assassino, para que caia. Mas ele não cai. Ao invés disso, o assassino dá um salto mortal para trás.

Por instinto, Zand coloca novamente as mãos sobre o rosto, quando uma faca arremessada por esse mesmo assassino se choca contra a armadura, em seu braço.

Uma flauta começa a tocar, quando o assassino vem em mais uma rápida investida.

Do lado de fora, Eve se levanta e corre em direção à biblioteca. Deixando para trás um corpo encapuzado, morto pela sua espada de lâmina azul fantasmagórica.

Episódio 29: Assassinos

Eram sete assassinos, mais Azkelph. Azkelph correra da sala. Um dos assassinos ia saindo pela janela quando foi pego por Eve. Este agora está derrotado. Restam seis.

Eve entra no corredor por onde seu grupo chegara à biblioteca e vê um dos assassinos de costas, prestes a investir contra Zand.

Sem pensar duas vezes, sua lâmina já acionada e com um aspecto diferente, bem sutil, ela golpeia o inimigo com precisão cirúrgica, na altura do pescoço. Ele cai vertendo sangue.

- Zand!

- Eve!

Ela olha a cena, tentando uma leitura rápida do que está acontecendo. Viex está lutando contra um dos assassinos, enquanto os outros quatro parecem desnorteados.

- Ubaen deve os ter deixado cegos. Vamos! Rápido!

Eve dá três passos e salta à distância, derrubando dois dos assassinos. Enquanto os outros dois se viram para ela, Zand chega golpeando um deles.

O outro rola o corpo para trás e joga algo no chão.

"Fumaça!"

De repente tudo vira cinza e eles não enxergam mais nada. O som da luta de Viex com um deles some, dando lugar ao som da flauta Janliet.

Eve se posiciona em alerta, em base preparada para esquivas rápidas, encarando o lugar onde estava aquele rival que trouxe a fumaça. Será que ainda está ali ou fugiu? Ou prepara uma armadilha, agora que conseguiu igualar os heróis à sua condição de cegueira?

Zand para e protege o rosto, ciente agora de que a situação se inverteu. São poucos inimigos e muitos aliados: se os aliados começarem a dar golpes a esmo, vão terminar atingindo-se uns aos outros.

O tempo passa e o silêncio seria completo se não fosse pela flauta. Até que a flauta para e se ouve um golpe. Um único som, nítido. Uma lâmina cortando carne e panos.

Zand ouve passos se afastando em direção à janela. Ele corre também para lá e salta.

Cai no chão, protegendo o rosto e começando a enxergar.

- Eve?

- Consegue achar os assassinos?

- Não sei. Deixe-me ver...

Zand toca a sua lira por um tempo e para.

- Não.

- Droga, e Viex?

Zand procura pelo outro bardo com sua Canção da Busca.

- Ele está lá, na Biblioteca. Está vivo. Vamos voltar.

- A flauta parou pouco antes do golpe. Você ouviu se ele acionou a lâmina?

- Sim! Ele tocou a chave, bastante rápido!

- Então eu sei o que aconteceu. Ele está bem. Zand, vá pelo corredor por onde viemos que eu vou para o corredor adiante. Um de nós há de encontrar o último do clã.

- E Viex?

- Ele sabe se virar. De qualquer forma, a Biblioteca ainda está sob névoa, vai levar algum tempo pra tudo dispersar.

- Tudo bem.

Zand segura com força a Roph-Raph, vira-se e caminha na direção que Eve planejou para ele. Eve o vê se afastar por

um tempo, em um curto momento de distração. Então se vira e corre para o outro caminho.

O corredor é pouco iluminado, especialmente para quem vem da luz. Eve caminha com cautela, a postos para qualquer surpresa.

Silêncio... As paredes feitas com blocos de pedra, com alguns vasos pequenos e algumas janelas. Exceto pelas janelas, poucos lugares onde se esconder.

A flauta de Viex começa a tocar ao longe e Eve se sente melhor ao confirmar que ele está bem.

O teto é alto, poderia abrigar um assassino treinado, mas Eve constata que também está vazio.

Alguém se aproxima ao longe. Eve observa com atenção e identifica o vulto: é Ubaen.

- Onde você estava?

- Persegui Azkelph para evitar que ele fizesse o mesmo que fez em Beniw.

- E...?

- Azkelph fugiu.

- Droga! Você o perdeu ou ele se teleportou outra vez?

- Não sei.

- Aqui estão vocês.

- O que aconteceu lá dentro, bardo?

- Ah, quando a cortina de fumaça se formou, aquele que eu enfrentava fugiu para me pegar de surpresa, sem saber que eu lia seus pensamentos.

- E o outro?

- O outro? Bom, parece que aproveitou a confusão para fugir. Onde está Zand?

- Vamos, vá tocando a flauta. Temos mesmo que encontrá-lo. Talvez Azkelph tenha sumido, de novo.

Episódio 30: A Linguagem de Astri

- Ele está em Awra.

- Que droga!

As palavras de ira de Eve refletem os sentimentos de todos ali presentes, em resposta à busca feita por Zand. E ela completa.

- Sabe o que é pior? Eu estou percebendo o padrão deles. Primeiro atacaram Noak, agora a família real de Wiogee não existe mais. Então eles estão agora em Awra, planejando o ataque ao castelo de Ey Vudeon.

- Eles vão conseguir.

- É, depois disso sobrará apenas a dinastia de Saipu, de Surdi, para ser exterminada.

- Malditos Raxx!

- Onde está a princesa? - Viex pergunta após um instante de ponderação. Os outros olham para ele curiosos. - Sim, o rei e a rainha estão mortos, mas não havia ali sinal da princesa.

- É verdade. - Zand executa mais uma vez a Canção da Busca. - Por aqui. Acho que está no quarto.

Zand gira a maçaneta da porta e a nota trancada.

- Vão embora daqui! - A voz que vem do quarto não é da princesa, mas de um homem.

- Quem está aí dentro? Onde está a princesa? - Zand retruca.

- Quem está aí fora? Vão embora!

Eve olha rapidamente para o grupo, enquanto Viex pega a Janliet para tocar sua canção de leitura das mentes. Antes que encoste a flauta na boca, vê espantado a porta sendo arrombada com um chute pela guerreira em corpo de ladina.

Dentro do quarto, um dos soldados, sem elmo, com a testa molhada de suor, empunha uma espada, posicionado entre a porta e a cama. No meio dos lençóis se vê dois olhos assustados.

- Não... Vocês. - O soldado abaixa a arma e se senta aliviado, enquanto a princesa salta da cama correndo para abraçar Eve.

- Está tudo bem, menina. Calma. - Eve tenta consolá-la.

- Meus pais...

Eve não responde. Simplesmente acaricia os cabelos da jovem. No fundo as coisas não estão tão em assim.

- Qual o seu nome, soldado? - Eve pergunta ao rapaz.

- Weex.

- Você fez bem em proteger a princesa. Rapaz corajoso. - Então se volta para os demais. - Quanto a nós, ainda temos um grande problema: Azkelph.

- Poderíamos tentar novamente o transporte, Zand? - Viex se anima.

- Não podemos deixá-la sozinha.

- Ubaen, os Raxx estão destruindo os governos do mundo para conseguirem se instituir como um poder unificado.

- Isso não me diz respeito, Zand. O que me diz respeito é a Vida.

- Se eles conseguirem o que querem... Eles estão propondo um novo mundo e nesse novo mundo a Vida não terá lugar, a não ser que seja conveniente para eles.

- Que saco! Estou cansado disso. - Viex vai até a cama e se senta. - Toda vez temos que convencê-la a sair do canto.

A fada não se perturba com o comentário, apenas olha ao redor pacientemente.

- Devemos esperar Gloanloi. E um dos assassinos escapou. Pessoas ainda correm perigo. Gloanloi saberá encontrá-lo.

- Sim, pessoas correm perigo, mas muito mais pessoas correm perigo longe daqui. Você não percebe?

- Vocês querem mesmo me deixar só? - A princesa Cyel olha para Eve, com os olhos inundados de lágrimas.

- Querida, isso que você está vivendo hoje é um pesadelo horrível, mas é só o começo do pesadelo. Nós temos que parar antes que tudo fique ainda pior.

Ela abaixa a cabeça de novo e chora quieta.

- Eu protejo a princesa. - Weex fala com relutância.

- Não vai ser suficiente. - Ubaen responde secamente.

- Não, sério. Se vocês nos deixarem no arsenal do castelo, com suprimentos, eu protejo a princesa e podemos resistir por alguns dias até vocês voltarem.

- Cyel?

Ela pensa um pouco e conclui.

- Tudo mudou hoje, é o que vejo. Meus pais não... Agora eu vou ter que ser forte se quiser governar aqui... E ser

forte significa tomar decisões... Eu confio nele. Se quiserem, podem ir.

- Ubaen?

- Ainda não resolvi, mas você pode tentar.

Deslizando os dedos pelas cordas da lira, Zand procura Azkelph. Ele está em um salão imenso, rodeado de gente repugnante. Homens rude bebendo e comendo carne quase crua. Do outro lado, alguns sujeitos desconfiados, olhando tudo e comentando entre si.

- Ainda não. - Ubaen responde ao olhar de Viex.

Zand suspira e tenta mais uma vez. Dessa vez ele pensa em tentar algo diferente, mas ao mesmo tempo não novo.

- Sim, vamos.

Ubaen toca os três decidida e o grupo some, diante da princesa Cyel e do guerreiro Weex.

Episódio 31: Diante do Trono

Um salão enorme, em uma reunião. Num trono, um homem ainda vestindo a roupa da marinha de Noak. Com um bigode fino e traços que não negam o parentesco com um antigo conhecido de Zand e Eve. É Kokond Raxx.

Perto dele há mais alguns homens, em conversa discreta. São três assassinos do clã 20 Horas, cinco outros membros da marinha de Noak, mais alguns ladinos comuns, provavelmente do Dessurdi.

Ao redor, por todo o salão, pode-se ver algumas dezenas de homens musculosos, bebendo e conversando em uma língua estranha. É fácil perceber que não são daqui. Seus rostos tem traços estranhos para os povos de Klavorini Norte. Olhos mais arredondados e, ao mesmo tempo, puxados para o lado.

É no meio deste mesmo salão que Viex, Zand, Ubaen e Eve aparecem, do nada.

Viex cai de costas no chão. Enquanto Zand o ajuda a se erguer, Eve já corre em disparada em direção ao trono.

A surpresa da aliança dos clãs dura alguns poucos segundos. Logo alguns saltam aqui e ali, e o grupo se organiza. E o caminho de Eve é interrompido por um dos

brutamontes, que se interpõe na frente, com um martelo de guerra.

“Droga! Eu definitivamente preciso de um escudo.”

Não demora para que todos do grupo percebam que precisavam mesmo de escudos. Os golpes dos estrangeiros são lentos, mas temíveis.

Recuando, Zand se junta aos demais. Estão cercados.

- O que está havendo aqui afinal!? - Kokond berra, já de pé. - Como vocês chegaram? Na verdade, isso pouco me importa. Prendam-nos. Depois vejo o que faço com eles.

- Prendê-los, Kokond? - Um dos assassinos lhe questiona.

Kokond passa o dedo sobre o bigode e conclui.

- Prendam-nos. Se resistirem, podem matá-los.

Ao primeiro passo dos bárbaros, um som de flauta preenche o salão. Viex começa seu show. Os bárbaros olham ao redor e não parecem entender o que está acontecendo.

- Vamos, Zand. - Eve sugere e os dois começam a luta.

Quando o terceiro bárbaro cai no chão ferido, um dardo corta o ar e derruba Viex. A música para e, com ela, a percepção dos bárbaros parece voltar ao normal.

“Droga! E isso agora!”

Num salto, Viex se recompõe e volta a tocar, dessa vez caminhando rápido pelo salão, entre os inimigos.

- Ubaen... - Eve comenta com Zand, lembrando-se da proteção magicamente aplicada ao grupo, contra venenos. E ela continua a golpear os bárbaros.

- Por falar nela...

“Ela sumiu.”

Eve salta para trás, desviando de um golpe de machado, saltando imediatamente de volta para golpear a mão do agressor.

“Pelos seus padrões recorrentes de comportamento, devo imaginar que ela está se deslocando para trás dos assassinos.”

Eve olha de lado e vê Zand retirando a lendária lança do peito de um inimigo caído e investindo com ela contra o oponente mais próximo.

Nenhum golpe dos bárbaros os atingiu até o momento e Eve não se lamenta por isso. Os bárbaros, sob efeito da canção de Viex, não os enxergam com clareza, mas continuam golpeando, como bêbados perigosos e

desesperados. Alguns golpes que erram levam pedaços do chão.

“Esses bárbaros não usam qualquer armadura. Quanta imprudência. Pior é que isso continua me privando de um escudo.”

Num movimento rápido, Eve passa por baixo do braço de um dos inimigos, abrindo com a E-60 um corte transversal do peito até o pescoço.

“Se eu tivesse um bom escudo... Não dá pra se sentir à vontade nessa bagunça assim sem nada.”

- Ei, Zand!

Eve grita, mas já é tarde. Zand correu de onde estava em direção a uma porta aberta. Correu no encalço de Azkelph.

Episódio 32: Azkelph

A porta fica na metade da parede lateral do enorme salão. É por ela que Azkelph sai. A porta dá de frente com um muro, oferecendo duas opções em um corredor a céu aberto. Azkelph escolhe o caminho da esquerda e, ao perceber que está sendo seguido, seu passo acelera.

Quase sem fôlego, ele passa a extensão do salão e encontra um outro corredor, na parede que fica atrás do trono. O prédio que estava à sua direita enquanto corria está agora disponível, com uma porta entreaberta. Não é o destino escolhido pelo mago. Ele corre mais um pouco e chega à porta da construção que fica atrás do trono.

Entra e se tranca.

Pouco demora, Zand chega: a porta está trancada.

Ele investe contra a porta, colocando todo o peso do corpo em um chute forte. A porta estronda, mas não cede.

“Droga, é uma porta muito sólida.”

Ele tenta mais uma vez, sem qualquer sucesso. Então para um pouco e olha ao redor. Bem ali em frente está o mar. Se vê parte de um navio, escondido por aquela outra construção.

Zand caminha lentamente em direção ao mar. Talvez aquele navio represente uma ameaça quase imediata. E deve haver outros.

Seus passos o levam pouco a pouco pela areia, quando algo mais lhe chama a atenção. Não é algo do mar, mas da terra mesmo. É uma palavra riscada na porta daquele outro prédio. Uma palavra escrita duas vezes. Uma em um idioma totalmente desconhecido, que Zand desconfia, com certo sentido, se tratar de uma língua de Klavorini Sul. A outra palavra diz: Arsenal.

Mais uma vez a lira de Knova produz aquela canção sem nexo. Está diante da porta que separava Zand de Azkelph e da sua vingança. A canção para e Zand sorri: a porta ainda os separa.

Descansando o instrumento musical, suas mãos procuram o cabo daquele estranho armamento. Uma bola metálica de um metro de raio. Pelo peso, de metal maciço. Não apenas isso, de um peso que Zand não imaginaria caber ali naquele um metro de raio. Talvez até mesmo de um metal ainda desconhecido por essas terras. A arma tem uma haste curvada, também de metal, que parece ajudar a fazer uma alavanca. Zand a segura com as duas mãos e a gira com certo esforço.

Uma volta completada, Zan ontinua o giro em torno de seu próprio corpo, pra ganhar mais velocidade.

Mais uma volta, Zand deixa a arma atingir a porta em cheio.

Não tão em cheio assim. Metade da bola metálica termina batendo na parede. Não que isso seja um problema, já que a bola, ainda assim, termina entrando no lugar.

Um grito de susto vindo de lá de dentro anima Zand, enquanto ele tenta remover o que restou da porta. Remove só uma parte, não consegue remover tudo, mas desiste: já é o suficiente para ele entrar.

Num susto, uma bola de fogo o atinge. Só susto, não é suficiente nem mesmo para atrapalhar sua entrada. Ele sorri, enquanto a vista se acostuma à iluminação do lugar.

Parece um salão também, mas muito menor que o anterior. Utilizado como um quarto, certamente pelo próprio Raxx e seus amigos.

Camas improvisadas, mas com bons lençóis, pequenos móveis, assentos aparentemente confortáveis e, lá no meio, um sujeito magro com a testa suada, apoiado em seucajado.

- Enfim, nos encontramos novamente. - Zand começa a falar. Sabe que deveria resolver isso o mais rápido

possível, que atrasos podem mudar o jogo, mas não tem muita pressa. Algo lhe diz: “Está quase terminando sua jornada, aprecie bem o gosto da sua vingança.” A aspecto derrotado do mago também contribui para essa sensação.

Azkelph não fala. Continua na mesma posição, sem arriscar olhar diretamente para Zand. Como alguém que vê um fantasma pela primeira vez e paralisa, na esperança de não ser mesmo um fantassma ou, pelo menos, não ser visto.

- É hoje, bem aqui, que nossa história termina, Azkelph. - Pensa em dizer mais algumas coisas, mas não diz.

É engraçado que o mago esteja assim, tão sem palavras. Onde está o tagarela espirituoso? Onde está o dono da situação? O teleportador?

Num gesto rápido, Azkelph ergue o cajado e Zand, por puro reflexo, arremessa a lança. Não era algo muito sofisticado, ameaçador ou ao menos eficaz o que Azkelph tentava. No instante em que aquela simples bola de fogo começava a se formar, a Roph Raph atravessava seu diafragma.

Zand volta calmamente até a entrada. Azkelph ainda ouve seus passos ses afastarem e, em seguida, se aproximarem de novo. A dor da lança sendo arrancada sem qualquer

consideração o faz reabrir os olhos. Com dificuldade, sentindo a vida o deixando aos poucos, abre os olhos para ver o Zand de pé, desequilibrado. Girando...

A bola de metal acerta a cabeça do mago e a vida o deixa de uma vez.

Episódio 33: Combate e Caos

No salão principal do “castelo” de Awra, a luta prossegue. Eve se levanta e olha ao redor após derrubar mais um bárbardo.

“Viex está ali dando cobertura. Não pode ajudar diretamente na luta ou esses caras me acertam. Acho que a agilidade desse meu novo corpo me ajudou um pouco. Se tivesse um escudo não sei se teria me saído melhor. Kokond...”

Ela olha em direção ao trono e vê o ex-general do mar de Noak e líder do grande golpe em Klavorini Norte. Mas algo está errado. Não muito longe dele, um dos assassinos acaba de ser atingido por um dos bárbaros.

Eve se volta mais uma vez para a batalha e salta esbarrando nas costas de um dos inimigos e saltando contra outro, a três metros de distância. Enquanto ela derruba seu segundo alvo, o primeiro golpeia um outro bárbaro, reagindo ao esbarrão sem enxergar direito.

“Ubaen concluiu seu trabalho e os assassinos devem estar cegos. Tenho que aproveitar.”

Correndo em disparada rumo aos assassinos ela vê, por uns instantes, Ubaen surgir diante de Kokond.

Antes que pegue seu braço porém, a fada recebe um golpe rápido. Uma lâmina pequena sobe cortando o braço de Ubaen, o braço que se estendia para alcançar Kokond.

Seu grito de dor rapidamente atrai a atenção de todos. Logo alguns dardos voam na direção dela, e ela some.

“Que droga! O que ela estava tentando fazer?”

Eve se apressa. Viex sai também de onde estava, indo em direção ao trono, mas lentamente.

Perto de alcançar os assassinos, ela recebe uma adaga na barriga, mas não para.

“Eles tem uma boa intuição.”

Sabendo que não pode falhar, ela ignora o ferimento – e até mesmo o objeto ainda preso ao seu corpo – e segue golpeando os dois assassinos restantes com precisão e rapidez. Após abatê-los, se senta no chão ali perto.

“Quando isso vai acabar?”

Viex já suado passeia pelo salão, tocando a flauta Janliet e se esquivando dos golpes que vêm, trôpegos, tentando derrubá-lo.

“Ubaen deve ter agido de novo e agora Eve corre para terminar o serviço. Maldito Zand, o que foi fazer de tão importante para nos deixar aqui só...”

Por um instante o susto quase o leva a interromper a concentração e parar de tocar.

“Eve?”

Dando mais passos, ainda um pouco longe de alcançá-la, continua tocando.

“Não, ela está bem. Não deve ter sido atingida. Juro que vi uma adaga sendo arremessada... Ela foi atingida!”

Viex se apressa e vê Kokond a três passos de uma Eve caída no chão, quase inconsciente.

- Ei! -Viex grita, aproximando-se dos dois.

Kokond o encara por um instante, sorri e corre em direção à porta.

O sorriso do criminoso teve uma razão. Seu primeiro instinto foi matar aquela mulher que substituiu a mulher do seu irmão, Rubi. O sorriso foi por ver que ela morreria de qualquer jeito. Bem perto, um dos bárbaros já vinha para golpeá-la.

Por uma fração de segundos, afastando a flauta dos lábios, os olhos de Viex saltam rapidamente entre Eve e Kokond.

Kokond começou a correr agora e está suficientemente próximo para ser alcançado e golpeado. Ao dar as costas dessa forma, baixou a guarda de um modo que rapidamente Janliet alcançaria seu pescoço, após alguns saltos em corrida, antes de chegar à porta.

O bárbaro tem um machado e viu Eve deitada. Ele está a dois passos de golpeá-la e ela não parece perceber nada, nem parece estar em si.

Voltando a flauta aos lábios antes mesmo que a tivesse afastado vinte centímetros, Viex toca rapidamente a melodia que aciona sua lâmina. Jogando o próprio corpo contra o bárbaro, consegue desequilibrá-lo enquanto , empunhando a espada como um punhal, crava-na no ombro do sulista.

Levanta-se, com o joelho doendo. E dá o último golpe no inimigo. O bárbaro cai de peito no chão.

Eve está jogada ali. Ela ergue o rosto e aprecia a cena.

- Obrigada.

Parece sem forças para se erguer. Volta a abaixar a cabeça em repouso.

O salão ainda tem pelo menos sete bárbaros, que agora podem enxergá-los com clareza e caminha na direção dos dois.

Kokond chega à porta sorrindo. Ao alcançá-la, seu sorriso se vai. Bloqueando seu caminho, aparece o guerreiro Zand.

Episódio 34: A Adaga de Eve

A ponta da lendária lança surge, nascendo das costas do líder golpista. Kokond cai, mortalmente ferido, enquanto Zand tira a Roph-Raph sem qualquer piedade e corre para dentro do salão.

É assim que morre Kokond Raxx e assim termina sua dinastia. Morto por Zand. Abandonado e esquecido à porta do seu "castelo provisório", em Awra. Sem qualquer conversa adicional, sem qualquer honra, sem atenção. Como o mais desprezível dos escudeiros do mais insignificante soldado de um exército aniquilado. Assim termina seu sonho.

Dentro do salão ainda restam alguns bárbaros. Zand os encara com sua lança e eles retribuem a provocação.

Num salto, desviando do machado, ele consegue cravar a lança no coração de outro sulista. Apoia-se para retirar a lança dali e se colocar novamente em posição. Esquiva-se por pouco e rola no chão. Examina o lugar: está cercado.

Uma canção... Flauta! Basta rolar para fora do círculo que os bárbaros fizeram e eles não o enxergam mais. Com a cobertura de Viex, fica mais fácil dar fim aos poucos bárbaros que restaram, e só eles mesmo que restavam.

- Eve?! O que houve com ela?!

- Foi ferida pelos assassinos antes de matá-los, Zand.

Zand, já abaixado perto dela, vê o ferimento. A adaga ainda cravada em seu abdômen.

- Onde estão os dois quando precisamos deles...

- Não vi Ubaen desde que chegamos.

- Eve está muito mal, mas ainda está viva. Temos que procurar ajuda!

- Onde?

- Não sei! Deve haver alguma vila aqui, não?

- Vou procurar cavalos.

- Boa ideia. Eu vou levá-la.

Zand ergue Eve em seus braços, com cuidado para não machucá-la. Ela, inconsciente. Eles saem, passando pelo corpo já sem vida de Kokond.

- Espere, Viex! Vou levá-la ao quarto, talvez o mago tenha deixado algo útil lá.

Viex assente com a cabeça. Enquanto Zand volta pelo caminho que percorreu há poucos minutos, Viex corre na direção contrária.

O descendente de Woate termina chegando em um pátio, onde encontra diversas barracas armadas.

“Deve ser o acampamento dos bárbaros. Será que há mais algum aqui? Droga!”

De Janliet na mão, caminha pausadamente e atento. Passada metade do pátio, ele já consegue ver além, a saída. Coqueiros e palmeiras mais ao longe, além de outras árvores mais frondosas.

No final há apenas uma estrada levando para longe dali. Nenhum cavalo, ao menos para aquele lado. Resolve voltar.

- Como ela está? - Viex pergunta após passar pela porta estranhamente destruída e ver Zand lá dentro.

- Me ajude aqui!

Viex se apressa. Após passar pelo corpo estraçalhado do mago, chega à cama onde Eve descansa.

- Encontrou algum cavalo?

- Nenhum.

- Ela ainda está com a adaga. A gente remove?

- Não sei. Acho que temos que remover, mas pode ser pior, não?

- É, pode ser... Eu achei esse unguento, parece ser para ferimentos.

- Já passou nela?

- Como se ela ainda está com a maldita cota de malhas!?

- Droga! Como é que a adaga atravessou a cota?

- Pode ser mágica, não importa...

- Ou estar envenenada!

- Não... Ubaen não nos protegeu...?

- Zand, lembra que Eve sobreviveu à exmplosão em Noak!? E se a magia de Ubaen não pegou nela!?

- Ah não...

Zand caminha ao redor da cama em passos raivosos. Logo para.

- Temos que tirar essa adaga!

Pega um lençol próximo e rasga uma tira.

- Vamos, você vai me ajudar. - Olha ao redor um pouco. - Água, álcool... Onde encontro essas coisas... Não importa! Não temos tempo. Ela está muito fraca e piorando. Quando eu tirar a faca eu quero que você aperte o ferimento dela com esse pano, contra a pele, enquanto eu tento tirar a armadura.

- Se ela morrer, Zand!?

- Ela não vai morrer! Ela não pode...

- Talvez seja bom já usar um pouco do unguento no pano, não?

- Talvez... Use um pouco, só um pouco. Vamos?

- Vamos.

- Espera. - Zand se senta e remove apressado a parte de cima da sua armadura de escamas. - Vamos fazer diferente. Essa cota de malhas é muito difícil de tirar. Vamos ter que levantá-la. Seria bom se houvesse mais alguém aqui para nos ajudar. Bem, você vai tirar a cota, enquanto eu pressiono o ferimento e a levanto para facilitar, ok?

- Tudo bem.

- Vamos lá.

Com a mão direita levando o pano por baixo das vestes de Eve, Zand remove a adaga com a mão esquerda. Imediatamente a mão direita pressiona o ferimento, enquanto a esquerda larga a adaga e se posiciona para levantar seu corpo, de modo a facilitar a retirada da cota de malhas por Viex.

Eve acorda no meio do procedimento e ajuda a tirar o resto. Sem força, deita olhando para os dois.

- O que aconteceu?

- Você foi ferida, mas está tudo bem.

Ela fecha os olhos e mais uma vez perde os sentidos.

Episódio 35: O Amigo de Ubaen

- Desmaiou. Ainda está viva. Por enquanto.

Zand se senta perto dela, Viex se senta também do outro lado.

- Acabou, não é, Zand?

- O quê?

- O golpe de Noak. Finalmente conseguimos derrotá-los. O mago e Kokond estão mortos.

- É, estão...

Zand sorri ao se dar conta de que tanto Azkelph quanto Kokond foram derrotados por ele próprio no fim das contas.

- Ela vai sobreviver mesmo?

Viex pergunta, preocupado. Zand o olha e olha para ela, tentando encontrar uma resposta.

- Ela vai sobreviver. - A resposta surpreende aos dois. No canto da sala, eles veem quem falou, com imagem quase transparente: Ubaen.

- Você está bem?

- Estou. Estou ferida e preciso me recuperar.

A visão quase derrotada da fada facilmente despertaria a inquietude dos dois, não fosse amenizada pela fala tranquila, a mesma fala de quando a conheceram.

Ubaen se aproxima de Eve e, colocando as mãos sobre sua testa, fecha os olhos.

Passa-se um tempo até que os abra novamente.

- Ela vai ficar bem. Foi ferida em um ponto não vital.

- Não vai curá-la? - Viex pergunta.

- Não pude. Ela vai ter febre daqui a algumas horas e precisará de alguns cuidados, de um tratamento melhor.

- E você não pode fazer isso? - Viex pergunta.

- Não. - Ubaen se vira para Zand. - Aqui perto, a quinze minutos por um caminho diferente do principal, vocês encontrarão uma vila. Lá eles poderão ajudá-la.

- Como chegaremos lá?

- Posso trazer um amigo, mas vocês devem prometer respeitá-lo.

- Claro que sim.

- Ele conduzirá apenas Eve, depois deve ser deixado partir. Virá em alguns minutos.

- E quanto a você? - Viex pergunta. - Isso é uma despedida?

- De certa forma sim.

- E como voltaremos pra Noak!?

- Vocês encontrarão um meio. - Ela responde e se vira lentamente até encontrar o corpo do mago assassinado. Fecha os olhos e suspira.

- Não poderia nos teleportar para lá antes?

- Não. Estou fraca e não iria funcionar. Não perturbem mais Elbva, agora ele está em paz.

São as últimas palavras de Ubaen antes de sumir da visão de Viex e Zand.

- Você ouviu? - Zand pergunta a Viex.

- Pareceu um cavalo. Deve ser o amigo de Ubaen. Vou recebê-lo.

Viex se levanta e sai, enquanto Zand checa o ferimento em Eve. A pressão das ataduras estancou o sangue. Ela, no entanto, ainda está inconsciente.

- Ei, Zand? - Zand ergue a cabeça para ver Viex próximo à porta, com um sorriso no rosto. - Acho que o amigo de Ubaen não era bem o que esperávamos.

- E quem é?

- É um cavalo!

- Como!?

- É! É um belo cavalo negro. Parece dócil e parece entender o que falo.

- Bem, vamos indo então.

Com cuidado, Zand ergue Eve e a leva até o equino. Eve desperta quando colocada sobre a montaria.

- Como está?

- Sem força. Dói... Se estivesse no meu corpo...

- Temos que levar você pra uma vila aqui perto. Consegue montar?

- Acho que sim, mas... E se eu perder o controle do cavalo?

- Não se preocupe, só tente ficar acordada. Nós dois vamos andando do seu lado. Qualquer coisa é só dizer.

- Tá...

Logo eles avistam um prédio antigo e grande, como mais um salão. Pessoas estranham a chegada e param, curiosas.

O salão é tão grande quanto o outro onde estiveram há pouco tempo. Há mais três prédios com metade de seu tamanho e várias barracas. É o estilo das vilas de Awra.

- Saudações! - Zand se dirige ao grupo de pessoas mais à frente. - Somos de outras terras e viemos aqui enfrentar as forças dos Raxx. Ela está ferida e precisa de cuidados. Pode nos ajudar?

O grupo de moradores se olha com estranheza. O trio viajante os ouve falar palavras como “Raxx”, “aventureiros” e “guerra”. Parecem não conhecer o primeiro nome e não serem muito simpáticos aos demais.

Viex dá um passo à frente e para. Ia pedir para falar com o líder da vila, quando se lembrou de que o regime de governo em Awra é diferente.

Depois de conversarem, um jovem casal se adianta em direção aos três.

- Tragam-na para cá.

E partem em direção a um dos prédios menores, abrindo caminho entre os outros habitantes. Zand leva Eve e, com

Viex, os segue. O belo cavalo negro de crina volumosa relincha em cumprimento e parte para longe dali.

Episódio 36: Numa Vila de Awra

O som de vozes bem perto leva Eve a abrir os olhos. Está deitada em uma esteira, em um grande salão, cheio de mesas e cadeiras e com algumas barracas, como em uma feira.

Sua roupa é outra, leve, e parece estar limpa. O cheiro forte de ervas lhe tira as forças: estão aplicadas no ferimento.

A menos de dez passos de onde está, pode ver a origem do som. São pessoas conversando em uma das mesas.

- Eles atacaram a vila Loytur e sairam atacando as outras vilas, é a notícia que temos.

A voz é desconhecida para Eve, de uma mulher. Há quatro pessoas na mesa e duas provavelmente são os bardos do seu grupo.

- É o exército dos Raxx. Então eles estão mesmo instalados aqui em Awra e expandiram seus domínios. - Zand fala pensativo.

- É o que parece.

- Uma coisa não entendo. - Viex desabafa. - Onde nós estamos? Como eles não dominaram esta vila então?

- Estamos na vila de Oyeno. - Um rapaz, sentado ao lado da jovem, responde. - Nossa vila fica afastada da estrada principal. Talvez por isso não nos tenham encontrado.

- Parece que sua amiga acordou. - A mulher observa enquanto se levanta em direção à esteira. Os outros três a acompanham. - Como está?

- Cansada.

- Não tem febre. - Ela fala ao encostar a mão na testa de Eve.

- Quantas vilas foram tomadas? - Zand questiona. - E quantas existem no total?

- Não sei dizer. Soubemos de seis já tomadas, mas há muitas vilas por aqui. Se eles continuaram pilhando Awra, é bem possível que boa parte da ilha já tenha sido destruída.

- Por outro lado, talvez eles tenham dado um tempo. Talvez eles tenham parado pra se organizar.

- Talvez. Não temos como saber. Só os deuses sabem.

Zand se abaixa próximo de Eve, onde já estão a mulher que a tratou e Viex. Os dois apenas se olham, sem palavras.

- Vocês disseram que o culpado por toda essa confusão estava morto, não é? - O rapaz pergunta, quebrando o silêncio.

- Sim, está. - Zand responde.

- Isso significa que está tudo terminado. Logo, logo, as coisas vão voltar ao seu normal.

- Não exatamente. Aqui está tomado por bárbaros. Eles podem querer tomar conta da ilha mesmo assim. Claro que, sem uma liderança que os una, logo logo eles se destruirão uns aos outros.

- Temos que voltar. - Eve se esforça e consegue a atenção de todos. - Temos que informar aos reis que a guerra acabou. Também temos que pedir ajuda em Ey Vudeon contra os invasores daqui.

- Eve, você não está em condições de viajar. - Viex a repreende, no que ela responde com um olhar terno.

- A viagem será mais tranquila agora e não será tão rápida. Eu posso descansar na viagem.

- E como poderemos ir? - Zand entra na discussão. - Seja agora, amanhã ou daqui a alguns dias, teremos que partir para Wimow cedo ou tarde. Poderíamos usar um dos barcos de Noak, lá na outra vila.

- Foi no que pensei. - Eve continua. - E é por isso também que temos que partir logo. Não vai demorar muito até que os bárbaros percebam o ataque e então não teremos acesso tão fácil àqueles barcos. Claro, eu pediria a vocês dois para virem conosco também. - Ela fala para o casal de Awra. - Assim eu me recuperarei melhor e vocês, quando chegarmos, poderão falar de tudo isso com o rei Gyo.

Em alguns minutos de silêncio, todos avaliam o peso daquelas palavras. Até que finalmente a mulher diz.

- Sim, podemos ir. Devemos ir. Não sei até quando Oyeno permanecerá escondida desses monstros. Podemos levar provisões e... Vamos levar dois cavalos para nos ajudar com tudo. Erc?

- Hmmm... Tudo bem, Rauty. - O rapaz responde. - Vamos junto.

Numa viagem parecida com a anterior, vão Zand, Viex e o casal nativo a pé, levando dois cavalos. Um com Eve e outro com provisões.

Logo eles chegam à vila destruída de Loytur, encontrando-na exatamente igual deixaram. Exceto talvez pelo cheiro e aspecto de morte, que começam a se intensificar.

Há poucos barcos por ali, mas são suficientes: eles só vão precisar mesmo de um.

Episódio 37: Alto Mar

Em um dos barcos da marinha de Noak segue o grupo de Zand: Eve, Viex, Rauty e Erc, além do próprio Zand.

Com provisões para uma viagem que dure dias, eles seguem. O dormitório é ocupado por Eve e pelo casal de Awra. Os bardos cuidam da navegação.

- Como a gente chega em Ey Vudeon?

- Meus pais queriam que eu fosse marinheiro. Não conheço muito de marinha na prática, nem tive esse tipo de treinamento, mas acho que sei como devemos fazer.

- Que bom! Porque, Zand, eu não sei absolutamente nada sobre esses assuntos.

- Aqui tem um astrolábio, acho que dá pra gente se virar.

- Legal.

“Devia ter aproveitado melhor aqueles dias na DiaboM. Ter aprendido mais sobre os mares. Claro que dá pra me virar, mas não sou marinheiro.”

- Ei, Zand?

- Fala.

- Agora que estamos longe da costa de Awra, que não dá mais pra ver nem terra nem navios, não seria bom tirarmos essa bandeira?

Zand acompanha com os olhos a direção apontada por Viex, para ver suspensa a bandeira vermelha e arroxeada de Noak flamulando no alto do mastro.

- Talvez... Mas nunca se sabe o que podemos encontrar no caminho. Melhor esperarmos pelo menos até amanhã antes de tirarmos a bandeira e colocarmos outra.

- Outra?

- Sim, claro! Os barcos de guerra são muito próprios de cada país e não basta tirarmos a bandeira. Lá dentro eu vi uma toalha de mesa vermelha. Podemos transformá-la numa bandeira de Wimow.

- Boa ideia!

- Mas amanhã a gente faz a substituição.

- De qualquer forma, estou sem fazer nada agora, vou lá tentar fazer a bandeira pra adiantar.

- Tudo bem.

- Se precisar de ajuda me chama.

- Ok.

“Awra fica a noroeste de Ey Vudeon. O truque é tentar manter esse ritmo. Ainda bem que a lira está comigo, pois vai ser uma longa viagem... Por onde andará a Diabo M uma hora dessas?”

Alguns dias se passam e finalmente as terras se aproximam no horizonte.

- Estamos chegando! - Viex comemora. - Zand, você é mesmo um aventureiro de múltiplos talentos! Estou impressionado!

- Obrigado, mas só fico sossegado quando colocar os pés em terra firme.

- Chegamos em Wimow!? - É Erc quem sai do dormitório para falar com os dois.

- Ainda não, só avistamos a terra. Ali.

- Sim, estou vendo! Não pensei que essa viagem demorasse tanto assim.

- Pois demora. Como está Eve?

- Está bem, só que entediada. Dormiu agora há pouco. Sua ferida está fechando de bom jeito.

- Isso é ótimo.

- Ok, vou voltar lá pra dentro, não quero atrapalhar vocês.

- Ok.

Viex começa a tocar flauta. Como em boa parte da viagem, a música é quem mais preenche o ar.

- Viex...

- Fala, Zand.

- Aconteceu o que eu temia.

- O quê?

- Eu conheço aquela cidade e ela não é Ey Vudeon.

- Ah, não?

- Não. Estamos chegando em Ey Dlir.

- Onde!? Ey Dlir!? Não pode ser!

- Mas é! Dá uma olhada!

Viex vai até Zand e pega a luneta. Observa franzindo a testa por algum tempo.

- Não conheço. Tem certeza de que é Ey Dlir? Ela não é bem ao sul da costa?

- Está vendo as praias? Consegue vê que tem uma cidade um tanto grande depois das praias? Um pouco afastada do mar?

- É, eu vi.

- Pois é Ey Dlir. Viemos muito para o sul.

Zand vai até o dormitório.

- Como estamos de suprimentos?

- Bem. Ainda dá pra aguentar acho que uma semana, por quê?

- Ótimo. Porque a viagem vai demorar mais do que prevíamos.

- Mas você não disse que estávamos chegando em Wimow?

- E estamos, mas na capital antiga. A nova capital fica ao norte e teremos ainda uma boa viagem contornando a costa.

- Hmmm...

Zand volta à cabine.

- Então teremos mais uma viagem. O que foi lá no dormitório?

- Fui checar se precisamos ir para a terra ou podemos prosseguir.

- E?

- Vamos prosseguir.

- Legal. Você viu Eve?

- Está descansando.

- Olha, queria tratar de um assunto.

- Diga.

- O que há exatamente entre vocês dois?

- O que quer dizer?

- É que, bem, você já teve sua chance com ela e ela é uma mulher especial. O que quero dizer é que eu estou afim dela e você me deve uma, Zand.

Episódio 38: Relato ao Rei

- O que quer dizer com “você me deve uma”?! Até onde sei você veio lutar ao meu lado porque nossos objetivos tinham algo em comum, ou estou errado? Se você está falando da E-60, eu já agradeci: agora ela voltou pra sua verdadeira dona. Seja lá o que passe pela sua cabeça sobre tudo isso, sobre o que você acha que te devo, eu não vou pagar com Eve!

Viex encara Zand pensativo. Sem raiva, medo ou nervosismo, simplesmente sério e pensativo. Os dois se analisam com os olhos, talvez tentando adivinhar o que exatamente se passa na mente um do outro, ou tentando prever um do outro os próximos movimentos.

- Chega! - Eles se viram para a porta e lá está Eve, encostada, com olhar severo.

“Quando foi que ela chegou? O que ela ouviu dessa conversa?”

- Chega, estou farto da criancice de vocês. Estamos indo a Ey Vudeon e lá essa aliança termina. Relataremos o que houve ao rei Gyo e cada um se afastará para cuidar de sua própria vida.

- Eve, espera! O que eu quero dizer... - Viex começa a caminhar em sua direção, enquanto Zand permanece imóvel e inexpressivo.

- Viex, eu sei exatamente o que pensa disso tudo. Eu lhe sou muito grata pela ajuda e por me ter salvo em Awra. Não teria sobrevivido sem você mas, como aventureiro experiente, deve saber melhor que ninguém que um grupo de aventureiros está sempre à beira da morte e que é normal e comum colegas serem salvos ciclicamente, uns pelos outros, sem que isso represente alguma coisa em especial.

Viex para.

- Chega dessa briga estúpida! Eu não sou recompensa nem pagamento de ninguém.

E ela volta para o dormitório tão rapidamente quanto surgiu, deixando os dois bardos em silêncio, sem palavras ou canções.

O barco de Noak provocou muita estranheza, mas nenhum problema em particular. Era um barco que trazia poucos tripulantes e, principalmente, a bandeira vermelha de Wimow.

Logo os cinco estavam em terra firme, sendo questionados por um dos soldados de Wimow, para então serem levados à presença do rei.

- Antes de qualquer coisa, digam-me como se desenvolveu a missão de vocês em Beniw. Isso explicará também porque alguns integrantes não estão mais no grupo.

- Majestade – Eve começa. -, muito aconteceu nesses dias e apesar do fim da guerra suas consequências serão amargas para todo continente e teremos que lidar com o estrago que causaram.

- Prossiga. - O rei Gyo I fala curioso, após um instante de silêncio, como se estivesse degustando as palavras.

- Indo a Beniw, fomos levados a uma armadilha. Sofremos danos não letais, enquanto Azkelph escapava de nossas mãos. Gloanloi, ao saber que o mago já estava em Cyad Woe, invocou uma montaria alada e partiu à nossa frente, enquanto decidíamos o que fazer.

~ Em um golpe de sorte, Ubaen, Viex e Zand conseguiram unir seus conhecimentos e talentos místicos para nos transportar até a capital de Wiogee. Lá a família real havia sido assassinada. Lutamos contra os assassinos enquanto Azkelph fugia mais uma vez.

- Então a dinastia Astri...

- Não, majestade. Felizmente a princesa Cyel não foi encontrada pelos assassinos e, por isso, foi poupada.

~ Descobrindo que Azkelph havia fugido para Awra, conseguimos nos transportar para lá da mesma forma que chegamos em Cyad Woe. Lá enfrentamos diversos bárbaros e assassinos, além dos líderes do golpe que ainda viviam. Zand matou Azkelph e Kokond Raxx.

~Ubaen foi gravemente ferida e se recupera, acreditamos, no plano espiritual. Eu fui ferida e graças a esses dois moradores de Awra, estou me recuperando bem. De Gloanloi, desde que partiu de Beniw antes de nós, não mais tivemos notícias.

~ A propósito, há ainda muitos bárbaros em Awra e a segurança daquelas pessoas está comprometida. Também foi por isso que Rauty e Erc vieram conosco, para pedir intervenção de Wimow em apoio aos moradores de Awra.

O rei movimenta a cabeça lentamente, pensando a respeito de tudo o que Eve falara. Após o que parece um longo tempo, ele sorri.

- Há algo engraçado no que vejo aqui, sabia?

- ...

- Vocês três... Dois de vocês são bardos, especialistas em narrativas, notícias, canções e História. Entretanto, quem me narra todos os acontecimentos é a guerreira. Engraçado, mas não vem ao caso.

~ Agora entendo porque você me disse, no início do relato, que a guerra havia terminado. Não, Eve, a guerra não terminou. Ontem mesmo recebi a notícia de que Wogyau foi tomada. A guerra continua e tem sido difícil enfrentar a força plural dos clãs.

~ Eu peço, muito mesmo, o apoio de vocês na linha de frente nesta guerra, contra os inimigos das nações. Recompensarei bem a todos e certamente os outros reis também.

~ Se vocês concordarem, devem partir logo. Quanto a Awra, vai ter que esperar.

Episódio 39: Assunto de Guerra

Reunidos numa grande sala estão vários homens das forças armadas de Wimow. Entre os próprios generais e os principais capitães, sentados à grande mesa, estão Eve e os dois bardos. O general Plórius fala, apontando para um grande mapa sobre a mesa.

- O exército dos clãs está avançando. A estratégia deles é ir tomando cidades e enfraquecendo gradualmente os reinos até, no fim, terem tomado tudo. Dessa forma as capitais apresentariam pouca resistência, com acesso fácil por parte deles e sem acesso a suprimentos ou rotas de apoio.

~ Temos confirmação da queda de Oabwu, Uja, Ueho, Glufi e, contrariando nossas expectativas, Woagyau.

- E em Surdi? - Eve pergutna.

- Em Surdi não sabemos muito, só das cidades mais próximas a nós. Temos notícia de que Iux, Uicreu, Phloo e Oeflo foram tomadas.

- Elas estão entre Wimow e Noak.

- É, certamente é o caminho por onde passaram para chegar aqui.

- Senhor?

- Pode falar, capitão Onditê.

- Mesmo com toda a distância, Ey Vudeon é mais próximo de Beniw do que a capital de Surdi. Talvez a estratégia deles seja nos tomar em primeiro momento, para então partirem até Phyuge e, por último, em Cyad Woe.

- É o que tenho pensado, mas algo me deixa curioso. O caminho mais curto até Ey Vudeon seria por Vli e nem ao menos precisaria entrar em Surdi, entretanto eles desviaram para o leste. Mesmo agora, depois de Glufi, esperávamos que viessem em nossa direção, tomando Blaiwo ou Wua, mas ao invés disso foram para o nordeste e tomaram Wogyau. Não entendo a estratégia deles.

- Estão minando nossas forças, Plórius. - O general do mar Glouvy fala enquanto olha sério para o outro general. - Quantos homens já perdemos nessa guerra? Eles tiveram as baixas deles também, menos que as nossas, mas tiveram. Eles sabem que nossas forças ainda não se esgotaram, mas já somos muito menos do que antes. Vejo duas possibilidades: eles não querem sofrer emboscadas, embora não seja fácil emboscar um exército como o deles.

- Eles é que têm nos emboscado... - Plórius fala num suspiro.

- E a outra possibilidade que vejo é de eles não quererem vir até Ey Vudeon ainda. Eles querem minar nossas forças e nos distrair. Quando formos muito poucos e mesmo esses poucos estiverem longe da capital, eles chegarão pelo mar.

- Awra... Mas será que é esse o plano deles?

- Ora, Plórius, não tenho muitas dúvidas quanto a isso. Primeiro foram os próprios Raxx que vieram de Awra a Ey Vudeon, quando você estava no mar, lembra?

- Claro que sim.

- Agora Zand e seu grupo chegam falando que a terra foi tomada por bárbaros. Não me restam dúvidas de que o objetivo é nos enfraquecer e distrair ao mesmo tempo para então chegarem de Awra em um ataque rápido e certeiro.

- Senhor? - Um soldado aparece à porta.

- Diga.

- Gloanloi, de Surdi, quer vê-lo.

- Traga-o aqui.

O solado bate continência e sai da sala.

- Também penso que pode ser esse o plano dos clãs. - Zand entra na conversa. - Quando derrotamos os últimos líderes Raxx, havia vários barcos, mas não suficientes para um ataque. Creio que haja outro porto em Awra, ou talvez mais. Pelo que os moradores disseram, quase todas as vilas de lá foram tomadas por bárbaros. Eles devem ter recebido ordem para tomar as vilas de modo a controlar os recursos enquanto esperavam a ordem de ataque.

- Exato! - Glouvy completa. - E com a queda dos líderes, essa ordem certamente vai mudar. Pode nunca acontecer, como pode ser antecipada ou conduzida por uma nova liderança que se estabeleça por lá. Não dá pra prevermos.

- Com licença. - o paladino Gloanloi aparece à porta. - Generais Plórius e Glouvy; Zand, Eve, Viex. Desculpe interromper a reunião.

- Você é bem-vindo. Sente-se.

- Obrigado.

- Como ia dizendo, As forças bárbaras podem vir de Awra a qualquer momento. Gloanloi, traz notícias?

- A guerra não está boa. As cidades da fronteira entre Noak e Surdi já foram tomadas.

- Como está Wiogee? - Eve pergunta.

- Sim, está afastada da guerra por um momento, de prontidão. O exército está em volta do castelo fazendo uma operação rígida de proteção à rainha Cyel. Ela, por outro lado, está tendo que superar a perda dos pais para se dedicar a estudos intensivos e aprendizados com quem sobrou do castelo: militares, homens de política e economia, professores...

~ E a mensagem que trago do rei Obwir é que precisamos unir forças. Surdi perdeu muitos homens em emboscadas.

- Bem-vindo ao clube. - Plórius fala com um sorriso irônico no rosto.

Episódio 40: Assunto de Guerra II

- O cenário que temos é bem simples de descrever. - Plórius fala aos demais presentes na reunião – Primeiro, temos cinco cidades de certo porte tomadas pelos clãs.

- Só cinco? - Gloanloi interfere.

- Das que sabemos, só. Ah, você se refere às de Surdi? Bem, são cinco daqui de Wimow.

- Entendido.

- Segundo, a qualquer momento pode vir um ataque de Awra. Poderíamos ir todos a Awra, mas se formos, podemos terminar baixando demais a guarda para um ataque vindo pelo continente.

~ Não podemos também deixar que continuem avançando e tomando mais e mais cidades. E temos que reconquistar as cidades tomadas.

- General Plórius? - Eve pede a palavra, que lhe é concedida com um aceno de cabeça. - Não há outra opção a não ser nos dividirmos. Podemos partir com 40% por cento do exército em ataque direto à vanguarda dos clãs, deixando 30% dos homens aqui no castelo; enquanto os

outros 30% se juntariam à frota para um ataque a Awra. É uma sugestão.

O silêncio preenche a sala enquanto todos pensam no proposto, avaliando possibilidades alternativas, consequências imediatas e possíveis efeitos colaterais.

- E o que acontece se perdermos nas duas frentes? - Um dos capitães presentes pergunta.

- O que acontece se eles continuarem avançando e terminarem tomando todas as cidades de Wimow, exceto a capital? - Eve retruca.

- Ela está certa, até certo ponto. - O general Glouvy se pronuncia. - Temos que agir o quanto antes. O que me preocupa é a reconquista das cidades. Os inimigos são especialmente bons em armar emboscadas e é exatamente nesse ponto que temos maior possibilidade de perder.

- Nesse caso podemos tentar chegar antes às cidades que eles vão atacar ou, na pior das hipóteses, no mesmo instante! - Gloanloi se levanta animado.

- Não temos como prever que cidade vão atacar... Zand?

- Não. A Canção da Localização só funciona para pessoas que eu conhneci. Derrotamos os principais líderes do golpe, mas infelizmente eram os únicos que eu conhecia.

- Vamos rastreá-los! - Gloanloi continua. - Qual foi o último ataque deles?

- Wogyau.

- Então vamos naquela direção enquanto descobrimos para onde estão indo em seguida.

- Gloanloi, eu entendi bem sua intenção, mas como poderemos descobrir isso? Não temos espiões ou...

- Vista aérea.

- Como?

- Eu vou na frente sobrevoando o terreno e tento encontrá-los, enquanto vocês avançam naquela direção. Então eu vou até vocês e digo para onde estão indo.

- Hmmm...

- O melhor momento para confrontá-los é quando estiverem chegando, antes de alcançarem a próxima cidade. Momento menos ideal, mas ainda vantajoso é se chegarmos antes de eles se estabelecerem. Uma vez a cidade tomada, vai ser difícil recuperá-la, como o general Glouvy falou.

- É um plano que talvez funcione. Eles, porém, já devem ter partido e talvez, enquanto estamos aqui conversando, eles já estejam se instalando em uma sexta cidade.

- Talvez. Se for esse o caso, vamos à sétima!

- Não sei... Glouvy?

- Parece-me o melhor que podemos fazer. O exército deve levar suprimentos para semanas de caminhada, porque penso que é imprevisível quando a intercepção irá ocorrer. Pode ser na sexta ou sétima cidade, mas pode levar muito mais tempo para que os fatores todos sejam favoráveis à manobra.

- Certo.

- Outra coisa: precisamos da aprovação do rei para irmos à ofensiva. Eu partirei a Awra com um dos três que já estiveram lá, gostaria que fosse Zand; Gloanloi irá com os demais na missão pelo continente.

- Certo, e o castelo?

- Você ficará no castelo, Plórius.

- Como assim!? Eu preciso ir comandar as tropas.

- Seria bom, mas o rei Gyo fará questão de ter ao lado alguém de confiança. Você pode propor ir com o grupo, mas pelo que conheço do nosso amado rei, ele vai rejeitar a ideia.

- Hmmm... Você o conhece mesmo há mais tempo do que eu, hã? Está bem. Quem vai então de vocês? Para onde?

Antes que os demais se pronunciem, Eve toma a frente e fala.

- Vamos nos dividir meio a meio. Os bardos vão a Awra, enquanto Gloanloi e eu seguimos a Wogyau.

Os bardos se olham de maneira inexpressiva, mas aceitam a divisão.

- Ótimo. - O general Plórius finaliza. Então faremos o seguinte: vamos apresentar ao rei a proposta da divisão: Glouvy liderando o ataque a Awra, com ajuda de Zand e Viex; eu liderando a Missão Wogyau, com ajuda de Eve e Gloanloi; capitão Ondité liderando as fortificações no castelo. Esta será a proposta. Se a majestade discordar, Ondité e eu trocamos de lugar.

Episódio 41: Missão Wogyau

Proximidades de Diwed, manhã. Não próximo o bastante para que vejam as muralhas da cidade. Da cidade provavelmente se pode ver o exército acampado.

Em uma tenda armada na noite anterior, reunem-se os líderes dessa campanha militar.

- Terá sido uma boa ideia termos saído de Ey Vudeon pela manhã? - Gloanloi pergunta.

- Tínhamos que partir o quanto antes, senhor. - O capitão Ondité responde.

- É, mas tivemos que acampar em Diwed e teremos que acampar mais à frente. Pelas minhas contas, chegaremos perto de Wogyau ao cair da noite. Se acamparmos lá perto, será fácil os inimigos perceberem nossa movimentação e darem um jeito de avisar às tropas.

- É um risco que temos que correr. - Eve responde. - Não devemos esquecer que os clãs atuam em praticamente todos os países, principalmente os Dessurdi. Nós acampamos em Diwed, uma cidade muito frequentada por aventureiros. Quem garante que hoje mesmo não partiu um mensageiro?

- Isso só reforça o que estou dizendo, Eve! Se tivéssemos partido durante a tarde...

- Nosso objetivo não é Wogyau, Gloanloi! Temos que descobrir o próximo passo! Não temos que nos aproximar da cidade.

- Qualquer aproximação já trará em si um risco.

- Podemos chutar a próxima cidade. O que acha de Wua?

- É um lugar estratégico... Creio que chegaríamos lá ao entardecer, da mesma forma que chegamos aqui em Diwed.

- Com licença, senhor.

- Pode falar, capitão.

- Podemos acampar em Wua em seguida. Amanhã seguiremos para acampar ainda mais perto de Wogyau do que chegaríamos partindo para lá hoje. Informantes pode haver, não temos como evitar. As chances já são altas desde que decidimos sair de Ey Vudeon. Quanto a saques, não devem acontecer: a área urbana protege os clãs de uma forma... Bem, lhes dá uma vantagem fenomenal. Se eles resolverem atacar o acampamento, devo dizer que não será motivo para lamento: teríamos sorte!

- Eles não vão fazer isso. Gloanloi, quantas horas você pode voar por dia?

- Em uma missão de poucos dias, posso voar por muitas horas. Depois de uma semana, preciso de uma pausa de dois ou três dias.

- Ótimo. Poderia verificar a situação em Wua, enquanto nos dirigimos para lá? Se já houver sido tomada, paramos até nova análise.

- Parece-me adequado. - Ondité opina.

- Tudo bem. Partirei em meia hora.

Proximidades de Wua, manhã. Mais uma vez o trio se reune.

- Em meia hora partirei à frente de vocês. Vou começar a procurar o rastro dos clãs. Se eles não foram a Wua, devem ter ido na direção oposta.

- Ou talvez ainda estejam em Wogyau.

- Talvez.

- Gloanloi, você deveria descansar mais antes de partir. Ontem foi exaustivo. Além do mais, provavelmente não

mudaremos o percurso até amanhã; só precisaremos dessas informações à noite.

- Eu estou bem, Eve, obrigado por se preocupar. E tenho que partir logo, pois estamos em uma guerra. O mal está se sobressaindo e isso tem que acabar o quanto antes.

- Tudo bem.

- Agora, quanto à senhorita, se me permite, é quem deveria descansar. Parece abatida. Tem dormido bem?

- Na verdade não. Sinto falta de ação, de batalhas.

- Então talvez seja melhor acalmar os ânimos. Talvez se passem vários dias antes que elas ocorram.

- Talvez.

Começa a entardecer, quando as tropas de Wimow param para armar acampamento.

Eve e Ondité comandam e monitoram os procedimentos: barracas, sacos de dormir, proteção das montarias, postos de observação, turnos...

- Boa noite, Eve. - Gloanloi chega em seu belo cavalo alado.

- Boa noite. Demorou muito desta vez.

- Tinha suspeitas importantes e precisava confirmar.

- Que suspeitas?

- Escute: como estão os homens? Estão prontos para o combate?

- Agora? Creio que sim.

- Ao amanhecer.

- O que você descobriu?

- As forças ainda estavam em Wogyau. Havia uma organização desde cedo, como se estivessem prestes a partir. Até que finalmente partiram, mas não foram em um só grupo.

~ Tive que observar mais atentamente e então percebi que estão indo para três ataques ao mesmo tempo: as cidades de Efri, Zax e Bruaz.

- Pode ser uma armadilha. Eles podem ter recebido informações de mensageiros e preparado emboscadas para nos dividir.

- Vou dizer o que penso: temos homens suficientes e somos três líderes. Devemos dividir as tropas e partir durante a noite. Se corrermos, os encontraremos bem antes das cidades, já que o deslocamento deles não é tão

veloz. As três cidades têm aproximadamente a mesma distância para Wogyau.

- E se for emboscada?

- Eu fui às três cidades, apenas de passagem. Tudo parece normal por enquanto. Temos que partir rápido! Onde está o capitão Onditê?

Episódio 42: Bruaz

Pareceu coincidência, mas agora Gloanloi sabe porque escolheu ir a Bruaz ao invés das outras duas cidades. Foi puro instinto: Bruaz é a cidade mais a leste das três. É das três a cidade mais próxima do reino de Surdi.

“Será que me precipitei ao sugerir tal divisão? Talvez fosse mais sensato termos escolhido uma das três cidades e termos investido todos juntos em um único ataque. A vitória seria certa, mas perderíamos outras duas cidades para os clãs. Nada devo temer desta investida. Suno nos guiará à vitória.”

A montaria alada do paladino finalmente pode descansar após esses dois dias tão intensos. Ele comanda os soldados montado em um cavalo normal.

Os homens tem pressa. Gloanloi vai na frente, conduzindo a tropa para um confronto de guerra, de uma guerra tão difícil desses tempos sombrios.

“Deveria invocar minha montaria novamente? Olhar a estrada... Se bem que não faz sentido. É claro que eles verão nossa aproximação de longe, mas que tempo teriam para se esconder? Os ladinos talvez, mas há ainda os bárbaros e todo o material que eles levam consigo?”

Os batedores param. Parecem ter encontrado alguém. Em pouco tempo o grupo os alcança e todos seguem. Eram viajantes inofensivos de Wimow. A viagem continua.

Os cavalos demonstram cansaço e o pique é reduzido. Reduzido, mas os homens ainda se deslocam com considerável velocidade.

“Olhando agora, não devia ter feito isso. Eve não parecia bem, estava cansada. Como se sairá liderando esses homens? Agora já não importa: a divisão foi feita e marchamos para o combate. Que o Bem triunfe!”

O tempo passa e mais uma vez o ritmo da cavalgada tem que ser reduzido para poupar os cavalos. Todos notam as feições preocupadas do paladino.

“Já devíamos ter alcançado aqueles criminosos! Ou não? Será que calculei errado? Ou então se tratava mesmo de uma armadilha para nos dividir? Será que eles se apressaram e já estão todos os grupos, nas cidades a essa altura, nos esperando?”

O Sol queima o chão sem piedade e a poeira seca sobe, erguida pelas patas de tantos cavalos.

Os olhos de Gloanloi acompanham pasmos a paisagem.

“Não pode ser! Plantações?! Será possível já estamos nos aproximando tanto de Bruaz sem termos qualquer sinal do exército inimigo?”

Pouco depois Gloanloi e o grupo param, encontrando os batedores que voltavam.

- Senhor, chegamos a Bruaz.

- Encontraram a cidade?

- Afirmativo, senhor. Logo que avistamos as plantações, decidimos galopar mais rápido para que pudéssemos obter informações na cidade.

- Perguntamos a algumas pessoas, moradores – o outro batedor completa - e ninguém viu o exército inimigo por aqui.

- Não pode ser. Eu os vi vindo nesta direção!

- Eles podem ter se desviado e tomado outro caminho.

- Não há outro caminho...

- Um caminho fora das estradas.

- Esperem um pouco.

Os soldados estranham quando veem Gloanloi fechar os olhos e abaixar levemente a cabeça.

O tempo passa e angustia os que veem, mas logo ele sai de seu transe e diz:

- Eles estão no caminho.

- Como sabe?

- Não importa. Eles saíram um pouco da estrada para nos despistar, mas já estão vindo. Vamos encontrá-los. Dessa vez devagar.

O grupo prossegue. Gloanloi aproveita para, de tempos em tempos, fechar os olhos e focar à frente, confiando que o cavalo continuará o percurso.

De repente, eles param.

- O que é aquilo?

- Parece Bruaz.

- Não pode ser! Bruaz ficou para trás!

- Então é o quê?

- Está um pouco embaçada, não? É uma miragem?

- Não é Bruaz. - Gloanloi alerta. - Preparem-se para a batalha! Todos de armas nas mãos!

Sacando sua espada, ele grita e parte, contaminando os soldados com um entusiasmo sem tamanho. Entusiasmo

que não salva aqueles seguidores dos dardos que vêm não se vê de onde.

E um grito de guerra vibra logo a seguir: são os bárbaros que aparecem do nada, como por obra de magia, diante dos soldados de Wimow.

Gloanloi é derrubado do cavalo enquanto tentava aparar um golpe de machado, golpe que destruiria seus músculos caso ele não fosse um guerreiro das forças divinas, que destruiria sua espada caso fosse uma arma normal.

De pés no chão, o brilho e imponência de Gloanloi parecem nunca terem sido tão imensos. É quando sua voz ecoa por todo o lugar.

- Vocês tem o direito de se arrepender do mal que fizeram! Façam isso e eu os pouparei!

Por um momento não há resposta e Gloanloi fecha os olhos.

“Então este é o truque...”

Ele abre os olhos e não vê ninguém, mas sabe o que está havendo. Saltando para a frente, golpeia o ar. A espada se suja de sangue, enquanto o corpo de um bárbaro de Klavorini Sul cai, aparecendo do nada.

“Eles têm um ilusionista! Isso explica muita coisa.”

Episódio 43: Zax

Galopando no caminho entre Wogyau e Zax, Eve comanda uma das tropas de Wimow. Seu coração está inquieto. O motivo? Alguns pequenos sinais de deboche ou insubordinação.

“Não posso culpá-los. Por um lado, nunca me viram em ação; por outro, esse corpo... Esse corpo não impõe respeito. Se ainda tivesse meu corpo verdadeiro, as coisas seriam diferentes. Aquele sim foi talhado para o combate.”

Nenhum soldado chegou de fato a desobedecê-la. Na verdade, nos momentos em que galopa mais rápido, alguns aumenta o ritmo para irem à sua frente, em escolta. Mas ela ouve um ou outro risinho entre comentários cochichados à sua volta. Mais ao longe se pode ouvir vozes mais altas no mesmo tema.

“Terei oportunidade de mostrar meu valor na batalha. Poderia parar aqui para uma demonstração rápida de habilidade, não fosse tão escasso nosso tempo. Temos que correr antes que o clã chegue a Zax.”

“Sei que não devia me incomodar tanto com a opinião desses homens, mas incomoda.”

O tempo passa e as piadas vão mudando de lugar. Alguns continuam, enquanto outros entram no jogo tardiamente. No geral, diminui, talvez por verem a postura de Eve em seu cavalo, galopando por horas com determinação. É só uma questão de tempo até que lhe tenham respeito.

Com o passar do tempo, as preocupações de Eve também vão mudando... Continua galopando firme, mas seu olhar está vazio. A lembrança recente lhe castiga: conversas num barco. A dúvida é se fez a coisa certa. Porque foi ideia sua se afastar, mas ela sabe como, desde o início, não era exatamente o que ela queria.

Os cavaleiros à frente diminuem o ritmo e Eve sabe que há novidades. Quem as traz são os batedores, abrindo caminho para chegar até ela.

- Senhorita, avistamos os inimigos.

- Onde estão?

- Não muito longe e continuam avançando.

- Foram vistos?

- Acredito que não, mas não tenho certeza.

- Tudo bem.

Ela respira fundo antes de falar em voz alta.

- Atenção! Nossos inimigos estão logo mais à frente! Ainda estão viajando, de costas para nós! Quero todos vocês de armas em punho e dando distância lateralmente uns dos outros! Nós vamos alcançá-los e atropelá-los sem que nem vejam o que os atingiu!

Armas balançam no ar sob gritos de euforia, enquanto Eve torce para que os soldados inimigos não estejam perto o suficiente para ouvirem essa comemoração. Ela sabe que um grupo tão grande não conseguirá “atropelar” o outro exército. Ao menos não sem resistência. Mas os homens precisam de uma motivação a mais e soldados motivados lutam mais que três ou quatro dos outros.

De qualquer forma, o que foi feito está feito e os soldados já avançam furiosos. Prendendo ao braço um escudo redondo e com a E-60 à mão, Eve galopa junto com eles.

Exatamente como Eve previu. Os últimos dos viajantes percebem a aproximação das forças de Wimow e param, virando-se para receber o golpe. É de modo que quando o choque de armas acontece, a caravana estava concluindo sua mudança, terminando de parar, no ritmo de uma onda que foi da retaguarda à vanguarda.

Os bárbaros resistem. Homens de Wimow vão tombando quase que à mesma proporção que os homens de Klavorini Sul. Finalmente Eve alcança a batalha.

Não é fácil o malabarismo para defender os golpes que vêm pelo lado errado, do lado da E-60. Por isso ela se movimenta evitando que um inimigo apareça dessa forma. Claro, isso não funciona tão perfeitamente assim e volta e meia ela tem que lutar nessas condições.

Um estrondo e um clarão mais à frente e Eve se apressa para chegar lá.

O clarão se repete várias vezes até que ela perceba sua causa. Ela passa por vários corpos carbonizados de soldados de Wimow pelo caminho e até mesmo alguns corpos de bárbaros.

Enquanto busca a origem dos raios, mata mais bárbaros, dando forças aos soldados ainda vivos, que se assustavam com essa nova arma inimiga e já não sabiam o que fazer.

Os relâmpagos vem de uma carruagem logo à frente. Com parte do corpo fora, um homem alto e magro, mas de ombros largos, gargalha segurando um cajado.

Olhando para o homem na caravana bem à sua frente, Eve segura firme as rédeas e ordena com gestos à sua

montaria: “Corra! Corra como nunca correu em toda sua vida!” E ela vai. O homem vê.

O clarão dura uma fração de segundos e de repente Eve está no chão.

“Como!? Onde é que...”

Ela tenta se ajeitar. A sensação é de dormência em todo o corpo.

A vista vai voltando devagar.

“Droga! Outra montaria que perco!”

Não só o cavalo, mas outros soldados, que vinham junto dela, estão totalmente queimados e espalhados pelo campo.

De repente os olhos de Eve começam a brilhar de um jeito estranho. Sem conseguir esconder sua admiração ela caminha, ainda com dificuldades, em direção a um corpo de bárbaro carbonizado. Os olhos vidrados nas mãos sem vida daquele guerreiro. Vidrados em uma estranha espada de um metro e meio de lâmina larga.

Episódio 44: Efri

- Senhor, não seria melhor termos ido todos em um só pelotão?

- O que foi decidido foi decidido por Eve, Gloanloi e por mim, que estamos à frente no momento.

- Senhor, entendo, mas me parece uma ação perigosa. Seremos 1/3 do que podemos ser em cada campo de batalha. Arriscaremos três confrontos com forças abaixo do normal quando poderíamos ter partido em apenas um confronto, mas com altas chances de vitória.

- Isso foi discutido. O que levamos em conta foi o fatos surpresa. Se agíssemos como você sugere, teríamos uma vitória mais fácil, porém os outros dois grupos estariam mais preparados para nos enfrentar na sequência.

- E quem garante que não estão agora?

- Ninguém garante... Mas foi a decisão que tomamos.

“Ninguém garante. Eu me fiz a mesma pergunta. Sinceramente espero que o plano funcione ou estarei mal diante do general Plórius. Fico pensando: será que ele teria agido de forma diferente?”

- Fraga?

- Pois não, senhor!

- Procure os tenentes Ozio e Donubru. Quero que dividam os homens em três agrupamentos, com quantidades iguais de soldados. O agrupamento de Ozio será o grupo 1, o de Donubru será o grupo 4. O seu será o grupo Vermelho.

O tenente Fraga para um pouco, pensativo, então responde.

- Entendido, senhor!

E parte para cumprir a tarefa designada.

Estava se questionando o porque desse padrão do capitão Ondité, que praticamente não tem um padrão. Dois números distantes e uma cor?! Terminou deixando os questionamentos para depois, afinal, está ali para cumprir ordens!

“Sendo quatro grupos, teremos mais flexibilidade de ação, mas eu terei que comandar um deles, além de comandar as ações dos grupos como um todo, já que tenho apenas três tenentes comigo. Sendo três grupos, fica mais simples, com o efeito colateral de faltarem grupos. De fato seria mais simples se estivéssemos todos aqui. Como não é o caso, temos que vencer com as ferramentas que temos à mão.”

- Tenente Ozio?

- Pois não, senhor!

- Onde estão os tenentes Fraga e Donubru?

- Coordenando seus homens, senhor. Tenente Fraga está na nossa retaguarda, enquanto tenente Donubru está na nossa vanguarda.

- Como estamos quanto à divisão?

- Três agrupamentos: Grupo 1 comigo; Grupo 4 com tenente Donubru e Grupo Vermelho com o tenente Fraga.

- Perfeito. Vá com seus homens à frente. Já estamos à metade do caminho até Efri e podemos confrontar o inimigo a qualquer momento. Fiquem em alerta constante, não descuidem das armas. Observem qualquer movimento suspeito, qualquer indício de presença do inimigo. Designe um dos seus homens para ser seu mensageiro e me mantenha informado do que quer que aconteça. E ordene ao tenente Donubru que venha até mim com seus homens para reposicionamento.

- Entendido, senhor.

Enquanto Ozio grita os comandos para seus homens, os outros tenentes percebem a movimentação e vem naturalmente até Ondité.

- Os grupos de vocês ficarão lado a lado, atrás do grupo 1. Grupo vermelho à minha esquerda, o grupo 4 à minha direita. Entendido.

- Sim senhor!

- E estejam prontos para o confronto!

A viagem prossegue, com silêncio e disciplina, até que um soldado vem da vanguarda até seu capitão.

- Senhor? Avistamos uma mulher e corpos caídos na estrada. O tenente Ozio acredita ser Eve.

- Eve!?

Após uma rápida mensagem de "atenção" aos dois tenentes que o acompanhavam, Ondité galopa para a frente com pressa. Conforme vai chegando à frente, os homens vão diminuindo o ritmo de suas montarias, e ele vê adiante uma mulher acenando de onde a tropa ainda não alcançou.

Ao seu redor, bárbaros caídos sobre o chão. Vários deles.

Ondité gira a cabeça ao seu redor e observa tudo o que pode.

- Senhor?

- Há muitas árvores pelas margens da estrada. Não vejo sinal de sangue a essa distância. Posso estar errado, mas...

- Senhor? Ela me parece Eve.

- Não com esses trajes. Sempre que a vi foi trajando roupas de guerra. Estamos enfrentando magos, ladinos e bárbaros. O que vemos é uma aliada que não devíamos estar aqui, bárbaros no chão talvez sem sangue e árvores. O que você pensa que temos? É uma armadilha.

- E o que faremos?

- Continuem avançando, ainda mais devagar. Ao meu sinal invistam contra ela com toda a força. Vou voltar e instruir os outros grupos.

- Mas senhor? Pode ser ela mesmo!

- Quando se aproximarem você verá dardos cortando o ar contra os homens que estão aqui. Esteja bem posicionado para não ser atingido. Ao se aproximar, os bárbaros vão se levantar e a “Eve” tentará fugir. Tente atingí-la antes disso.

- E se for ela mesmo?

- Eve é uma grande guerreira até onde sei. Se for ela mesmo, ela evitará seus golpes como uma guerreira experiente. Só se isso acontecer, você poderá afirmar que é ela mesmo.

Ondité faz seu cavalo se virar e galopa de volta à procura dos outros tenentes.

Episódio 45: Mar de Awra

O Sol de início da manhã ilumina aquela força bélica. O frio do mar à volta, como o próprio mar. No convés, encostado em um canto, estão um bardo e sua lira.

Encostados do lado oposto, Rauty e Erc apreciam a movimentação com certa ansiedade.

Os dedos de Zand deslizam pelas cordas em uma melodia suave.

- Zand? Não vai dormir? - É Viex quem se aproxima.

- Não.

- Você ficou a noite toda em claro. Pode ser desgastante.

- Não se preocupe.

- Eu entendo que você usa uma canção para recuperar energias, mas nada substitui um bom descanso.

- Já disse que não precisa se preocupar.

Viex se encosta ao lado de Zand e olha pensativo a imensidão azul.

- Notei que de tempos em tempos você tem tocado a Canção da Busca... Está procurando Eve, não é?

Zand não responde, e Viex entende como um “sim”.

- Ela está bem?

- Está viva.

- É, por ora isso basta.

Zand volta a tocar a Canção do Repouso. As águas se agitam um pouco, como é normal em alto mar. Nada preocupante, é só o som que elas fazem que chama a atenção.

A melodia prossegue e de repente ganha uma segunda voz, num som de flauta. O casal do outro lado do convés apenas observa e aprecia o som produzido pelos dois bardos.

- Sinto que não devia ter interferido na vida de vocês dois.

- ...

- Desculpa pelo infortúnio que causei.

- Tudo bem.

- Sinto que tudo estaria bem diferente se eu não tivesse interferido. Por isso... Está ouvindo?

- Estou.

- Não, as cornetas!

- De vez em quando elas tocam, quase por qualquer coisa.

- É, mas está diferente agora!

Um marinheiro sai da cabine com uma corneta na mão. Viex vai ao seu encontro.

- O que está havendo?!

- Um barco vem em nossa direção. - Ele responde e toca sua corneta com força, em um código de sopros e pausas. Pouco depois, uma resposta.

- E o que vocês vão fazer?

- O general ordenou que um navio se aproximasse, com cobertura de quatro navios. Eles serão retirados dos que estão mais à frente, enquanto os outros continuam a viagem.

- Hmmm... É um navio solitário.

- Aparentemente. Com licença, senhor, tenho que prestar relatório ao general.

- À vontade. ... Zand, não acha estranho?

Zand continua tocando lira, alheio ao bardo de Noak.

- Você era mais determinado quando o conheci. Tinha mais vontade, mais foco! - E se afasta dali.

“É, eu tinha. Mas não sei se era eu quem estava ali ou era apenas o ódio e o desejo de vingança. Porque conquistamos aquilo que tanto perseguíamos, mas e depois? O que foi que mudou de fato para mim? O que eu ganhei com tudo isso?”

“Um navio... Se vem de Awra, deve ser de refugiados, como os que trouxemos. Não faz sentido um navio estrangeiro ficar à deriva por aí, sozinho e à mostra. A não ser...”

Zand sorri e toca outra canção, a da Localização. E parte para falar com o general Glouvy.

- Senhor, quero permissão para ir com os navios ao encontro do estrangeiro.

- Você o conhece?

- Sim, conheço. Se forem quem sei, já me prestaram grande ajuda.

- Tudo bem. Você vai em um navio próximo. Mude de embarcação. Welk, comunique.

- Sim, senhor.

Os tripulantes reconhecem Zand e o recebem a bordo com alegria. Mas só Zand. O navio traz algo misterioso coberto.

- Então, conseguiu o que queria em Beniw? - O capitão Ched pergunta, desconfiado com a presença dos barcos militares de Wimow.

- Sim, consegui. Gostaria de agradecer pela grande ajuda prestada.

- Ora, não foi nada. Além do mais, fomos bem pagos para isso. - Been comenta.

- O que estão fazendo por aqui? Estão indo conquistar Awra? - Ched pergunta, em tom irônico.

- Não, já conquistaram Awra por nós. Os bárbaros e os clãs.

- Hmmm... Então você vai querer conhecer alguém.

Zand é levado ao interior do barco e vê três pessoas estranhas ali. Dois fortes com feições claramente estrangeiras e um magro de cabelos brancos e manto verde. Parece ser de Wiogee e parece ser...

- Um mago com vocês?! Vocês estão...

Um dos bárbaros se levanta e para em frente a Zand.

- Prazer. Sou Criak do antigo reino de Jex e do atual reino de Klavor. Viemos corrigir um engano.

Episódio 46: Flahback

Klavorini Sul, semanas atrás. No castelo de Wax Wephlie um confronto aconteceu. Prisioneiros já foram levados e estão em processo de lenta execução. Foi abortado um golpe depois do golpe.

O rei Jyus conversa com alguns homens estrangeiros e alguns dos seus.

- Agradeço muito a vocês por terem me alertado sobre tudo isso.

- Não tem de quê. Tudo de que precisamos é do nosso navio de volta. - Capitão Ched fala. A seu lado, seu fiel conselheiro Gwat.

- Vocês não pensem que essa aliança foi feita sem receio. Por mais que falassem do outro continente, sempre me passou pela cabeça a possibilidade de eles tentarem uma traição aqui a qualquer instante.

- Você teve sorte. - É o mago de cabelos brancos quem fala. Seu nome é Lortua. - O plano era esperar que se concluísse a tomada de poder em Klavorini Norte. Uma vez estabelecido o poder lá, viria o golpe aqui, unificando os governos dos dois continentes em um só.

- Entendo... Felizmente essa aliança só tinha víboras e os que aqui ficaram sonharam em tomar o poder daqui para confrontar seu líder no norte.

- A ambição acelerou as coisas e deu no que deu.

- A ambição e você, Lortua. Todos devemos lhe agradecer por articular os encontros e nos ajudar a cortar fora aquele mal.

- Já disse diversas vezes: eu vim pela pressão social. Todos os meus pares vieram. Me causava muita estranheza tudo isso, até que vi o quanto insano era no fim das contas.

- É, você já disse.

- Com licença... - Capitão Ched intervém. - Eu e minha tripulação estamos com saudades da DiaboM. Quando poderemos tê-la de volta?

- Claro, capitão, mas a seu tempo. Tenho um pedido a lhe fazer.

Ched olha para Gwad e suspira, então fala simplesmente:

- Estou ouvindo.

- Preciso que traga os soldados de volta.

- Jyus? -

- Twisk, eu sei do que falamos sobre aqueles soldados, sobre golpes militares e tudo o mas, mas entenda: temos que reforçar novamente nossas forças, mesmo porque muitos dos traidores de Klavorini Norte escaparam e estão por aí tramando qualquer coisa hostil.

“Além disso, os soldados estão ajudando essas víboras a conquistar sua própria terra. Agora sabemos com total certeza que o plano deles era nos trair e conquistar Klavor mesmo com nossa ajuda! Não podemos ajudar a fortalecer quem já é declaradamente nosso inimigo.”

- Entendo, cara.

- Pois é! Temos que resgatar nossos soldados.

- Tá, mas como pretende fazer isso?

- Você vai e vai levar o órgão de guerra.

- Hmmm...

- Ele foi usado durante a guerra contra Jex e Byuzk e então guardado em um dos porões do castelo. Nós já o localizamos e parece estar em bom estado de conservação.

- Os soldados...

- Sim. Todos conhecem a história do exército de Klavor. E todos sabem do órgão de guerra, apesar de constar

apenas como uma lenda. Cyang, o nosso amigo bardo, disse que consegue tocá-lo. Ele precisa de um homem forte para fazê-lo funcionar enquanto ele próprio toca.

- Hmmm...

- E esse é o favor que tenho a pedir a todos vocês: quero que você, Ched, que conhece o seu continente como ninguém por aqui, leve o órgão e a equipe necessária.

- Quanta gente seria? A DiaboM não é tão forte assim. E esse órgão? Quanto pesa?

- Calma, é relativamente leve. Afinal, era transportado para os locais de guerra no passado. A equipe serão só vocês. Lortua, Cyang e Twisk.

- Tudo bem.

- Twisk?

- Está certo, está certo. É mesmo importante fazermos isso. Não vai ser fácil trazer essa turma toda de volta, mas vamos fazer o possível. Mas quem tomará conta do castelo? E se eles voltarem?

- Seremos poucos, é verdade, mas damos um jeito. Os soldados que restaram continuam em patrulha pelo castelo durante todo o dia.

- Vocês estão lidando com magos e assassinos, Jyus. - Ched alerta. - Eles têm muitos truques, truques esses para os quais vocês do continente são bastante vulneráveis.

- Faremos reuniões constantes por aqui para melhorar isso. De qualquer forma, preciso que os soldados sejam retirados de lá. Se esse for o momento da minha queda, que seja: Twisk liderará esses homens para reaver o trono.

- Não, Jyus, isso não será necessário.

Twisk abraça Jyus com afeto e diz, ao se afastar.

- Cumprirei sua missão e voltarei para vê-lo ainda como merecido rei de Klavor, e por um longo tempo.

- Obrigado, amigo.

- E o meu barco?

- Ah, sim! Vamos lá até ele. E Lortua?

- Sim?

- Precisamos conhecer melhor a magia em nossas terras. Você está convidado a vir ensinar aos homens de Klavor sobre sua arte. Será muito bem vindo!

- Obrigado.

E saem todos da sala para cumprir com o que foi acertado.

Episódio 47: Aproximação

O General Glouvy se senta e olha através da janela por um instante. Logo, volta a falar com Viex.

- Então esse barco tem pessoas do outro continente que são aliadas de Zand?

- Mais ou menos isso.

- Que filho da mãe influente, hã?

- E eles têm uma forma de comunicação para informar ao povo daquele continente que sua gente está deixando a guerra...

- E isso enfraqueceria a aliança dos clãs...

- Certamente.

- Hmmm...

- Podemos abortar a missão em Awra e comunicar o rei sobre o encontro.

- Não, não podemos. Primeiro que Awra ainda é uma ameaça.

Ele olha os rostos espantados que acompanham a conversa da porta.

- Ei vocês! Eu estou falando por Awra ter se tornado um terreno de criminosos, não por vocês que são de lá e que têm índole pacata! Como ia dizendo, além disso não vou apresentar qualquer estrangeiro diretamente ao rei sem estar convencido de que não se trata de um truque.

- Perdão, general. Não os vi, mas conheço Zand e não acho que...

- Não importa o que você e Zand pensam deles. Isso pode ser mais um truque pra facilitar o golpe em Wimow. Já pensou nisso? Vamos ver como se comportam em Awra e aí eu decido o que faremos em seguida.

- Então tá. Se é o que prefere.

- Woate!?

- General?

- Não comente com Zand e outros próximos os detalhes desnecessários do que falamos. Posso te pedir isso?

- Tudo bem. - Viex responde e sai da sala.

“Tudo bem, general. Vou ver o que posso fazer.”

- General?!

- Diga, capitão.

- Inimigos se aproximam!

- Quem?

- Navios de Noak vindo de Awra.

- Todos já devem estar de prontidão. Comunique-se com Zand. Quero que ele se aproxime da frota inimiga escoltado por nossos navios e que nos mostre o que seus aliados podem fazer nessa guerra.

A mensagem é levada pelos céus em toques de corneta. Na DiaboM logo a mensagem é retransmitida.

- Que navios? - Capitão Ched pergunta ao marinheiro.

- Creio que aqueles que estão se aproximando, senhor.

- Bem, então querem que nos aproximemos com esses navios fazendo escolta. Isso é perigoso. Zand?

- Acho que é uma boa hora para testarmos esse instrumento de comunicação de que vocês falam,

- Não é bem assim. Olhe: estaremos cercados por navios do exército de Wimow perto dos navios do exército de Noak. O que isso lhe diz?

Zand sinaliza não saber, com os ombros.

- Estaremos exatamente no meio da guerra, no meio de duas frotas! Faz ideia do risco que isso traz? Se começar a

confusão seremos os primeiros a afundar! Sem contar... Bem, sem contar a chance de ser uma armadilha e eles quererem nos entregar a Noak em troca de paz.

- Glouvy não faria isso.

- Por que não? Zand, em época de guerra os homens são capazes de qualquer coisa!

- Mas não vai haver guerra. - Quem fala é um dos estrangeiros de Klavor. - Tenho certeza de que os nossos homens entenderão o recado e tratarão de se afastar do conflito.

- Tenho dúvidas se são eles que controlam as embarcações.

- É, não devem ser, mas eles tem meios para se fazerem respeitados.

- Capitão? - o marinheiro pergunta, apontando para os navios que se posicionam para escoltar a DiaboM.

- Como!? Por que preciso ir no meio desses outros navios?

- Para segurança, senhor. Caso abram fogo, estaremos protegidos.

- Quem garante?

- Cyang? - É o estrangeiro que chama, já perto do objeto coberto.

Rapidamente os dois tiram a grande lona, revelando o majestoso órgão de guerra, com seu teclado de teclas redondas e seus tubos em caracol.

- Já perdemos muito tempo, capitão. Com todo o respeito, quero resolver logo isso para poder voltar pra casa. Não sei o quanto você sabe sobre guerra, mas na minha terra eu vivo em guerra desde criança. Finalmente minha terra está perto de ter paz e eu quero voltar pra lá pra aproveitar esse novo momento. Podemos ir?

Capitão Ched suspira pensativo, chama sua tripulação.

- Tudo bem, vamos seguir com isso, mas vocês vão ter que esperar um pouco.

E se tranca na cabine em uma reunião restrita à família da DiaboM.

Episódio 48: Homens de Noak, Wimow e Klavor

O som é limpo e intenso, quase ensurdecedor. A melodia é suave e triste, lenta.

- Essa é a mensagem? - General Glouvy franze a testa de sua cabine, enquanto olha pela janela (sem conseguir ver nada de importante). - Uma música? Eles estão brincando comigo...

Vai até a jarra e enche um copo de água. Bebe e vai para a popa avaliar melhor a situação.

- Sentinela? - Glouvy grita olhando para cima.

- Sim, general! - Um marujo responde do ponto de observação instalado no mastro.

- Relatório!

- O barco civil está à nossa dianteira. Os barcos inimigos continuam parados no horizonte.

- Isso não é bom... Welk, para a cabine.

- Sim, senhor.

Lá dentro, eles se sentam em torno da mesa.

- Qual o tamanho da frota de Noak?

- Não temos como calcular ainda, senhor. Estimo que tenha pelo menos um terço do tamanho da nossa, mas pode haver muito mais, se a frota se estender muito para Awra.

- Os homens estão a postos, hã?

- Sim, senhor. Ainda em estado de alerta.

- Muito bem. Se o plano de Zand não funcionar, partiremos para confronto direto. Quero que mude de barco e siga para o norte das nossas forças. Vamos expandir a frota, afastando os navios. Evite ao máximo sermos cercados para não perdermos uma rota de fuga.

- Entendido, senhor.

- Vá, não temos muito tempo.

- Sim, senhor!

Welk sai da cabine e toca sua corneta, enquanto o general avalia as possibilidades. Estão mais perto de Awra do que de Wimow e, afinal, vieram para a guerra. Vieram preparados. E até que os navios de Noak mostrem suas forças, não se pode dizer quem já entra no jogo com vantagem.

- Senhor? - Um marinheiro aparece à porta da cabine. - Tweek, comunicador, apresentando-se.

- Estava no navio que recebeu Welk, hã?

- Positivo, senhor! Aguardo instruções, senhor!

- Muito bem. Traga a bordo o capitão do navio mais próximo.

- Pois não, senhor!

“É importante manter Ey Vudeon informado sobre tudo o que está havendo.”

- Permissão para relatório, senhor!

- Concedida, Tweek.

- Os navios de Noak apresentam comportamento anormal. Relatos de que alguns deles vem em nossa direção, enquanto outros vagam em direções estranhas, sem bandeira. A maioria deles permanece parado.

- O capitão que lhe pedi?

- O navio está a caminho, senhor.

- Dispense-o, Tweek. E fique atento para me manter informado sobre qualquer novidade.

- Sim, senhor!

“É, parece que os bardos conseguiram...”

Navios de Noak se atacam uns aos outros, enquanto os marinheiros de Wimow apreciavam a cena, sob a trilha sonora de Cyang.

Poucos navios afundam, os outros se rendem.

- Então aqui estamos... - General Glouvy cumprimenta os recém-chegados à sua embarcação. Já estão em terra firme.

- Preferia que nos conhecêssemos em outra ocasião, longe desse clima hostil. Sou Twisk, de Klavor, ao sul.

- Sei, Klavorini Sul... Bom, Tweek, quero saber o que está havendo exatamente e porque você está aqui.

- Twisk. Vivíamos em guerra lá em Klavor, mas finalmente libertamos nossa terra das forças malignas que a comandavam. Com ajuda de Kokond, é verdade, mas percebemos que essa parceria não era saudável. Espero que cedo o suficiente para revertermos tudo.

- Também espero. Sobre os fatos recentes... Os soldados de Klavor agora o estão seguindo?

- Sim. Os marinheiros foram rendidos.

- Diga-me, Tweek. Vocês vem acompanhando nossas terras há muito tempo, hã?

- Não, senhor. Só recentemente os descobrimos, com a chegada de Kokond.

- E como falam nossa língua?

- Perdão. - Lortua intervem – De fato eles não falam nossa língua, entretanto desenvolvemos uma magia de comunicação que elimina essa barreira.

- “Desenvolvemos”? E quem é você?

- Nós da Academia para Magos de Vli, os que fomos a Klavorini Sul com Kokond.

- E você...

- Tive que ir também, já que não ir seria interpretado como traição ao grupo.

- Sei...

- Ele contribuiu conosco, impediu um golpe dos nossos antigos aliados. Se não fosse por nosso amigo Lortua, não estaríamos vivos aqui desfazendo a aliança.

- Certo. Bom, tudo está acontecendo de uma maneira muito estranha, é o que posso dizer. Tem alguma ideia do que faremos a seguir?

- Preciso reunir os homens de Klavor e voltar para nossa terra. Agora que estamos em terra, vamos procurar todos os soldados e voltar.

- Sei... Mas estamos em Awra, uma ilha, hã? Há muito mais terra no continente.

- Então terei que ir também pra lá. Antes vamos patrulhar essa terra para desfazer a aliança e dispensar os soldados. Os prisioneiros poderiam ser levados a Klavor, mas acho mais coerente deixá-los com vocês, se vocês desejarem.

- Também acho. Bem, mãos à obra então.

Episódio 49: No Continente

Nunca antes o salão principal do castelo de Ey Vudeon esteve tão protegido. No centro, os tronos ocupados pelo rei e pela rainha. A cerca de dez metros, uma linha de cadeiras com os convidados: Cyang, Twisk, Zand, Plórius, Glouvy e Viex. Ao redor, vários soldados de prontidão.

No canto da sala, afastado do grupo, sob forte vigilância, o mago Lortua espera sentado. Rei Gyo não se agradou com a presença de um mago no castelo, mas teve que aceitar, afinal era necessário para que pudesse conversar com os klavorenses. O problema é que o efeito da magia de comunicação dura uma hora (pelo menos foi o que Lortua afirmou). Por isso ele fica ali, para o caso de a hora passar, quando os dois estrangeiros irão até ele para renovar o efeito.

Capitão Ched e os outros preferiram ficar longe de toda essa confusão, hospedados na Praia.

- Quantos reinos havia por lá? - Rei Gyo pergunta, interessado.

- Eram três: Byuzk, Klavor e Jex. Mas isso já faz muito tempo. Há cerca de quinhentos anos, o reino de Klavor atacou e derrotou os outros dois, submetendo todos pela

força. Desde então vem massacrando os homens, divididos em duas castas: os seus amigos e o povo.

- Foi quando o tal Kokond chegou até vocês, certo?

- Sim, ele chegou lá e terminamos nos conhecendo.

Zand chama a atenção de Plórius e pergunta discretamente: “Notícias de Eve?”. “Houve muitas baixas e eles ainda estão lutando na fronteira”.

- Mas me diga: se esse poder está lá há mais de meio século, o que tem a ver com vocês? Por que vocês não foram viver suas vidas?

- Porque não havia “nossas vidas”, que pudéssemos viver. Você, com todo o respeito, não sabe o que é viver controlado por um enorme exército, vendo amigos sendo levados para nunca mais voltar apenas por terem bebido demais e falado que não estavam satisfeitos com o regime atual. Por isso, temos uma resistência.

- Antiga?

- Não. De tempos em tempos devem ter surgido outros grupos de resistência, mas nós tivemos a sorte de encontrar reforços. Ou melhor, o que a princípio interpretamos como sorte. Além disso, Jyus é descendente dos Jex e tem direito a reivindicar o trono.

- O do seu território, creio eu.

- Não há mais divisão clara dos reinos. E para reparar a injustiça que sofremos por séculos, é justo que o reino de Jyus seja o reino inteiro.

- E se aparecer um descendente de Byuzk?

- Não sei o que podemos fazer.

- Glouvy?

- Perdão, majestade. Penso que podemos nos aprofundar na História e na Política de Klavorini em um outro momento futuro. Por enquanto estamos em guerra aqui e, pelo que Plórius me disse, o cenário não está nada animador.

- Hmmm... Está bem, Glouvy. Vamos tratar da guerra. Twisk? Este seu nome, não é?

- Sim.

- Quando tudo isso acabar, gostaria de recebê-lo em meu castelo por uns dias, para que possamos falar sobre nossas terras, para conhecimento mútuo.

- Não sendo muitos dias, acho que será proveitoso.

- Acertado então. Plórius, pode falar da situação atual?

- Pois bem. A notícia que temos é que perdemos muitos homens naquela investida em Wogyau. Não sabemos ainda se a aliança foi informada sobre nossos movimentos, mas de um modo ou de outro eles se dividiram em três grupos e partiram para outras cidades. As nossas tropas também foram divididas para caçá-los e nisso tivemos muitas baixas. Praticamente metade dos homens foram abatidos.

~ O grupo se reuniu em Zax. As cidades já tomadas continuam sob poder dos clãs, mas parece que o esforço de Eve, Gloanloi e Ondité conseguiu acabar com as forças de conquista aqui em Wimow. Em Surdi, cidades continuam sendo tomadas e suspeitamos que estejam se aproximando de Wiogee para depois voltarem contra o castelo de Surdi em Phyuge, já que Wiogee está fragilizada pela perda recente dos seus reis, Phyuge fica próximo da fronteira com Wiogee e tem um governante relativamente jovem.

~ Acredito que os clãs estavam agindo aqui em Wimow só para nos distrair, para nos afastar de Ey Vudeon e nos atacar com as forças que estavam concentradas em Awra.

- E o que faremos agora? - general Glouvy pergunta – Podemos retomar as cidades já conquistadas.

- Podemos, mas eu prefiro que essa arma secreta de Klavorini Sul vá até Zax somar ao nosso contingente de lá.

- Certo, e podemos começar limpando Wogyau.

- Não. - Rei Gyo intervém, sério. - Nossa situação está mais controlada do que dos nossos vizinhos e não podemos deixar os clãs avançarem ainda mais. Se nós nos detivermos aqui, os clãs vão se fortalecer tomando Wiogee e Surdi.

~ Eles certamente não tem mais um líder carismático. Plórius? Procure Wofye e peça para construir ainda hoje uma carroça para levar o instrumento musical, puxada por quantos cavalos forem necessários.

- Perfeito, majestade. - Plórius sorri.

Na manhã seguinte partia o grupo de soldados. Com Plórius, Twisk, Viex e Zand à frente. O objetivo: chegar até Zax e vencer a guerra.

- Não encontrei movimentações por lá, apesar de sentir que ainda há bastante maldade em suas ruas. - Gloanloi expõe o resultado de sua análise.

Estão reunidos na casa do prefeito de Zax, que se tornou o quartel general do exército de Wimow. A família do prefeito se incomoda com a movimentação, mas não sai e, no fundo, se sente mais segura com tantos soldados por perto.

- Assim sendo, devíamos seguir para Surdi.

- Mas você acabou de dizer que há maldade lá. Não podemos deixar o inimigo enraizado aqui em Wimow. - Ondité protesta.

- Entenda que a situação em outras cidades está muito mais grave do que lá em Wogyau. Não faz sentido irmos lá.

- Não posso deixar o território de Wimow sem que esteja em segurança.

- Estamos aqui decidindo quem vai morrer, dentre os inocentes. É a vida de muitos contra a vida de poucos.

- Não importa, não agora. Você mesmo disse que sentiu presença dos assassinos pelas ruas.

- Mas não há movimentação.

- Eles podem estar arquitetando alguma coisa.

- Eve?

- Quê? - Desperta de uma rápida distração, ela encara o capitão e o paladino por um momento. - Tanto faz, desde que a gente saia logo daqui e vá fazer alguma coisa. Ficar aqui parado não resolve nada.

- Glaz?

- Permissão para falar, capitão?

- Concedida.

- Acabamos de receber informantes de Ey Vudeon.

- Qual a mensagem?

- Para permanecermos em Zax. Um grupo de reforço está vindo.

- Zand vem com eles? - Eve pergunta, de súbito.

- Não há mais informações, senhorita.

- Tudo bem, Glaz. Previsão para a chegada?

- Não foi informado, capitão. Foi informado apenas que a movimentação deles será mais lenta do que o habitual.

- Entendido. Algo mais?

- Não, senhor.

- Dispensado. - Ondité fala e se volta para os outros dois. - Pelo visto, não temos o que discutir. Temos ordens diretas para continuarmos aqui.

- Não aguento mais isso. Ondité, gostaria de treinar pra passar o tempo. Ao menos isso. Pode me dar um grupo de soldados?

- Que tipo de treinamento?

- Com armas não letais, ora! Espadas de madeira, ou reais. Não importa. Preciso me ocupar e praticar mais.

- Tudo bem. Vou arrumar dez homens, mas não os incapacite: já temos soldados de menos para lidar ainda com fogo amigo.

- É claro.

- Quanto a mim, já vou indo.

- Aonde, Gloanloi?

- Ora, essa viagem vai demorar muito e temos muito poucas informações a esse respeito. Vou procurar os reforços e ver o que posso descobrir.

- É uma boa ideia.

- Eles não dizem do que se trata. Após muita insistência, contaram sob condição de eu revelar apenas a vocês dois. E nós três não revelarmos a mais ninguém.

- Tudo bem, e quais são os reforços?

- Homens de Klavorini.

- Como!?

- Vieram desfazer a aliança com os clãs e trazem um equipamento que pode anunciar aos seus conterrâneos sobre a decisão.

- Isso é fabuloso! A guerra pode terminar rápido, já que os bárbaros de lá são o maior número entre eles!

- E Zand? - Eve pergunta, enxugando a testa com uma toalha.

- Está vindo com eles, e também perguntou por você.

- Quanto tempo ainda eles levarão?

- Alguns dias, com certeza. Talvez uma semana, talvez até mais do que isso.

- Então vamos esperar.

- Ondité. - Eve fala, logo após se levantar. - Preciso de outro grupo. Os que você me designou não têm mais forças.

- Vou providenciar, daqui a alguns instantes. - Ondité responde, disfarçando a surpresa.

- Pra quê tanto treino?

- Esse corpo... É muito fraco. Você viu o tipo de arma que os homens de Klavorini usam? Não descansarei até conseguir usar uma daquelas com a mesma facilidade com que uso um sabre.

Mal diz isso, já sai da sala, deixando os dois pensativos.

- Zand é um homem de sorte...

- Como?! - Gloanloi pergunta.

- Se ela for tão vigorosa na cama como é na guerra...

- Capitão?

- Já chegaram?

- Ainda não, só ele.

- Onditê?

- Zand! Sejam bem-vindos.

- Resolvi vir na frente. Os outros devem chegar dentro de três horas.

- Tudo bem. Sente-se.

- Obrigado.

- Ela foi tomar banho.

- Como!?

- Eve! Você veio à sua procura, não é?

- ...

- Estava lutando em treino – é só o que tem feito – quando um dos sentinelas veio anunciar a aproximação do grupo de vocês. Ela deve chegar logo.

- Tá, o que aconteceu exatamente com vocês três? A divisão dos soldados e os ataques contra os aliados...

- Havia um mago chamado Xaigrir. Não sei bem como, ele conseguia mudar sua própria aparência e se passou por Eve. Conseguimos derrotá-los com poucas perdas. Isso foi em Efri. Quanto aos outros dois grupos, foram liderados

um por Eve e o outro por Gloanloi. Também encontraram magos, mas com especialidades diferentes. Gloanloi enfrentou um ilusionista que...

- Zand.

- Oi, Eve.

- Não quero atrapalhar. Continuem.

Antes que um dos dois fale qualquer coisa, ela sai da sala.

- Bom, continuando: Gloanloi encontrou um mago que foi capaz de criar uma miragem no meio da estrada, fazendo com que pensassem estar chegando a Bruaz. Felizmente, ele percebeu a artimanha e...

“Eve...”

- Então esta é a arma? Vocês não fazem ideia de como eu estava curioso a seu respeito. - Gloanloi fala, admirado.

- Certo, qual o plano agora?

- Vamos até Wiogee, se ainda não foi tomada pelos clãs, hã? Se não, iremos a Surdi. O destino final é Noak, e assim desfazemos suas forças.

- Certo, posso voar até lá e ver como está a situação, Plórius.

- Estava contando com isso.

- Então eu volto e o grupo parte para Wiogee ou Surdi.

- Tudo bem, todo o grupo vai descansar, enquanto você vai. Ao seu retorno, partiremos. Twisk?

- Já sabe que por mim, tudo bem.

- Combinado. Vou indo então.

Assim aconteceu. As forças que rumavam a Wiogee eram justamente as que foram derrotadas na missão de Wogyau. A mudança nos planos exigiu um novo grupo partindo no mesmo trajeto, dessa vez cruzando Surdi, mais longe de Wimow. Para a própria segurança dos clãs, passaram por cidades já tomadas. Passavam pela pequena cidade de Chavya quando voram alcançados.

Primeiro, por Gloanloi, Viex, Eve, Zand, Ondité e algumas dezenas de homens. O objetivo: atrasá-los por algumas horas até a aproximação do outro grupo.

Quando aquela melodia soou, havia algumas centenas de bárbaros na cidade. A luta, até aquele ponto, havia sido conduzida de modo a poupar o máximo de vidas possível. Alguns soldados morreram, dos dois lados. Mas quando a melodia soou, os homens de Klavorini simplesmente

congelaram. Alguns se agruparam em equipes de conterrâneos, fazendo formação defensiva e esperando. Alguns entraram em batalha contra os antigos aliados. Outros procuravam a origem do som.

Naquele instante todos sabiam – estava escrito nas terras e no ar – que a guerra havia terminado.

- Já faz alguns meses desde que nos vimos, Twisk.

- Sim, majestade.

- Graças a sua colaboração, a guerra terminou. Essa mesma colaboração foi o que levou a guerra ao início, portanto acho que seus atos apenas repararam o erro. De qualquer forma, somo-lhe gratos.

- Gratos somos nós pela compreensão. Agora finalmente podemos voltar às nossas terras em paz.

- Não sem antes se hospedar em meu palácio por uma semana, lembra?

- Claro, certamente.

- Pois é, meus amigos. Estamos passando por momentos difíceis. Fuzeddin está pronto para receber o reino de sua família. Conversamos muito nesses meses e creio que fará

um bom trabalho. Tudo terá que ser reconstruído por lá. Não tenho dúvida de que Woate ajudará nesse sentido.

- Certamente, majestade.

- Como sabemos, não faz muitos anos que Obwir assumiu o reino de seu pai. E nos últimos meses, a princesa Cyel teve que assumir prematuramente o reino de toda Wiogee.

~ Quanto a mim, como veem, já tenho idade bastante avançada e não devo durar muito tempo. Não tenho herdeiros diretos, logo a família de minha esposa herdará o reino de Wimow. Para bem ou para mal? Não há como prever. Só prevejo que os tempos estão mudando.

~ Quanto a Awra, sempre respeitei sua opção por um regime descentralizado, entretanto isso se mostrou um erro dados os últimos eventos. Por isso, gostaria que fosse instituído ali um novo tipo de governo.

~ Teria prazer em receber Awra como parte de Wimow, não houvesse tantas preocupações já em nossas terras nesses momentos difíceis. E a distância dificulta a gestão, de certa forma. Por isso – e para que o nome de Awra não caia no esquecimento como ocorreu com nossos vizinhos em Klavorini -, cheguei à conclusão de que eles precisam de regentes fortes, de carisma, que possam ser respeitados, tenham sabedoria para conduzir aquelas

terras e que, principalmente, sejam de minha confiança, já que estamos tão pertos. Pensei em dois nomes para essa nobre e difícil missão.

O salão do palácio de Ey Vudeon é tomado por silêncio. Todos se olham, tentando adivinhar os pensamentos do rei. Muitos chegam perto.

- Estou numa posição difícil. Não sei se cabe a mim decidir por Awra, mas minha decisão também leva em conta os serviços prestados àquele povo. Minha dúvida é entre Eve ou Zand.

Alguns risos discretos pela sala só aumentam o constrangimento dos dois. Após vê-los um tempo sem ação, o rei conclui.

- Claro que não tenho objeção se forem os dois juntos a conduzir aquelas terras. Pelo contrário, teria duas pessoas de minha confiança e respeito por lá. O que pensam disso?

Sem saber o que dizer e o que não dizer, encurralados, os dois apenas gesticulam em confirmação.

- Então que haja festa! E tem que ser logo, afinal nossos convidados de Klavorini não podem perder essa comemoração!

Em meio a falas e risos de euforia que preenchem o salão, Eve e Zand apenas se olham e sorriem, vencidos, mas no fundo felizes por isso.